3 1761 07041716 7

POESIAS

DE

ANTONIO DINIZ DA CRUZ

E SILVA.

Na Arcadia de Lisboa

ELPINO NONACRIENSE.

TOM. I.

Que contém os Sonetos.

LISBOA. 1807.

NA TYPOGRAFIA LACERDINA.

Rua da Condeça ao Carmo. N. 19.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

PQ
9261
C875P6
L.1

LIBRARY
1968
UNIVERSITY OF ILLINOIS

CENTURIA 1.ª

Eu já tenho formado hum monumento
Mais duravel q̃ o bronze: hão de meus versos
Levar até aos Seculos futuros
D'Elpino o grande nome.

Diniz, fragm.

SONETO I.

SE ouvindo-me cantar alguem presume,
Que eu vivo n'hum feliz contentamento;
Quanto se engana neste pensamento!
Que Amor com mil tormẽtos me consume:

Crueis saudades, matador ciume
De tregoas me não dão nem hum momento;
E se em doce armonia rompo o vento,
Canto, mas não por gosto, por costume.

Canto, como o que a banco aferrolhado
Vendo os roixos vergões do grilhão duro,
Vai varrendo c'o remo o mar salgado;

Ou como o q̃ em segredo horrendo, e escuro
Afflicto espera o dia assignalado,
Em que expie seu sangue o crime impuro.

II.

EM doce paz gostava venturoso
A tenra flor de meus primeiros annos,
Sem conhecer a força, e os enganos
Com que nos prende Amor astucioso:

Pouco durou estado tão ditoso,
Pois o cruel, que urdia já meus dános
De improviso n'huns olhos soberanos
O coração me assalta rigoroso.

Eu, que inda o furor seu não conhecia,
Traidor ao coração, com meu desejo
Na batalha o cruel favorecia.

Venceo em fim o seu poder sobejo;
Mas eu bem caro pago a aleivosia,
Pois sem resgate escravo vil me vejo.

III.

OH Carcere feliz! onde a formosa
Nize minha me guarda, e tem cerrado;
Não porque tenha contra as leis peccado,
Mas de subito acaso receosa;

Ao triste som da chave rigorosa
Se assusta o preso, e eu fico alvoraçado,
Pois Juiz não espero carregado,
Nem de quebrada lei pena horrorosa:

Mas, o ver por alguns curtos espaços
Da gentil Carcereira o gentil rosto,
Que me soube forjar tão doces laços;

Mas, a pena que Amor me tem imposto,
Que he, por culpa de amalla, nos seus braços
Entre suspiros mil morrer de gosto.

IV.

JA' se vai das estrellas apagando
A scintilante luz, e a roixa Aurora,
Das aves despertando a voz canóra,
Que alegre no Oriente vem raiando!

Do Orizonte o clarão annunciando
Do Sol a nova vinda as nuvens córa,
Que em orvalho desfeitas vão agora
As viçosas hervinhas prateando.

Vem, graciosa manhá, e a sombra fria
Ligeira desfazendo, vem de Elpino
Encher o triste peito de alegria.

Pois hoje a pesar de seu destino
Outro mais bello Sol, que lhe encobria,
Verá de huns olhos no fulgor divino.

V.

„ VEm, oh rosada Aurora, vem rompendo
„ A estrada de Safir ao Sol luzente,
„ Vem, outro Astro verás em seu Oriente,
„ Com raios immortaes resplandecendo.

„ Nize verás, a cujos pés eu rendo
„ A que empunho voraz foice contente,
„ Mais bella scintilar, co'a luz ardente
„ De seus olhos a tua escurecendo.

„ Vem, verás este assombro soberano,
„ Que neste alegre suspirado dia,
„ Augmenta as graças, augmẽtando hũ anno.

Assim ledo o veloz Tempo dizia,
E a fausta luz sahindo do Oceano
Encheo a terra toda de alegria.

VI.

EU vejo,ai triste!Vejo Amor, que irado
De mim em torno esvoaçando gira,
Contra ti se prepara a sua ira,
Coração imprudente, e desgraçado!

Já tenta as armas, e o farpão doirado
Do doirado carcaz ligeiro tira;
No arco o embebe, e com furor o atira:
Ai! que já dentro em ti está cravado!

Em paz viveste, e em doce paz vivêras,
Mesquinho coração, ainda agora,
Se da Razão aos brados attendêras;

Fugiras desta selva encantadora,
Onde morada tem mil Circes feras;
Mas não quizeste, sem remedio chora.

VII.

QUe esperas, coração, no louco intento
De huma ingrata adorar sempre constante?
Talvez o nome ter de fido amante?
Mas val hum nome vão tanto tormento?

Em premio de teu puro rendimento,
Que vês se não rigor a todo o instante?
Ah! que já padecido tens bastante!
Muda sim, coração, de pensamento.

Não he Jonia mulher, nem he possivel:
Pois a sello, teu mal, tua ternura
A terião tornado já sensivel:

He dura penha, e mais que penha dura;
E hum marmore adorar duro, insensivel,
Constancia não se chama, mas loucura.

VIII.

TOdo em seus pensamentos elevado,
Do Nabão pelas margens discorria
O triste Elpino, a quem Amor havia
Em duro cativeiro a Jonia dado:

Humas vezes n'hum tronco levantado
Da pastora, beijando-o, o nome abria,
Outras vezes ao vento o repetia
Entre mil ais de lagrimas banhado.

Depois de assim gastar váamente a tarde,
„ O' mais dura, bradou, que as duras penhas,
„ Pois que tens de matar-me feito alarde,

„ Quando será que branda a ver-me venhas,
„ Sem que esta dita teu rigor retarde? „
= Tarde = lhe torna o Eco d'entre as brenhas.

IX.

AQui entre estas arvores viçosas
As redes armarei: tu Vincio, em tanto
Bate a selva, e fugindo com espanto,
As aves nellas dar verás medrosas.

Aves, que pelas matas mais frondosas
Sois de quem vos escuta doce encanto,
Vinde ás rêdes, deixai o alegre canto,
E de Jonia sereis, Aves ditosas.

Ah! Vinde, Aves, deixai o bosque espêsso,
Lá soltareis o canto lisongeiro,
Os laços não temais, que aqui vos teço;

Ser, qual eu, não temais seu prisioneiro:
Pois inda que o ser livre não tem preço,
Tambem preço não tem seu cativeiro.

X.

DA bella Mãi perdido Amor errava
Pelos Campos, que corta o Tejo brando,
E a todos quantos via suspirando
Sem descanço por ella procurava.

Os farpões lhe cahião da aurea aljava;
Mas elle de arco, e setas não curando,
Mil glorias promettia soluçando
A quem á Deosa o leve que buscava:

Quando Jonia, que alli seu gado pasce
Enxugando-lhe as lagrimas, que chora,
A Venus lhe mostrar leda se offerece:

Mas Amor dando hum vôo á linda face,
Beijando-a lhe tornou: „ Gentil Pastora,
„ Quem os teus olhos vê, Venus esquece. „

XI.

AGora, que da noite vem rasgando
O negro manto a destrançada Aurora;
E das aves a musica sonora
Alegres alvoradas lhe está dando;

Agora, que as boninas borrifando,
Com que os prados tapiza a linda Flora,
Vai nas conchas as lagrimas que chora
Em miudos aljofares tornando:

Vem, oh Jonia, com tua formosura
Encher tambem meus olhos d'alegria,
Que sem ti sempre estão em amargura:

Vem, verás da saudade a sombra fria
Desfazer-se, assim como a noite escura
Se desfaz com a luz do novo dia.

XII.

DA Região do Tartaro sombria
Tornava Orfêo de Euridice seguido;
E tanto espaço tinha já subido,
Que quasi a luz do Sol já descobria.

Quando o triste, que em vivo fogo ardia,
Da Lei que lhe impozerão esquecido,
Ou da força do cego amor vencido,
Os olhos volve á Ninfa, que o seguia.

Ah doido Orfêo! a tua impaciencia
Te perdeo; que outra vez a cara Esposa
Te arrebata dos Manes a violencia.

Mas qual alma será, Jonia formosa,
Que ter amando possa paciencia
Para não ver a quem ama saudosa.

Este Soneto foi trabalhado sobre o mesmo objecto que o do n. 21.

XIII.

DEsenganado está meu pensamento
De quantos bens Amor me promettia;
Ah quanto me enganava quando o cria,
Quando fiz em seus gostos fundamento!

As promessas, a fé, o juramento,
Doce illusão da louca fantasia,
Tudo já se acabou; e n'hum só dia
Desfeito pelos ares leva o vento.

Ao Desengano pois huma Ara alcemos,
Alli ternos desejos, e esperança,
A pesar da vontade, lhe immolemos:

E de incautos mortaes para lembrança,
Na tribuna estas letras entalhemos:
„ Ninguem ponha em mulheres confiança. „

XIV.

AQui sentado neste molle assento,
Que formão as hervinhas deste prado,
Em quanto a verde relva pasce o gado,
Quero ver se divirto o meu tormento.

Que fresca a tarde está! que brando o vento
Move as agoas do rio socegado!
E como neste choupo levantado
Se queixa a triste rôla em doce accento!

As flores com suavissima fragancia
As aves com docissima armonia
Fazem mais alegre esta fresca estancia:

Mas nada os meus pesares alivia;
Que da minha saudade a cruel ancia
Me não deixa hum instante de alegria.

XV.

EM saudosas lembranças elevado,
Pelas margens do Tejo discorria
Elpino, que c'o pranto que vertia
O rio augmenta, enternecendo o prado:

Sem governo deixando o pobre gado,
Delle, de si, da choça se esquecia;
Que Marfida cruel, por quem morria,
Lhe não deixa ter livre outro cuidado.

Eis-que apparece a Ninfa, e de repente
No alento que toma hum doce ai respira,
Com o gosto que tem de a ver presente:

Mas vendo que ella delle se retira,
Suspirando outra vez diz descontente:
„Se me havias fugir, quem te não vira!„

XVI.

A Mor, que solto do grilhão primeiro
Andar me via, e via espedaçado
O ferreo jugo, em que gemi atado
De Jonia no tiranno cativeiro;

Na officina cruel forjou ligeiro
Novo grilhão mais duro, e mais pesado,
E depois que me teve maneatado,
A Auliza me entregou por prisioneiro:

Não contente de tanta segurança,
Fechou c'hum cadeado inda mais forte
Outra grossa prisão, que alli me lança;

Então porque no horror de minha sorte
Eu d'abrillo perdesse a esperança,
A dura chave entrega a dura Morte.

XVII.

SUspende, ingrata Ninfa, a crueldade
Com que pagas a minha idolatria;
Que não offende a tua sobrania
Quem humilde te rende a liberdade.

Se de teu alto ser a qualidade
Pertendes abonar na tirannia,
Quanto se engana a tua fantasia!
Que attributo he dos Numes a piedade.

Se á proporção que em ti o odio insano,
Em meu peito de amor o incendio crece,
Nem por isso immortal julgues meu dáno.

O bem da liberdade nunca esquece;
E se o Cetro a reger sobe hum Tiranno,
Ou talvez se depõe, ou se aborrece.

XVIII.

ESte de castas rôlas par mimoso,
Que á rede ontem colhi em meus pomares,
Aqui, Diana, sobre os teus Altares
Tirinto te dedica respeitoso:

Esta noite será o mais ditoso,
Se seus fervidos votos escutares:
Ah! turba, branca Lua, os sutis ares,
E á terra esconde o rosto teu formoso.

Não só de Niza o Deos suas orgias
Aos olhos dos mortaes cerrar procura,
Amor quer mais segredo, e mais cautela:

Ah tu o sabes bem, ó Deosa bella!
Que entre as sombras da noite triste e escura
A ver o Tegeo Pan do Ceo descias.

XIX.

SObe da opaca terra produzido
A condensar-se no ar vapor grosseiro,
E mal alli se vê, quer atrevido
Cobrir os raios do maior luzeiro.

Mas dos brilhantes raios reprimido,
Deixando a esfera a que subio ligeiro,
Torna a buscar a terra, reduzido
Ao seu humilde antigo ser primeiro.

Sol he minha constancia na pureza,
He grosseiro vapôr a falsidade
Tramada de almas vís pela baixeza:

Ouse embora offuscar-lhe a claridade,
Que desfeita a verás na ousada empreza,
Pelas triunfantes luzes da verdade.

XX.

NO liso tronco de hum viçoso Ulmeiro,
Ao raiar da manhã serena, e fria,
Com a doirada seta Amor abria,
Todo em riso banhado, este letreiro:

„ Vem doirado Planeta, vem ligeiro
„ A encher o mundo todo de alegria;
„ Pois este que nos trazes almo dia
„ Foi dos dias de Filis o primeiro.

Acabou de escrever, e em continente
Hum enxame de Amores, que o cercava,
Entoou doces Himnos docemente.

„ Longos annos feliz (cada hum cantava)
„ Vive ó Filis gentil, vive contente. „
„ Vive contente „ o Eco replicava.

XXI.

QUe te ame, e não veja determinas!
Que nova especie he esta de tormento?
Quanto Jonia te enganas, se imaginas,
Que em amor póde haver tal soffrimento!

Quem já mais pertendeo, que ás cristallinas
Agoas não corra o misero sedento?
Ou da fome entre as ultimas ruinas,
Que o faminto não busque o alimento?

Não esperes pois, não, que a lei tão forte
Haja meu coração de obedecer-te,
Seja qual quer que for a minha sorte.

Que antes (bem q̃ disso hajas de offender-te)
Mil vezes me exporei á cruel morte,
Que huma só occasião perca de ver-te.

XXII.

SE Aglaia ama a Fileno, eu não lho invejo,
Pois que della já fui tambem amado,
Vós testemunhas sois praias do Tejo,
E vós campos do Caia socegado:

Farte pois em delicias o desejo
Fileno, em quanto lho consente o fado:
Que o tempo correrá, e despresado
Nas magoas se verá, em que eu me vejo.

Tempo virá tambem, que Amor severo
De tanta ingratidão tome vingança:
Sim debalde tiranna o não espero:

Sentirás do que amares a mudança,
E quanto custa a hum coração sincero
O erro alheio, a perfida esquivança.

XXIII.

POr hum monte coberto de verdura,
Que se vai no Mondego despenhando,
Vinha o saudoso Elpino descantando
De sua amada Ninfa a formosura.

Soava a doce voz pela espessura,
Os mais duros rochedos abalando;
E por ouvilla as agoas enfreando,
Não corre o rio, a fonte não murmura.

Cançado de lidar com a fantasia,
No ramo de hum carvalho pendurava
A frauta, com que o vento adormecia:

E na terra, que em lagrimas banhava,
Com a ponta do cajado *Auria* abria;
E suspirando immovel se ficava,

XXIV.

BRincando Amor voava sobre as flores,
Que o brando Tejo nas ribeiras cria;
E brincando nos ares, o seguia
Huma banda de amigeros amores:

A nuvem dos travessos voadores
Ora sobre hum rosal veloz descia,
Ora em circulos mil aos Ceos subia,
Encobrindo do Sol os resplandores.

Eis-que então apparece alli Tersea,
E dos Irmãos seguido o Deos menino,
Sobre a Ninfa voou logo direito.

De Amorinhos se vio subito chêa;
Mas fosse por acaso, ou por destino,
Só sem amores lhe ficou o peito.

XXV.

NAs lágens de huma fonte clara, e pura
O desgraçado Elpino se sentava,
E chorando as correntes augmentava,
Que brota de seu seio a rocha dura:

Impressa na memoria a formosura
De Jonia ingrata, a quem fiel amava,
Em queixas o pesar desafogava,
Que o coração lhe enchia de amargura:

A Lira com que as agoas suspendia,
Transtornado da dor destas memorias,
Quebrando dos penhascos na dureza;

„ Despedaça-te ó Lira, lhe dizia;
„ Pois instrumento proprio para glorias
„ Não serve a quem só vive de tristeza.

XXVI.

AGora que o Sol vai para o Occidente
Os seus brilhantes raios inclinando,
E hum doce e fresco Zefiro soprando
Dos barcos incha as velas brandamente;

Agora que nas grutas, que a corrente
Do Tejo pouco e pouco foi cavando,
Os molhados chinchorros pendurando,
O lasso pescador dorme contente.

Saião do peito as ancias, que recata
Ha tanto tempo nelle o soffrimento,
Só por não offender quem me maltrata.

Mas onde me transporta o sentimento?
Se he tão sublime a causa, que me mata,
Que inda sou devedor ao meu tormento!

XXVII.

PRimeiro, bella Auliza, o manso rio,
Que o valle agora busca socegado,
Tornará para o monte arrebatado,
Mudando de seu curso o certo fio:

Primeiro entre o ardor do seco Estio
O verás todo em neve congelado,
E correr em incendios abrasado
No meio do rigor do Invérno frio:

Primeiro seu cristal as lindas flores,
De que as margens frescuissimas arrêa,
Mudará em espinhos, em abrolhos:

Primeiro de seu centro os moradores
Contentes salta ão na branca arêa,
Do que eu deixe de amar teus bellos olhos.

XXVIII.

ESta de alvos jasmins fresca capella,
Rociada das lagrimas da Aurora,
Jasmindo jardineiro, oh linda Flora,
A ti de seu vergel guarda e tutella,

Pendente nesta rustica capella,
Onde teu vulto sem cessar adora,
Entre as outras offrendas deixa agora,
Pois que não póde mais, oh Ninfa bella.

Se o puro dom te he grato, teus favores
Próvem, Nume gentil, a todo o instante
De seu pobre jardim plantas, e flores:

Assim vejas em torno a teu semblante,
Batendo as leves azas de mil cores,
Zefiro suspirar sempre constante.

XXIX.

SE desse activo incendio a atrocidade
As lagrimas provoca, que derramas;
E de piedosa ao alheio mal te acclamas,
Vendo a sua cruel voracidade:

Como (oh Ceos) cresce a tua crueldade,
Quando hũ vivo volcão n'alma m'inflammas!
Julgas, Auliza, acaso aquellas chamas,
Que as que sinto mais dignas de piedade!

Esse alcaçar do fogo entre os furores
Se acaba em frias cinzas transformado,
Falta-lhe o sentimento a seus rigores.

Mas quanto peor he o meu estado;
Pois sem me consumir em seus ardores
Em fogo mais voraz vivo abrasado!

XXX.

HE esta por ventura a praia amena
Do manso Tejo? he este o monte erguido,
Onde n'huns negros olhos escondido,
Me fez contente amor com minha pena?

He este o bosque, que aura tão serena
Derramava do vento sacudido?
Ou este o verde choupo, em que esculpido
Deixei o nome, que meu mal serena!

Quão outro tudo está, quão demudado!
Perdeo graça, perdeo a formosura
Do alegre tempo por meu mal passado:

Mas oh! como se engana a conjectura!
Inda tudo conserva o antigo estado,
Sómente se mudou minha ventura.

XXXI.

N'Huma pequena barca, que cortava
Com branda viração o Tejo brando,
E com a proa as ondas escrespando,
O rio d'alva escuma coalhava;

Em quanto Amiclas pescador lançava
A rede, com que o pego ia cercando,
Do namorado peito a voz soltando,
A's Tagides gentis assim fallava:

„ Este lanço, que ás vossas agoas fio,
„ Tirallo para Aglaia Amor deseja,
„ Ninfa a quem entregou seu senhorio:

„ Fazei pois, que de peixe cheio o veja;
„ Assim nunca se turve vosso Rio,
„ Porque Serrano vil morra de inveja.

XXXII.

SE castigo quem te ama só merece,
Quem delle julgas tu Auliza izento?
Se na trança, que entregas solta ao vento,
Sutís redes Amor ás almas tece.

Ninguem, que teus gentís olhos conhece,
Aos raios que despedem cento e cento
Resiste; porque o mesmo entendimento
Por gloria seus incendios appetece.

Pois como contra mim só se conjura
Injustamente teu rigor profundo
Na féra semrazão de castigar-me?

Se te ama todo o Mundo a formosura;
Ou tiranna castiga todo o Mundo,
Ou deixa, bella Auliza, de matar-me.

XXXIII.

SOnóro Roixinol, que modulando
Teu mal estás, tão cheio de ternura,
Companheiro em mim tens na desventura,
De que aos ares em vão te vás queixando.

Igual destino a ambos foi tramando
A mão mesquinha da desgraça escura;
Tu cantas docemente em prisão dura,
E eu em dura prisão estou cantando.

Mas ai! que se a fortuna desabrida
Igual causa nos deu ao sentimento,
He minha magoa muito mais crecida:

Pois tu dentro no carcere violento
Alivio dás cantando á triste vida,
Eu dobro com meu canto meu tormento.

XXXIV.

POr hum prado esmaltado de boninas
O Mondego corria saudoso;
Com suave fragancia o valle umbroso
Perfumavão de em torno as flores finas.

Pelos ramos mil aves peregrinas
Formando hum coro estavão deleitoso;
Brilhava o Sol, descendo vagaroso
A banhar-se nas Ondas cristallinas.

Entra Elpino no valle e de repente,
Escutando seus ais cheio de espanto,
Corre o Sol a esconder-se no Occidente:

Deixão as aves o sonoro canto,
Murchão-se as flores, turva-se a corrente:
Tanto de hum desditoso póde o pranto!

XXXV.

SE queres (diz a Jonia hum dia Elpino)
O numero saber das crueis dores,
Que causão em meu peito teus rigores
Por força de teu genio, ou por destino;

As arêas do rio cristallino,
Ou do campo esmaltado conta as flores;
Conta da escura noite entre os horrores
No claro Ceo os astros de oiro fino.

Mas em vão contarás; pois que igualallas
Do mar não pódem, terra, e firmamento
As arêas, as flores, as estrellas.

E se ha com que tu possas comparallas,
As tuas graças são, gentil portento;
Pois que conto não tem assim como ellas.

XXXVI.

EU vi (vista cruel !) toda banhada
De largo pranto em negra vestidura,
E da rama de hum teixo triste e escura
A altiva Lusitania coroada :

Dos tributarios Rios rodeada,
Aos Ceos clamava chêa de amargura;
Mas inda em tanto horror, e desventura
Oh quanto se fazia respeitada!

Eis huma alegre voz nos ares sôa :
„ He livre o teu Senhor, enxuga o pranto: „
A estes écos da fronte arroja a crôa ;

Despe impaciente o luctuoso manto,
E os Rios d'agoa ao som cada hum entôa
De immenso prazer chêo hum novo canto:

Foi feito em 1758.

XXXVII.

ANte as tremendas Aras de Cupido
Prostrado Elpino sóluçando implora,
Que a Marilia cruel, e enganadora
Abrase, e em cinzas torne enfurecido.

Que os olhos ao encanto appetecido
Da graça feche, que nos seus lhe mora;
Que a não crèa, se chora, porque chora,
Qual crocodilo infame, e fementido.

Isto Elpino rogava; e Amor ligeiro
Lhe passa o coração, do arco irado
Despedindo veloz a seta dura.

E depois lhe bradou: „Pastor grosseiro!
„Assim castiga Amor quem pede ousado
„Crueis vinganças contra a Formosura. „

XXXVIII.

GRaças te dou, oh sabio Desengano,
Pois já para teu Templo os passos rejo;
Esta terra que piso, adoro e beijo,
Livre dos laços do traidor Engano.

Aqui no teu Altar, Nume soberano,
Onde tantos grilhões pendentes vejo,
Tambem deixo as cadeas, que sem pejo
Tanto tempo arrojei para meu dáno.

Respire o coração da Liberdade
Vendo o rosto gentil, que ha tanto occulto
Me trazia de Amor a falsidade:

E na Ara, em que rendi infame culto
A' que eu mesmo erigi em Divindade,
Lugar só tenha teu sagrado vulto.

XXXIX.

NEste, que ves raiar, sereno dia
Nasceo Egle gentil: Ah! Sim tomemos,
Apollo, as doces Liras, e cantemos
Os seus louvores ambos á porfia.

Aqui junto desta arvore sombria
De grama hum novo Altar lhe levantemos,
E por victima nelle lhe immolemos
Os corações banhados de alegria.

Arda o sagrado fogo, ardão as massas
Da cheirosa Panchaia; de mil flores.
Se crôem de Lieu as cheias taças;

Libemos a seus olhos triunfadores
Da bella Ninfa em honra; assim as Graças,
Assim o Deos o manda dos Amores.

XL.

VEm, oh saudosa Tarde, vem voando
Suavemente pelo ar sereno;
A calma, em que se abrasa este terreno,
Com as compridas azas mitigando.

Por tuas vitaes auras suspirando
Estão as flores deste prado ameno;
E sem forças deitado sobre o feno,
Bala o gado por ti de quando em quando.

Toda a selva te aguarda impaciente;
Mas Elpino inda mais, que os resplandores
De Licori por ti verá contente:

Ah! Vem Tarde feliz, não te demores;
Que d'um tenro cordeiro o sangue quente
Tua Ara banhará chêa de flores.

XLI.

INda bem não raiava a roixa Aurora,
Quando Florindo em seu Jardim plantando
Hum novo Jasmineiro, aos Ceos alçando
Os olhos, seu favor assim implora:

„ Este pé de jasmins, que á terra agora,
„ Em teu sagrado nome alegre mando,
„ Sempre experimente teu influxo brando;
„ Bella Deosa dos prados, gentil Flora.

„ Se propicia os meus votos escutares,
„ As primeiras que der mimosas flores
„ Em festões cobrirão os teus Altares:

„ Mas as outras, que Amor com mil Amores
„ Enfiará em candidos collares,
„ Ornarão de Rosalba os resplandores. „

XLII.

NA margem de hum ribeiro, que bordava
De rosas, e de murtas a campina,
Sua emplumada rede armou Nerina,
Onde as incautas aves esperava:

Eis-que subitamente o ar cruzava
Huma ave de figura peregrina,
Que o vôo cegamente á rede inclina,
Onde mais adejando se enlaçava.

Correo a Ninfa á rede, e dentro nella
Vendo, cheia de assombro, o Deos frecheiro:
„ O Ceo, diz, que em favor dos mortaes vêla,

„ Te castiga: es, cruel, meu prisioneiro. „
Mas Amor lhe tornou: „ Nerina bella,
„ He premio e não castigo o cativeiro. „

XLIII.

Chegando á Cidade de Badajoz.

SAlve, oh tu Guadiana esclarecido!
Que o patrio monte teu desamparando,
Estas largas Campinas vás regando
De tanto illustre sangue enriquecido.

Tu, que por entre a terra submergido,
Qual namorado Alfeo alegre, e brando,
Os Campos Lusitanos vens buscando,
Compassivo recebe hum affligido.

Perseguido de Amor, e da Ventura,
A's tuas ferteis margens hoje chego,
Onde descanço o coração procura.

Faze pois que aqui viva com socego,
Que eu prometto, que tua linfa pura
Sirva a meus versos de suave emprego.

XLIV.

AS pezadas cadeas, que arrastava,
A' doce Liberdade, alegre e ufano
No Templo do sagrado Desengano
Já em pedaços feitas pendurava.

Quando sinto que, o braço me travava
Forte mão: volto, e vejo Amor tiranno,
Que com promessas já, já com engano
Outra vez sogeitar-me procurava.

Já se via a vontade vacillante,
Quando a ajudalla vem com diligencia
Do perfido a Razão talvez triunfante:

Mas vendo Amor a minha resistencia,
Aglaia me mostrou; e nesse instante
Senti dos rotos ferros a violencia.

XLV.

SE minha humilde voz chegara a tanto,
Que os dotes, que a benigna Natureza
Com tigo repartio, graça e belleza,
Podera celebrar em digno canto.

N'alma então suffocando o largo pranto,
Que derramar me faz tua crueza,
Cantaria tão rara gentileza
Causando em todo o mundo raro espanto

Diria como as luzes contemplando
De teu rosto gentil, em seus primores
Se vão as almas todas elevando:

E como esses teus olhos matadores,
Vivas, e doces chamas scintilando,
Accendem em meu peito mil amores.

XLVI.

ESsa, que choras com piedoso pranto,
Ninfa que o Ceo te deo por companheira,
Da terrena mansão voou ligeira
Dos santos Anjos entre o Coro santo.

D'alli, deposto já o fragil manto,
A vereda te aponta verdadeira,
Por onde possas com feliz carreira
Ao summo bem chegar, que anelas tanto.

Não lagrimas, meu Tirce, doces himnos,
A' sua santa morte derramemos,
Se a dos justos se póde chamar morte.

Erravamos, no mundo peregrinos,
A justa estrada, que seguir devemos;
E Deos nos mostra a boa desta sorte.

XLVII.

ESte Altar, que devoto aqui levanto
A' sombra deste verde azambugeiro,
Estas rosas, que humilde nelle planto,
E derramando estão tão grato cheiro,

Oh Zefiro suave e lisonjeiro,
Agrario te consagra; tu em tanto
Bate as pennas sutís, corre ligeiro
De Eralia ás eiras, que te aguarda ha tanto.

Se benigno os meus votos aceitares,
E solto o grão da espiga a seca palha
Nas azas pelo ar pronto levares;

Nelle as pás te porei passada a malha,
Ancinhos e forquilha, que nos ares
As miudas arestas lança, e espalha.

XLVIII.

SE contemplo, Treséa, o triste estado
Em que por ti me pôz a Desventura;
Maldigo a Amor, maldigo a prisão dura,
A que me vejo sem recurso atado.

Mas se por entre o horror deste cuidado,
Brilha hum raio da tua formosura,
Dou mil graças a Amor, mil á ventura
Dos grilhões, que me tinhão preparado.

Oh bello rosto, em quem a Natureza
Tanta virtude pôz, que em alegria
Trocas n'hum ponto só minha tristeza!

Oh quão ditoso foi, e ledo o dia,
Em que vi, em que amei tanta belleza!
Se o não vira, infeliz, quanto perdia!

XLIX.

Paraſrase do Epigrãma Grego de Agathias.

ENtregue toda a noite a meu cuidado
Não descanço : só lá na madrugada
De hum suavissimo sono a mão pesada
O socego me traz tão suspirado :

Mas os olhos não bem tenho cerrado ,
Quando de huma andorinha a voz cançada
Me desperta ; e á fadiga costumada
De novo torna o peito attribulado.

Ave importuna , deixa essa porfia ,
Mova-te a compaixão huma alma amante ,
Que soffre da saudade a tirannia :

Deixa-me repousar hum breve instante ,
E entre sonhos talvez que a fantasia
Me mostre aquelle tão gentil semblante.

L.

POr me livrar do injusto cativeiro,
Em que ha tanto me tem Amor tiranno,
O velho, e exprimentado Desengano
Me leva sobre o viso de hum oiteiro;

Delle me mostra o sabio Conselheiro
O largo Imperio desse monstro insano;
Nelle só vejo anguſtias, mortes, dáno,
E as traições, que téce lisonjeiro.

Desço dalli com firme segurança
De quebrar a prisão aspera, e dura:
Mas oh! e quanto he vã esta esperança

Pois basta ver a tua formosura,
Para esquecer dos males a lembrança,
E perder os desejos da soltura.

LI.

SUbido no Zenith o Sol ardia,
E ardia em torno o campo polveroso,
Quando das margens do Nabão gracioso
O sem-ventura Elpino se partia:

Suspirando ora os passos suspendia,
Ora os olhos atraz volve saudoso;
Mas forçado do Fado rigoroso,
Os vagarosos passos proseguia.

Entretanto subio huma montanha,
D'onde a vista derrama descontente
Sobre os campos, que o fresco rio banha;

E hum suspiro exhalando tristemente;
„Pois a ventura o quer, feliz campanha,
„Em paz te fica (disse) eternamente. „

LII.

EM soberbo baixel cruza animoso
Inexperto Piloto o Oceano,
E á fresca viração largando o pano,
Alegre arando vai o Campo undoso.

Mas se ao tempo se fia bonançoso,
E attento não vigia o mar insano,
Quando menos o teme, o lenho ufano
Varar sobre hum parcel vê espantoso.

Eu sou, oh Clori, o infeliz que pinto,
Pois fiado na perfida esperança,
Não precavi os males que hoje sinto;

Fiz em tuas promessas segurança,
Mas de improviso a fé, e amor extincto,
Em vão choro o rigor de huma mudança.

LIII.

HUma tarde de Maio a colher flores
Sahia a minha Auliza pelo prado;
Amor, que alli a vio, todo abrasado
De seus olhos ficou nos resplandores:

Em si proprio sentindo seus ardores,
Ficou o cego Deos tão transtornado,
Que a Ninfa lhe tirou por desenfado
Do carcaz os divinos passadores.

Tornou Amor em si, e logo vendo
Da galharda Pastora a travessura,
De lagrimas o tenro rosto enchendo,

„ Dá-me as frechas, lhe diz, oh Ninfa dura,
„ Que para ir a teus pés tudo rendendo
„ De teu rosto sobeja a formosura.

LIV.

SE alguma vez a Amor chamo tiranno,
E seu fogo detesto enfurecido;
Cem as graças lhe rendo agradecido
Da causa que me deo para meu dáno.

De teu rosto gentil e soberano
Nas luzes, linda Aglaia, embevecido,
Os males que por ti tenho soffrido
Todos pela memoria passo ufano.

A gloria que consegue quem te adora
Em lograr tua fé, he tão crecida,
Que morro de prazer em contemplalla:

Eu que sei quanto vale, por logralla
Não só huma, mas se possivel fora,
Mil vezes perderia a cara vida.

LV.

ESte infeliz Letreiro, que cortado
Deixei de meu amor para lembrança,
Pois assim o dispoz tua mudança,
Riscarei deste platano copado.

Dizem as fataes letras: „ Neste prado
„ Elpino, que na fé e segurança
„ Da bella Clori, em doce paz descança,
„ Ama seus olhos mais, q̃ o proprio gado. „

Agora escrevèrei: „ O pobre Elpino
„ Que de Clori adorou o fingimento
„ Por dura força de cruel Destino;

„ Quebrados os grilhões já livre, e izento
„ Hoje a falsa detesta, e o laço indino:
„ Tomai nelle, Pastores, escarmento.

LVI.

ONde quer que me levão meus ardores,
Para ver se divirto o meu tormento,
Descobre meu afflicto entendimento
Huma imagem cruel dos meus amores:

Se ao bosque, eu a diviso entre as flores;
Se ao monte, a neve a traz ao pensamento;
Se ao rio, m'a retrata o movel vento;
E se ao campo, do Sol os resplandores.

Como se ha de esquecer meu desvario,
Se unidos me lembrão desta sorte
Verde bosque, alto monte, fresco rio?

Mas não, não cesse Amor (queira-o a Sorte!)
Em augmentar meu mal; porque confio
Que cedo acabará com minha morte.

LVII.

VEncido Antonio, acaba glorioso
Rasgando o peito com a propria espada:
Cleopatra, que delle separada
A vida por tormento tem penoso,

A sombra illustre do querido Esposo,
Sombra triste, seguir intenta ousada;
E o braço, pois q̃ outra arma lhe he vedada,
Segura offrece ao aspid venenoso.

Assim da féra Parca sente o corte,
Do Romano Varão, que amou rendida,
Companheira fiel na dura sorte;

Assim o Lethes passa a Antonio unida;
Que não póde apartar a cruel Morte
Duas almas, que Amor unio na vida.

LVIII.

ENtre guardas, e ao som q̃ o ar cortava
De surdos instrumentos bellicosos,
Policena com passos vagarosos
De Achiles ao sepulcro caminhava.

Em vão Hecuba corre, em vão bradava,
Em vão a Pirrho, e aos guardas rigorosos
A morte pede em brados lastimosos;
Que nada os feros peitos abalava.

Em tanto ás aras chega, e o collo entrega
Policena ao cutello, e a voz alçando
„ Barbaro, diz, o golpe descarrega;
do)
„ Que minha alma innocente aos Ceos voan-
„ Alli repousará, que alli não chega
„ Dos Tirannos da terra a força, e mando.

LIX.

SOlto o cabello que veloz movia
Brando vento em ondados resplandores
Pelas margens do Téjo as varias flores
A branca Auliza a seu prazer colhia :

Quando Elpino Pastor que só vivia
De morrer por seus olhos matadores ,
Deixádo o gado entregue aos mais Pastores
Pela arêa as pisadas lhe seguia ;

E em quanto a bella Ninfa se desvela
Em tecer huma Croa , o namorado
Pastor cantando diz : „ Auliza bella,

„ Se eu podera ser hoje transformado,
„ Só por ser huma flor dessa capella ,
„ Daria de contente todo o gado.

LX.

ONdados fios de oiro lhe guarnecem
Da testa delicada a neve pura
Onde Cupidos mil com travessura
Sutís laços brincando ás almas tecem:

As luzes de seus olhos escurecem
Da mesma luz do Sol a formosura,
E das faces gentís sobre a candura
Duas vermelhas rosas lhe florecem:

Hum olhar com descuido, hum doce riso,
Que atraz de si as almas arrebata
A contemplar de Amor o paraiso:

Estes são os sinaes de quem me mata,
Se a virdes, não queirais perder o siso;
Fugi, mortaes, fugi da bella ingrata.

LXI.

QUe fresca a noite está! que socegado
O doce Téjo o largo mar procura!
Que suave do Zefiro murmura
Entre as ramas o sopro delicado!

Nos redís lá ao longe bala o gado,
Que descança já farto da verdura,
Aqui se ouve soar pela espessura
Dos roixinóes o canto magoado.

Tudo quantó descobre a fantasia
Representando está ao pensamento
Saudosas lembranças de algum dia;

Glorias de Amor, não glorias fingimento,
Que depressa fugis, e da alegria
Deixais a imagem só para o tormento.

LXII.

„ JÁ teus dardos, Amor, não tem valia
„ Para ferir meu peito; de diamante
„ O armou o Desengano, pois bastante
„ Soffreo, cruel, a tua tirannia:

„ Das venenosas frechas pronto affia
„ Na dura pedra a ponta penetrante,
„ Contra mim as despara, que triunfante
„ Tu me verás de sua vã porfia.

Assim cantava Elpino, e Amor que estava
Na floresta emboscado, astutamente
De Clori os passos para alli guiava.

Vio-a o fero Pastor, e de repente
Mudando a letra: „ Amor (continuava)
„ O Coração te offreço humildemente. „

LXIII.

VÃs lisonjas de Amor, crueis enganos
Que ha tanto me enleais a fantasia,
Hoje a pesar de vossa tirannia
Terá fim o processo de meus dános.

Mas que he isto! depois de tantos annos
Em tanta dôr gastados, e agonia,
Ainda a vossa contumás porfia
Quer triunfar de tantos desenganos?

Ora pois se inda teima a crueldade
De vossa semrazão, o entendimento
Esta vez possa mais do que a vontade;

O pesado grilhão de Amor violento
Rompamos; triunfe a doce liberdade:
Mas por mais que forcejo, em vão o intento.

LXIV.

TRaze, oh casto Himeneo, a pura chama
Da tocha nupcial, os ares fende;
E da innocente Esposa, que te attende
Chêa de susto, o coração inflamma.

Aquelle doce fogo, que derrama
Teu santo laço quando as almas prende,
Nas veias brandamente hoje lhe accende;
Ame constante, quem constante a ama:

E tu, claro Planeta, que doirando
Com tua luz os Orbes superiores
Estás as suas glorias invejando;

Esconde no Oceano os resplandores;
Esconde, que cruel vás dilatando
A esperança dos grandes successores.

LXV.

DEsgrenhado o cabello, que lhe ornava
Do magestoso rosto a formosura;
Rota em partes a rica vestidura,
Elisia sem arbitrio errante andava.

Os fortes braços, como a vil escrava,
Lhe atava o Fanatismo em prisão dura;
E a triste, sem ver sua desventura,
Contente ao precipicio caminhava.

Quando tu, oh Senhor, ardendo em zelo,
Nella os olhos pozeste, e do eminente
Ultimo estrago a misera salvaste.

Cinge pois, grande Heroe, na illustre frente
O magestoso Coronel, e ao vêllo
Os monstros se confundão, que domaste.

LXVI.

PAra ornar os cruentos passadores,
De ternos Cupidinhos rodeado,
Huma manhã de Abril, no Idalio prado
Sahio o Deos de Amor a colher flores:

Ora hum goivo da cor dos amadores,
Ora hum narciso colhe namorado;
Mas onde as rosas via o Deos vendado,
As rosas escolhia por melhores.

Huma, que era entre todas mais formosa,
Voou para arrancar; mas ao colhella
N'hum espinho ferio a mão mimosa.

A dôr sentindo, exclama: „ se és tão bella
„ Para que és tão cruel, flor enganosa!
„ Ai de quem busca flores sem cautela! „

LXVII.

HUm dia ao som do Tejo descantava
A minha Aglaia tão suavemente;
Que o Rio, as Aves, Feras, Gado, Gente
Tudo co'a doce voz tudo encantava.

Amor, que por então alli se achava,
N'uma pedra aguçando o dardo ardente,
Da mão cahir o deixa, e mansamente
No carcaz por ouvilla se encostava.

Acabou de cantar, e com despreso
Amor arco arremessa, e passadores;
Dizendo em alta voz cheo de gosto:

„De vós não necessito inutil peso;
„Que para o mundo arder todo em amores,
„Sobra tão linda voz, tão gentil rosto.„

LXVIII.

A O som dos remos com q̃ o mar fendia,
Amíclas pescador do claro Tejo,
„ Drimo „ (por enganar o seu desejo)
Como se Drimo o ouvisse, lhe dizia:

„ Drimo rosada, e loira, Drimo impia!
„ Por quem sempre no mar o barco rejo,
„ As pardas ostras, verde caranguejo,
„ Colho nas lagens em maré vasia.

„ Chega á praia, e verás, Ninfa formosa,
„ Com que prestesa eu só o barco guio
„ Contra a corrente da agoa impetuosa;

„ E o peixe, por te ver, do centro frio
„ Em cardumes sahir, e a espaçosa
„ Superficie cobrir do ameno rio.

LXIX.

EVohé, grande Baccho, tu me inspira
(Pois que de Alfesibeo os annos canto)
Hum nunca usado, nunca ouvido canto,
Digno só de teu frasco, e tua lira.

Eia pois! verde Thirso as cordas fira,
Causando ao patrio Tejo novo espanto;
E Clotho do Pastor á roca em tanto
Não tire o fio, que incansavel tira.

Porque á supplica attendas, esta taça
Bebo em teu nome, saboé! que accena
Bromio a meus votos, concedendo a graça.

Cruel Fortuna, bate a negra penna
Longe do bom pastor voando passa,
Que Epafio bramador assim o ordena.

LXX.

DEntro em minha cabana em paz hũ dia
Entregue a hum doce sono repousava ;
Quando huma voz me acorda, que bradava:
„ Elpino ! Tu não ouves ? abre , avia. „

Levanto-me do junco em que dormia ,
Corro ligeiro a ver quem me chamava ;
E apenas abro a porta , Amor entrava
Fugindo á grande calma , que cahia.

Eu vendo em minha choça o Deos frecheiro,
Corro ao rebanho , e delle alvoraçado
Lhe trago logo o meu melhor cordeiro ;

Mas o cruel , terçando o dardo irado ,
Me passa o peito, e diz: „ Pastor grosseiro,
„ Quero o teu coração , não o teu gado. „

LXXI.

ESte cesto de Anxovas saborosas,
Que inda agora pesquei nesse remanso,
Oh Nereidas gentís do Tejo manso,
Por quem não temo as ondas perigosas;

Aqui nas vossas Aras pedregosas
(Já que tão mingoado foi o lanço)
Devoto offreço; e pois mais não alcanço
O desejo aceitai, Ninfas formosas.

De hoje em diante fazei, que a rede chea
Tire arrastando á praia mal enxuta,
Onde em vão salte o peixe pela arêa:

E vereis em vossa honra nesta gruta
Sempre pendente a lubrica lamprêa,
O solho regalado, a fresca truta.

LXXII.

DE beijos hum cestinho Amor enchia,
E depostos os duros passadores,
Quaes semeão o trigo os Lavradores,
N'um campo os semeou todos hum dia.

Dahi a pouco com prazer se via
A seara ferver toda em amores,
Que aos centos rebentavão entre as flores,
De que o travesso Deos folgava, e ria.

Eu, que tanto prodigio contemplava,
Hum delles colho, e sobre o peito o prendo,
Sem recear o mal que me aguardava;

Pois as tenras raizes estendendo,
Dentro no coração todas me crava,
De que novos amores vão nascendo.

LXXIII.

ONde está, coração, o sentimento
Das affrontas, que o Idolo tiranno
Não derrubas? Conheces seu engano,
E prosegues no infame rendimento!

Ah! Não: rompe as cadeas, e o violento
Jugo, que ha tanto soffres por meu dâno,
Pendurado no Altar do Desengano
De huns seja horror, e de outros escarmento.

Eia pois! Sinta Amor tua vingança,
E de outra vez render-te a liberdade
Perca o cruel de todo a confiança.

Mas debalde a razão te persuade!
Que escravo vil da perfida esperança
Lisongêas a mesma falsidade.

LXXIV.

VEm, oh Noite sombria, e revolvendo
O longo açoite, que á carreira accende
As fuscas Egoas, sobre a terra estende
De sombras carregado o manto horrendo:

Vem; e as brancas papoilas espremendo,
Em lethargico sono os mortaes prende;
Que a minha bella Aglaia hoje me attende,
A meu amor mil glorias promettendo.

Se ás minhas vozes dás benigno ouvido,
Encobrindo com teu escuro manto
Os suaves delirios de amor cego;

Immolar-te prometto agradecido
Hum negro gallo, que em continuo canto
Se attreve a perturbar o teu socego.

LXXV.

INda bem não raiava no Oriente
A clara luz da Aurora marchetada,
Quando Leucade Ninfa delicada
As feras perseguia cruelmente.

Nos olhos, nas pestanas, n'alva frente,
Na trança de oiro ao vento derramada,
O frecheiro cruel posto em cilada
Amor gerava até no que não sente:

E Tirinto, que a vio quando passara,
Estas palavras com a foice abria
Na dura rocha de huma fonte clara:

„ Oh Ninfa tão formosa, como impia;
„ O Mundo por divina te adorara,
„ Se houvera nas Deidades tirannia. „

LXXVI.

„ QUando Jonia quebrar o juramento,
„ Que fez de amar Elpino eternamente;
„ Tornará, bellas Ninfas, a corrente
„ Do Nabão a buscar seu nascimento:

Estas letras n'hum freixo corpulento
Leo o triste Pastor; e em continente,
Hum suspiro arrancando d'alma ardente,
Que as penhas moveria a sentimento,

„ Como consentes (diz) que huma perjura
„ Insulte o teu poder, oh Ceo piedoso!
„ Que zombando da fé mais limpa, e pura...

E aqui sem mais poder correo furioso,
E de hum cutello com a ponta dura
O letreiro raspou do tronco annoso.

LXXVII.

DE cem travessos, candidos Amores
Amor cercado, ao repontar do dia,
Pelas margens do Tejo discorria
Hoje, colhendo mil cheirosas flores.

Deposto o cruel arco e passadores,
De rosas o carcaz veloz enchia,
E de riso banhado e de alegria
Assim bradava ás Ninfas, e aos Pastores:

„ He este o ledo, o dia venturoso
„ Em que Arminda nasceo, Arminda bella,
„ Por quem no incendio meu ardo gostoso.

„ Ajudai-me a tecer-lhe huma capella,
„ Que eu voando a seus pés obsequioso,
„ As grossas tranças lhe ornarei com ella.

LXXVIII.

MIsera Náo, que ha pouco ias talhando
O mar sereno com galerno vento,
Que veloz se mudou! e que violento
Sobre ti sua furia está quebrando!

Quantos instaveis montes escumando
A's nuvẽs lança o liquido elemento!
Eis te leva a tocar no firmamento,
Eis te vai nos abismos sepultando.

Hum proprio retrato és do q̃ em mim passa;
Breve tempo ha tambem que ledo, e ufano
Náo temia os assaltos da desgraça:

Mas mudou-se o meu Fado, e tão tiranno
O semblante me mostra, e me ameaça,
Que a todo o instante espero o extremo dáno.

LXXIX.

JA' no roixo Oriente a Aurora raia,
E croada de novos resplandores,
Esmalta as varias conchas de mil cores,
Que alastradas estão por esta praia:

Antes pois que a maré sobre ellas caia,
Mil colher quero: Amor, q̃ em teus ardores
Meu peito abrasas, mostra-me as melhores,
Vê que as escolho para a bella Aglaia.

Em honra vossa, oh Ino, oh Panopea,
Se faz do pobre dom a Ninfa apreço,
Hum altar erguerei na ruiva area;

Mas se o amor me pagar como mereço,
A barca, Deosas, não, porque he alhea;
Choça, e redes porem já vos offreço.

LXXX.

EM quanto o Sol as redes lhe enxugava,
Amiclas, pescador do Téjo undoso,
A' sombra de hum penedo cavernoso
Huma sonora Cithara tocava.

O vento então apenas encrespava
As ondas assoprando priguiçoso;
Corria manso o rio, e vagaroso,
E o ledo pescador assim cantava:

„Se de aljofre, e coral toda esta praia
„Me cubrira Nereu, mais abastado
„Seria, mas não fora mais contente:

„Teu amor me faz só afortunado;
„E se acaso o não crês, formosa Aglaia,
„Eu t'o juro pelo humido Tridente.

LXXXI.

EM fim, graças a Amor, he esta a choça,
Onde habita e me espera a minha Aglaia;
Aqui aguardarei que á porta saia,
Porque vêlla, e fallar-lhe alegre possa.

Filha do Erebo, em triste sombra grossa
Diana esconde, que serena raia;
Não haja pescador por esta praia,
Que chegue a suspeitar a gloria nossa.

Triste de mim! que meu affecto ardente
Propicia em vão te invoca, oh Noite escura,
Pois vejo a Lua mais resplandecente:

Ladrão raivosos cáes, gente murmura,
Sem fallar-lhe me torno descontente;
Que nunca hum fino amor teve ventura.

LXXXII.

HE tempo, Aglauro bella, já no Oriente
D' Alva a rosada luz vem repontando;
E Jolas com as naças aguardando
Por nós está ha muito impaciente.

Vem pois, q̃ hum brando vento alegremente
Nos está para a pesca convidando;
E o vitreo fundo as Tagides deixando
Por ver-te esperão fóra da corrente.

Vem, Aglauro, e verás que qualquer dellas
Te traz, mil mostras dando de alegria,
De alambres, e coraes ricas Capellas:

E os Tritões nadadores, que á porfia
As redes te encherão com as Ninfas bellas,
Do melhor peixe, que este pégo cria.

LXXXIII.

AO longo de hum ribeiro, que bordava
De verde relva os frescos arredores,
Já quando o Sol os leves Corredores
Nas ondas do Oceano mergulhava;

Na boca de huma gruta, que guardava
Armado de buidos passadores
Fero esquadrão de aligeros Amores,
Elpino com a foice assim cortava:

„ Pastores, que habitais os campos ledos,
„ Que corta esta ribeira socegada,
„ E vós Ninfas dos altos arvoredos:

„ Não entreis nesta gruta tão guardada;
„ Não queirais descobrir os seus segredos,
„ Que aos misterios de Amor he consagrada

LXXXIV.

NInfas destas florestas, Ninfas bellas;
E vós do patrio Téjo, oh Pescadores,
Colhei ruivas conchinhas, colhei flores;
Pois no campo, ou no mar não ha estrellas.

Formai todos, formai ricas capellas,
Com arte entrelaçando as varias cores,
E da formosa Aglaia, os meus amores,
As loiras tranças adornai com ellas.

E tu, Amor, que a seu rosto formoso
Tantas victorias deves, neste dia
Corre, vôa a seus pés, vôa gostoso:

A mão lhe beija, e cheo de alegria
Por mim lhe dize: ,, O teu Pastor saudoso
Teus annos a applaudir hoje me envia.

LXXXV.

D' aqui n' este penhasco alcantilado,
Onde agora suspiro descontente,
Quantas horas passei ledo e contente
De Aglaia vendo o rosto delicado!

Então de verde relva todo o prado
Se esmaltava, corria alegremente
Produzindo mil flores a corrente
Do rio cristallino e socegado.

Agora tristemente só murmura;
E em vez de alimentar os seus verdores,
As flores séca, turva a linfa pura.

Mas como podem agoas, plantas, flores
A graça conservar, e a formosura,
Se lhes faltão seus bellos resplandores!

LXXXVI.

LOnge, Ninfas gentís, Longe, Pastores
Deste bosque pascei o manso gado,
Que suas sombras são lugar sagrado,
Onde jazem as Graças, e os Amores.

Aqui entre estas faias, e estas flores
De Auliza está o corpo sepultado;
Aqui Modestia, Formosura, Agrado
Escondem da cruel morte os rigores.

Alma pura e gentil, que aos Ceos voaste
Antes de tempo da prisão terrena
E tão triste no mundo me deixaste;

Estas rosas que lanço, esta açucena
Sobre as cinzas, que cá desemparaste,
Lá da etherea mansão olha serena.

LXXXVII.

EM quanto Anfrizo seu jardim regava,
Por entre as murtas vio o Deos menino,
Que a seu prazer saltando, de malino
As mais formosas flores lhe pisava.

Então Anfrizo o regador largava,
E para o castigar corre sem tino;
Mas Amor mais travesso, e mais ladino
Cá, e lá entre os ramos se furtava:

Cansado de o seguir Anfrizo irado
Freme, ameaça-o, diz-lhe mil injurias,
Promette se o apanhar crûa vingança.

Mas Amor com semblante socegado
„ Socega Anfrizo, diz, deixa as vás furias;
„ Que Amor com ameaças não se alcança.

LXXXVIII.

A Simples avezinha, que roubado
De seu ninho o fiel parceiro sente,
Foge do ameno bosque descontente,
E n'hum ermo se esconde desgraçado:

Assim eu de teus olhos apartado
Deixando a companhia da mais gente,
Do Téjo junto á placida corrente
Hum sitio busco triste e inhabitado.

Alli entregue todo a meu tormento,
Mil lagrimas, mil doces ais te envio,
Que das agoas confio, e entrego ao vento;

Mas em vão meu alivio de ambos fio;
Que os ternos ais desfaz o ar violento,
E as lagrimas confunde o veloz rio.

LXXXIX.

A Pedro Antonio Garção, mandando-lhe a III. Decada de Tito Livio, na qual se referem as tragicas mortes da Sofonisba e Eraclia; e persuadindo-o á composição de huma Tragedia.

SAbio e illustre Garção, q̃ ao eminente
Cume do Sacro Pindo tens chegado,
E de honroso suor todo banhado
Coroas de hera, e loiro a altiva frente:

De Sofonisba a morte, ou da innocente
E nobre Eraclia o caso desastrado
Qualquer para teu plectro sublimado
Digno objecto te dá Livio excellente.

Por teu engenho exposta em tristes Scenas
Huma destas cruel, mesquinha historia
Dará a Roma inveja, assombro a Athenas.

Do bom Ferreira pois te excite a gloria;
Logrem por ti as Tagicas Camenas
De Sofocles, e Seneca a victoria.

XC.

ESte ouriço cacheiro, que goloso
Em teus fructos ferrou o agudo dente
(Oh Pomona gentil!) aqui pendente
Te offereço neste alemo frondoso.

Por ora com semblante gracioso
Aceita, Ninfa, o rustico presente;
Pois inda as uvas na estação presente
Verdes estão, e o figo saboroso.

Se Baccho, e tu, ó Deosa, me ajudares,
Do pedrisco, formiga, e nevoa escura
Defendendo propicios meus pomares;

Hum grande prato da uva mais madura,
Dois de figos de rei, e dois de alvares
Cidralio te promette, e o voto jura.

XCI.

ESta de Javalí cabeça horrenda,
Que em teu nome matei, casta Diana,
Te offreço humilde; Deosa soberana,
Propicia aceita a reverente offrenda.

Aceita, oh Deosa, e faze que me attenda
A fugitiva Clori mais humana,
Que eu farei com que a fera mais tiranna
A's tuas aras seus despojos renda.

Ah! tu tambem de Amor a chama pura
Dentro no peito não em vão sentiste,
Inda a Selva de Caria, inda o murmura:

E pois em tanto mal tambem te viste,
De Endimião dá-me ao menos a ventura,
E em sonhos passe embora a vida triste.

XCII.

EIs as azas batendo brandamente,
De alecrim, de tomilhos e boninas
Alastra o doce Zefiro as Campinas,
Que puro cheiro exhalão largamente.

Eis torna a Primavera, a leda frente
De rosas coroada, e de cravinas;
Cuja vinda mil aves peregrinas
Celebrão pelos ramos docemente.

He tempo, bella Clori, ao pasto usado
Guiemos o rebanho; em seus verdores
Torne a pascer contente o nosso gado.

Alli colhendo mil cheirosas flores,
Te ennastrarei com ellas o trançado;
E que inveja farei aos mais Pastores!

XCIII.

SObre as azas do leve pensamento
Amor, que de minha alma sabe o gosto,
Me leva deste longo apartamento
Ao lugar onde o Fado te tem posto.

Cercada de hum feliz contentamento
Talvez te vejo, e morro de desgosto;
Talvez, como quem pensa em seu tormento,
Na branca mão sustendo o gentil rosto.

Amor, que minhas magoas lisonjea,
Então me finge, e pela aljava o jura,
Que em mim estás cuidando, e faz q̃ o crea;

E ufano o coração desta ventura
Nestes prazeres vãos tanto se enlea,
Que esquece da saudade a magoa dura.

XCIV.

NAõ me queixo, agradeço o esquecimẽto,
Que tens de meu amor, Ninfa perjura,
Elle apagar só pode a chama pura,
Que ateava o mais nobre rendimento.

Os grilhões, que arrojava sem alento,
Quebrará, falsa, ingratidão tão dura,
Que a grave enfermidade não se cura
Com remedio suave, mas violento.

A victima, que já te preparava,
Salvará da segure a doce vida,
Que sobre o collo seu pendente estava;

O tempo cerrará a atroz ferida,
E o perigo, a que cega caminhava,
Então verá minha alma arrependida.

XCV.

AH! barbara Fortuna, onde o violento
Impulso teu arrasta hum desgraçado!
Que mais queres? Se tens em mim provado
Quanta haver póde especie de tormento?

Ora pois, de huma vez tira-me o alento;
Mas se meu mal não queres acabado,
Oh! deixa-me, cruel, no triste estado
Ao menos para a dor o soffrimento!

Já se turba a razão, já a constancia
Começa a vacillar, e se não cessa
De teu furor a barbara jactancia;

Receio que de todo desfaleça;
Que da desesperação a feroz ancia
A mais triste Tragedia ao mundo teça.

XCVI.

NO tronco de huma faia recostado,
Ao som de hum suavissimo instrumento,
Assim cantando adormecia o vento
Elpino, guardador de pouco gado:

Infeliz coração! Que triste estado
Te aguarda! que tiranno, que violento!
Pois conjurados para teu tormento
Vejo Amor, vejo Auliza, e vejo o Fado.

Quantas vezes culpei a louca empresa,
Com que deixando vaccas, e bezerros,
Da ingrata só seguias a belleza!

Mas já que não me ouviste, arroja os ferros
Adorando fiel quem te despresa,
Vergonhoso castigo de teus erros.

XCVII.

Feito, estando o Autor em Castello de Vide, ao felicissimo dia de 6 de Junho de 1760 em que S. Magestade comprio annos, e se celebrarão as suspiradas Nupcias da Serenissima Senhora Princesa do Brasil com o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro.

LEvanta, oh Padre Tejo, levanta ora
D'entre as escumas a musgosa frente;
E observa quanta gloria á Lusa gente
Traz com seus raios a rosada Aurora.

Neste dia ao sahir do Ganges fóra
Outro Sol admirou em seu Oriente;
Que hoje no Trono vê Rei excellente,
De Tito assombro, que inda Roma adora.

Neste... mas qual de novos resplandores
Brilhante turbilhão, do alegre dia
As sempre faustas luzes faz maiores!

Tu hes, Santo Himeneo, que em companhia
Do casto Amor, c'os grandes Successores
Vens firmar do Senhor a Monarquia.

XCVIII.

QUal pelas fraldas corre do Parnaso,
Com seus nitridos atroando o monte,
O féro bruto, que brotar a fonte
A coices fez, por outra o bom Pegaso:

Tal da Castalia pelo campo raso
Correste meu F.... novo Etonte;
Por isso se te enrosca hoje na fronte
A planta de que o Sol faz tanto caso.

Ella pois te esporêe á grão carreira,
E a par delle em corcovos, upas, pinchos
Trepa do Pindo a cima derradeira:

Que Thalia, q̃ ouvio teus roucos guinchos,
Predizendo-te está fausta agoireira,
Que mais que os d'ella soarão teus rinchos.

XCIX.

AI triste! O oitavo Lustro he já passado
De minha amarga descontente vida,
Sem que nesta carreira tão comprida
Hum sincero prazer tenha gostado.

Sempre de densas nuvens rodeado
Me trouxe o Sol a luz apetecida;
E o campo, que pisei na amarga lida,
De abrolhos achei sempre semeado.

Se o bem soccede ao mal, se com presteza
A boa ou má Fortuna corre e passa,
Constante na inconstancia e ligeireza:

Como só em meus males tem firmeza!
Mas ah! para allongar minha desgraça
Commigo tem mudado a natureza.

C.

EM fim torno a beijar, oh patrio Tejo,
Tua arêa: mas oh! e quão diffrente
Do tempo em que cantei accordemente
As graças que em ti via, e em ti não vejo!

Então, com pouco farto o meu desejo,
Vivi de Amor escravo, mas contente;
Hoje fujo de Amor, fujo da gente,
Cruel remedio que forçado elejo.

Se estará satisfeito o duro Fado
De tramado me haver pesar tão forte,
Onde o alivio, que o mal he mais pesado:

Quanto temo que não! que a cruel Sorte,
Quando por gosto faz hum desgraçado,
Só póe por termo a seu rigor a morte.

CENTURIA II.

SONETO I.

GEmi, cantei: agora gemo, e canto
De Amor cativo em vil masmorra escura;
Nem a longa expriencia da ventura
De exemplo me servio, ou póe espanto.

Antes não sei porque arte, porque encanto
Minha alma, que detesta a prisão dura,
Apenas se vê livre, outra procura,
Que logo banha de piedoso pranto.

Do fero Amor me queixo, e seu engano;
Porem erra em queixar-se a fantasia,
Que eu sou a propria causa de meu dãno:

Eu desta alma lhe dou a monarquia;
E quem entrega o Cetro a hum tiranno,
Lhe accusa sem razão a tirannia.

II.

HUm dia o coração livre voava,
Qual borboleta em prado florecente,
Em torno á bella Clori, e soltamente
Ou na boca, ou nos olhos lhe saltava:

Mas Amor, que apôs elle astuto andava,
Nos ares floreando hum facho ardente,
Ao pôr-se-lhe na boca, cruelmente
Ao triste as leves azas abrasava.

Cahio o pobre no nevado seio,
Onde a Ninfa o prendeo, e Amor malino
Lhe faz como a cativo mil agravos:

Mil vezes ir buscallo determino;
Mas embarga-me os passos o receio
De que ambos nós fiquemos lá escravos.

III.

TEcendo hum ramalhete Aglauro ingrata
De boninas de mil diversas cores,
Entre as rosas o Deos vio dos amores,
Que em vão entre ellas esconder-se trata.

A Ninfa pelas azas o arrebata,
E sem ouvidos dar a seus clamores,
O prende com mil laços entre as flores,
E o lindo ramo sobre o peito ata.

Bate as azas, forceja Amor, procura
O laço desatar; mas logo vendo
Do seio de alabastro a formosura:

„ Doido de mim(bradou) q̃ he o q̃ emprẽdo!
„Quanto melhor he esta prisão dura,
„Que a doce liberdade, que pertendo! „

IV.

N'Huma torre de bronze Danae presa,
Com cem portas, e mil chaves fechada,
De zelosos ministros vigiada,
Guardar não pôde a castidade illesa:

De frenetico Amante a furia accesa,
Escalando a muralha levantada,
Por entre os guardas fieis achou entrada;
Que tudo vence Amor, tudo despresa.

Amor he, Silvio, rapida corrente
A que a neve engrossou do inverno frio,
Que quanto se lhe oppõe, leva impaciente.

Deixa pois esse estranho desvario,
Não persigas Aglaia cruelmente,
Olha que se não força o alvedrio.

V.

BEm que a neve dos annos a cabeça
Pouco e pouco me cubra, hum só instante
Amor feroz com o dardo de diamante
Em assaltar-me o coração não cessa.

Briosa a soccorrer-me se arremessa
Mil vezes a Razão, mil se póe diante
Dos golpes seus; porem nada he bastante
Para que este tiranno desfaleça.

Antes, como guerreiro exprimentado,
Para vencella mil ciladas traça
De falsas esperanças ajudado;

Até que a triste do combate lassa,
Lhe cede o campo todo ensanguentado,
Não por menos valor, mas por desgraça.

VI.

AMenos bosques cheos de verdura,
Claras, e mansas agoas do Mondego,
Que o Mar buscais correndo com socego
Por entre a fresca sombra da espessura;

Saudoso monte, em cuja penha dura
Tantos troféos se imprimem de Amor cego,
Que já déste a meus versos doce emprego,
Em quanto vivi livre e com ventura:

Eu me aparto de vós; porque o meu Fado,
Unido com Amor, me não consente,
Que logre vosso influxo socegado:

Ficai em paz, que eu inda que a corrente
Do turvo Lethes passe, o doce estado
Na lembrança terei sempre presente.

VII.

„ AGora dessa ingrata no regaço
„ Acis descança, e seu amor destruta;
„ Pois eu metido nesta opáca gruta
„ Ambos esperarei, que este he o passo:

„ Se acaso pilho ás mãos este madraço,
„ Provará de meu braço a força bruta: „
Disse, e pela caverna mal enxuta
Estirou Polifemo o corpo lasso.

Alli chegando á boca de agoa-ardente
Huma cuba que tinha mais de meia,
Toda gró gró a emborca alegremente.

Então Acis esquece, e Galatéa;
E a resonar entrou tão fortemente,
Que não se ouve quebrar o mar na arêa.

VIII.

„ MOrra o cruel, q̃ o coraçáo me crava:
„ (Mái infeliz, q̃ hum mõstro hei produzido!)
„ Morra o tiranno por meu mal nascido: „
Assim, seguindo Amor, Venus gritava.

Fugia o triste, e em vão se amesquinhava,
Sem accordo correndo espavorido;
E a cor perdida, o animo perdido
Por soccorro aos supremos Ceos bradava.

Eis-que chega ao ruido alli Nerina,
E logo Amor de immenso prazer cheo,
A' garganta lhe voa cristallina:

D'alli deposto já o temor feo,
As iras, rindo, insulta de Ericina;
D'alli, mortaes, nos fere sem receo.

IX.

ESte o Téplo, esta a Pira onde se rendem
As victimas, que aceita Amor propicio;
Mil Amores ao puro sacrificio
Com as azas o brando fogo accendem.

Quantos em torno ao Nume os ares fendem
Ternos ais, de hum terno amor indicio!
E quantos, em sinal do beneficio,
Alegres votos das paredes pendem!

As azas, coraçáo, bate apressadas;
Voa, não temas, entre as chamas bellas,
Que ondeáo no altar sempre ateadas:

Que se Amor te negar o bem que anelas,
Que importa? Nas empresas arriscadas
Basta só para gloria o emprendellas.

X.

„ OLha (diz a Fortuna, e em continente
Dois Templos me mostrou ao longe hũ dia ;
Para hum immenso povo concorria ,
Para o outro pouca , mas severa gente)

„ Este que sobre as nuvens alça a frente ,
„ De oiro empedrado e rica argentaria ,
„ He da Lisonja o Templo (me dizia)
„ No outro assiste a Virtude pobremente.

„ Se me não queres ter por adversaria ,
„ Vem da Lisonja ao Templo levantado ,
„ Que eu da Virtude sempre fui contraria. „

„ Eu mais prézo a Virtude em pobre estado,
„ Que o teu favor (lhe torno) oh Deosa va-
„ Se só pela lisonja he alcançado. „ (ria

XI.

DE doirados alambres huma Crôa
Amiclas pescador formando estava,
E nella as varias conchas misturava,
De que a longa enseada o mar povôa.

Quando hum Tritão, q̃ hũ crespo buzio soa
N'huma alta rocha, que a maré cercava,
Afastando-o da boca, assim fallava,
E o som da rouca voz a praia atrôa:

„ Em paz a linda Crôa, Amiclas, tece,
„ Que Aglaia, que tua alma senhorêa,
„ De mais alto valor outras merece.

„ Ninfa não pisa igual a branca aréa,
„ Que o Tejo liberal de oiro enriquece,
„ E em vão Dóris murmure e Panopêa.

XII.

AH Pastores, eu morro! Neste prado
Junto deste regato cristallino
Hum tumulo me erguei de jaspe fino,
De teixos, e ciprestes rodeado.

Sobre elle em grandes letras entalhado
Este aviso deixai, que aqui assino:
„ Caminhante, aqui jaz o doce Elpino,
„ Que guardou nestes montes branco gado,

„ A' sua morte deo Clori o motivo,
„ A mais linda pastora desta serra
„ Com seus olhos gentís, e genio esquivo.

„ Exemplo toma no que a urna encerra;
„ E se queres acaso escapar vivo,
„ Fecha os olhos, e foge desta terra.

XIII.

DE huma falsa piedade conduzido,
Entrei de Amor no alcaçar venerado,
Em cujo atrio com lisonjeiro agrado,
Fui de vás esperanças recebido:

Mas no seu interior introduzido,
Só de Monstros crueis o vi ornado:
N'hum Salão o Ciume enregelado,
N'outro o Engano estava fementido.

As Traiçoẽs, as Affrontas, os Rigores
Batendo as negras azas cento e cento
Com os Prantos voavão, com as Dores.

Tremendo então d'alli voltar-me intento;
Mas em vão, porque o guia em taes horrores
De ousados me deixou para escarmento.

XIV.

N'Hum bosque, onde do Sol aos res-
plandores
Entrada não consente a sombra fria,
Huma calmosa sesta Egle dormia,
Entre as risonhas Graças, e os Amores.

Zeloso hum dos travessos voadores,
Para abrandar a calma que cahia,
D'ella em torno as sutís azas batia,
Outro o seio lhe enchia de mil flores.

Tal a seta emplumada endireitando
No arco de oiro, com ella ameaçava
Os Satiros, que andavão espreitando.

E Elpino, que da Ninfa junto estava
Seu descanço e belleza contemplando,
Parecia que até não respirava.

XV.

SObre huma rocha, que á corrente fria
Do claro Téjo fica sobranceira,
Huma barca, que o Rio abre ligeira,
Treséa com os gentís olhos seguia:

E em quanto o leve pinho proseguia
Cada vez mais veloz sua carreira,
Arrancando do peito a voz inteira,
Entre soluços mil assim dizia:

„ Onde, oh barco cruel, onde correndo
„ O meu Elpino levas? ah! dize, onde?
„ Ventos, por piedade ide-o detendo:

No Orizonte entre tanto elle se esconde;
E ás queixas, que sem fim fica fazendo,
Eco só d'entre as penhas lhe responde.

XVI.

BOsques de Arcadia, bosques venturosos,
Em que algum dia as Musas habitavão,
Onde estão vossos Cisnes, que cantavão
Inda mais que os do Meandro armoniosos?

Onde os altos Loireiros, que viçosos
Aqui tão doces sombras derramavão;
E ás estrellas as pontas levantavão,
Muito mais que os do Pindo gloriosos?

Ah! que da vil discordia o violento
Braço vos decepou, quando o perigo
Menos temieis de contrario vento:

Monstro infame e cruel, monstro inimigo,
Quem vivirá de teu furor izento,
Se até em pobres choças tens abrigo?

XVII.

Tirado de Moscho.

AMor travesso, que jamais descança,
Se quiz a lavrador meter hum dia,
Larga o arco, que o Ceo tremer fazia,
Huma aguilhada toma, huns bois amansa.

Poz-se a lavrar, e tanto que vio mansa
A terra inculta d'antes e bravia,
No Ceo fitando a vista assim dizia,
Em quanto o loiro trigo á terra lança:

„ Oh tu, que o raio empunhas crepitante,
„ A semente, que aqui tenho espalhado,
„ Crecer faze de espigas abundante;

„ Senão, olha que em toiro transformado,
„ Se arar te fiz o pelago inconstante,
„ Te hei de fazer puxar por este arado.

XVIII.

D'Alvas flores croada e de alegria,
Das Graças, dos Amores rodeada,
N'huma purpurea nuvem d'oiro orlada
Sobre as ondas do mar Venus descia.

Alli soltando a voz, que adormecia
A colera dos ventos denodada,
E c'o grande prazer alvoraçada,
A's filhas de Nereu assim dizia:

Oh Ninfas do alto mar, Ninfas formosas,
De perolas, de aljofres Indianos
Longos fios tecei, tecei gostosas;

E a Cleri, doce encanto dos humanos,
A offrecellos correi, correi vaidosas
Neste ditoso dia de seus annos.

XIX.

AQui foi junto desta fonte pura
Que Amor cruel, q̃ me espreitava attento,
Salteou meu seguro pensamento,
Quando menos temia esta aventura:

Aquí de huns brandos olhos na doçura,
N'hum doirado cabello solto ao vento
Escondido o traidor, forjou violento
A que arrojando vou corrente dura.

Elle me arrasta e leva eu não sei onde,
E se delle saber minha alma trata
Qual o premio será de meu serviço;

Com semblante severo lhe responde,
Que soffra, cale, e sirva a quem me mata,
Sem aspirar a galardão por isso.

XX.

Fita a vista no facho, que o guiava
Em noite escura, com o mar que irado
Em altas vagas muge encapellado,
O misero Leandro em vão lutava:

Cada vez mais medonho o mar roncava
Dos insoffridos ventos açoitado,
Até que o triste de nadar cansado,
Já sem alento os braços encruzava:

„ Ondas, diz, pois que vossa crueldade
„ Nem minhas forças vencê, nem meu rogo,
„ Aqui estou, fartai vossa impiedade:

„ Mas já que me negais o desafogo
„ De chegar vivo á praia, por piedade
„ Morto ao pé me arrojai daquelle fogo.

XXI.

SAhimos pela barra com bom vento,
Mas ao terceiro dia de viagem
Se alçou de Noroeste tal aragem,
Que as vagas arrojava ao firmamento:

Socegado este horrendo movimento,
Em q̃ roncava o mar como hum selvagem;
Vimos ao sexto dia de passagem
A vinosa Madeira a balravento.

Na barba da cruel Serra Leôa
Oito dias soffremos calmaria,
E o crebro fusilar com que o Ceo trôa:

Passámos logo a linha ao quarto dia,
E surgimos com toda a gente boa
Aos sessenta do Rio na bahia.

XXII.

OH impio! tu, que clamas: não existe
Hum Deos eterno, a sua Monarquia
He obra de ardilosa fantasia
Para reger tiranna o povo triste:

Os olhos por ventura, dize, abriste
Para esses globos ver? viste a armonia,
Com que rodão brilhando noite e dia?
Ah! bem mostras, insano, que os não viste.

Levanta a vista pois, vê huma estrella,
Huma planta, huma flor, e logo adverte
Se a mão produz do Acaso obra tão bella:

Vê-te a ti mesmo; e para convencer-te,
Que maior prova teu engano anela,
Pois para ver que ha Deos, basta só ver-te.

XXIII.

POis me vejo no horror desta espessura,
Onde só me accompanhão meus ardores,
Quero ás plantas dizer os meus amores,
Quero ás penhas contar minha ventura:

Junto de huma soberba fonte pura,
Onde hum monte se adorna de mil flores,
Huma pastora vi, cujos primores
São pasmo da mais rara formosura:

Absorto o coração vendo-a tão bella,
De amalla buscou logo o exercicio,
Em que gostosamente se desvela:

Em votar-lhe prosigo o sacrificio,
Sem que aspire o meu peito a merecella;
Porque até adoralla he beneficio.

XXIV.

QUe intentas c'o reflexo cristallino
Do brunido cristal, Nize travêssa?
Que a luz destes meus olhos se escureça?
Que eu não veja o teu rosto peregrino?

Ah! Se de teu jovial genio malino
A caprichosa idéa, Nize, he essa;
Cessa no extravagante empenho, cessa;
Que ha muito me traz cego o Deos menino.

Mas se tanta cegueira te não basta,
E ainda mais e mais queres cegar-me,
Do teu rosto gentil o espelho affasta:

Deixa teus olhos, deixa, contemplar-me;
Que sua luz, a quem nada contrasta,
Sobra para de todo deslumbrar-me.

XXV.

MOTE.

Em apa, epa, ipa, opa, upa.

N'Huma furia que fiz este anno á Lapa
Çumo assás se bebeo da Lusa cepa,
E com o vinho, que á cabeça trepa,
Hum queria ser Rei, outro ser Papa.

Houve bulha, rasgou-se muita capa;
Este hum nariz, hum braço outro decépa;
E eu que me vi levado da carépa,
O meu ponto foi pôr-me de socapa.

Dentro n'huma bojuda chea pipa
De repente saltei, fico huma sopa,
E o povo, que isto vê, todo me apupa.

Mas que importa? se assim forrei a tripa,
Para a historia contar, que em nada topa,
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

XXVI.

QUem de falsa infamou a antiguidade,
De seus misterios a razão não sente:
Ella mentir não quiz, mas sabiamente
Expôr em vivas formas a verdade:

Se monstros de cruel voracidade
Com lindo rosto finge, a sua mente
Ante os olhos foi pôr-nos vivamente
Das mulheres a infame qualidade.

Gerou em toda a parte a Natureza
Estes monstros crueis, estas Sereas,
Que tramão mil traições com a belleza:

Mas se de suas vís artes, vís idéas
Quizer alguem provar a sutileza,
Venha do Tieté, venha ás areas.

XXVII.

MArio, que a Roma do fatal estrago,
Que dos Cimbrios a barbara corrente
Lhe ameaça feroz, salvou valente
Tornando a terra de seu sangue hum lago;

Desterrado da patria, afflicto, e vago
Da adusta Libia pelo campo ardente,
A dor consola, que no peito sente,
Vendo as ruinas da infeliz Carthago:

Assim Vós, que a Elisia combatida
De cem monstros salvastes glorioso,
E Elisia desterrou desconhecida,

Alivio achar podeis ao mal penoso;
Não vendo huma Cidade destruida,
Mas hum povo por Vós feito ditoso.

XXVIII.

COlhendo hũ dia conchas de entre a area,
D'outras Ninfas gentís accompanhada,
Qual a Aurora de estrellas rodeada,
Andava a formosissima Treséa.

Apenas toca a praia, o mar enfrea
A furia, com que quebra na enseada,
E das ondas a face prateada
Toda de humidos peixes se vio chea.

Amiclas pescador, que hum grosso lanço
No concavo saveiro recolhia,
Deixou cahir as redes no remanso.

Mas logo em si tornando, assim dizia:
„ Por ti, Ninfa, perdi vida, e descanço,
„ Perdi rede e, a ter mais, mais perderia. „

XXIX.

VIa o Tempo confuso o ardimento,
Com que Elisia se alçava das ruinas;
Via as Sciencias, as Artes peregrinas
Em seu seio formar ditoso assento.

Via os Lusos baixeis com aureo vento
Avassallar as ondas Neptuninas;
E em destros batalhões as sacras Quinas
Nos ares florear com novo alento.

E querendo prostrar tudo por terra,
A' grande empresa os Annos não convida,
Pois vê que lhe farião em vão guerra:

Chama a Morte, que a foice enfurecida
Desferindo, n'hum ponto tudo aterra,
Cortando de José a augusta vida.

XXX.

AMor, que de mil triunfos vás ufano,
„ Vês-me aqui sê paves, sê lança, ou malha;
„ Pois assim mesmo em desigual batalha
„ Comtigo não duvido entrar, tiranno.

„ Eia pois, o arco assésta deshumano,
„ As setas huma a huma ao vento espalha;
„ Que em fim te hei de render, sê q̃ te valha
„ Nem teu grande poder, nem teu engano.

Desta arte soltamente a Amor fallava
Hum dia meu ousado pensamento,
Que embalde na razão se confiava:

E Amor, para punir seu ardimento,
Rindo-se, não tirou seta da aljava;
Teus olhos lhe mostrou, gentil portento.

XXXI.

ALma triste do Pina, que orgulhosa
Em torno da Hipocrene andas vagando,
Por duros consoantes barregando,
Occupação ao Vates trabalhosa:

Se lá na sua margem pantanosa
Com as máos e focinhos chafurdando,
Do negro fundo alguns fores sacando,
Bem m'os podes mandar para huma glosa.

Tu, que foste no mundo forte asilo
Da rimada Poesia, e firme affecto
Mostraste ao sabio imitador d'aquillo;

Bem m'os podes mandar, que eu te prometto
Ao teu nome compor em teu estilo
Hum turgido e enigmatico Soneto.

XXXII.

RAiavão no Orizonte os resplandores
Da marchetada Aurora, que esparzia
Das soltas tranças sobre a terra fria
Hum mimoso chuveiro de mil flores:

Ao mesmo passo Aglaia, os meus amores,
Pelo cume de hum monte apparecia,
Enchendo a selva toda de alegria
Com a luz de seus olhos triunfadores.

Vinha tão bella, tão airosa estava,
Que do rosto gentil, gentil postura
A terra e o mesmo Ceo se namorava:

Então vi que ante a sua formosura
Chea de pejo a Aurora se occultava,
Qual ante a mesma Aurora a Noite escura.

XXXIII.

D'Aquelles fios de oiro, que ondeados
Guarnecem de teu rosto a neve pura,
A rede Amor teceo com travessura,
Onde presos ficárão meus cuidados.

Elles, que costumavão confiados
Ir contemplar a sua formosura,
Nella, sem suspeitar tal desventura,
De improviso ficárão enredados.

Alli gemem cativos: e se em pranto
Banhados a Amor pedem, que piedoso
Rompella lhes consinta, ou desatalla;

O traidor lhes responde cavilloso:
„ Se a doirada prisão vos cansa tanto,
„ Quê, loucos, vos mandou, dizei, buscalla? „

XXXIV.

QUal colhe o puro mel na fresca rosa
Loira abelha, voando em verde prado,
Doce nectar libava o Deos vendado
Na boca de Licoris graciosa.

A minha alma, que o via, de invejosa
Solta apôs elle o voo accelerado;
Mas o moço, empunhando o dardo irado,
A fazia affastar toda medrosa.

Tanto instou a infeliz na louca empresa,
Que o zeloso frecheiro impaciente
Tres vezes a ferio com grão crueza.

Cahe a triste, e acabara cruelmente,
Se de Amor vendo a Ninfa a furia accesa,
Das mãos não lhe arrancara a innocente.

XXXV.

ENterrado o punhal no peito brando,
Do qual o sangue em borbotões pulava,
Sem côr, fria, e da morte, que os cerrava,
Os olhos entre as sombras já nadando:

A debil e cortada voz alçando
Entre os crebros soluços, que exhalava,
A mesquinha Lucrecia assim fallava,
Sua innocencia a todos attestando:

„ Testemunhas me sejão, que illibada
„ Em meu peito guardei perpetuamente
„ A fé nas aras de Himeneo jurada;

„ Aos mortaes o punhal e o sangue quente,
„ E aos Deoses lá na Olimpica morada
„ Este que exhalo espirito innocente.

XXXVI.

DO Troiano infiel desemparada,
Furiosa os Reaes Paços corria
A miseranda Elisa, e nelles via
Pendente do tiranno a fina espada.

Gemendo a mão lhe lança arrebatada,
E com ella fallando, assim dizia:
„ Cruel espada, tu serás mais pia
„ Que o traidor, delle não em vão deixada:

E aos Ceos alçando os olhos, continua:
„ Oh Numes! Se entre vós justiça mora,
„ Do perfido tomai justa vingança:

„ Vós puni minha morte com a sua.„
Disse, e despindo a espada cortadora,
Com torva vista o peito nella lança.

XXXVII.

JA as rosadas Horas vigilantes
Doirando vem o dia venturoso,
Dia em que sóbe ao Solio magestoso
Luiz entre as virtudes estellantes.

De novas plumas, plumas coruscantes,
A fronte cinge pois, Brasil vaidoso;
Em quanto t'a não cinge o Heroe famoso
Dos loiros da victoria triunfantes.

Elle na branda paz, ou guerra irada
Ditosa te fará, ditosa terra,
Ou já vibrando a penna, ou já a espada.

Que Pallas, que mil dons em si encerra,
Benigna as artes dá na paz doirada,
E ministra o valor na ferrea guerra.

XXXVIII.

DA America no rumo do Oceano
Huma galé os paramos cortava,
E a chusma dos Amores, que remava,
Rege duro Comitre, Amor tiranno.

O vento que a seguia, o leve pano,
Galerno respirando, lhe enfunava;
E o mar, que as verdes ondas empolava,
Sob o longo esporão se torna plano.

Quando Proteo do fundo mar rompendo,
Onde vás, lhe bradou, moço atrevido,
Deixa a terra, a que vás veloz correndo;

Nella Pluto sómente he conhecido
Então a aguda proa atrás volvendo,
Ao porto, que deixou, torna Cupido.

XXXIX.

DEbaixo dos pendões de Amor insano
Grão tempo militei gloriosamente,
E não huma só vez ornei a frente
Dos verdes mirtos de Cithera ufano.

Inda pendem no Templo do tiranno
Ricos despojos, que ganhei valente
Ao jugo submettendo felizmente
De cem Ninfas o orgulho e feo engano.

Mas hoje, que do Tempo a mão nevada
O sangue me congela e me enfraquece,
Ceda-se o campo, as armas penduremos:

E da arrogante Neera, que obstinada
A meu rogo, meus votos escarnece,
O triunfo a novo Campião deixemos.

XL.

HOje faz nove dias justamente,
Que ao Parnáso subiste Varão grande,
Dado ao mundo por Deos q̃ tudo o mande,
Para riso, e prazer da Lusa gente.

Então cingida a erriçada frente
Da planta, q̃ ama o Deos, q̃ as luzes brande,
Versos mais doces do que açucar cande
Cantaste ao som da Lira docemente;

Mas hoje da Rhetorica formosa
A corrente soltando arrebatado,
Que em Florinda bebeste copiosa;

A todo este congresso tens mostrado,
Que ser mereces instalado em prosa,
Como foste nos versos instalado.

XLI.

MAl da Fama o clarim no campo aério
Ao Orbe a grande nova fez patente,
De que ousado baixel no Occidente
Havia descoberto outro hemisferio:

Quando Venus deixando o assento ethereo,
Na aurea concha se embarca, e ledamente
A Amor diz: vamos ver a nova gente,
Vamos, filho, estender o nosso imperio.

Não, Amor lhe responde, sem mim corta
Dos patrios campos a salobre esfera,
Que eu do fero Neptuno temo a sanha.

Desta arte parte a Deosa, e em breve aporta
Só sem Amor á nova terra estranha,
E sem Amor desta arte nella impera.

XLII.

CAntando ao rouco som dos duros ferros
Engana o triste preso o seu cuidado;
Cantando o lavrador atrás do arado
Vai do monte rompendo os altos serros:

Cantando passa os dias nos desterros
O que aparta da patria o duro Fado:
Canta o pobre vaqueiro desvelado
Levando para o pasto os seus bezerros:

Cantando o pescador na tempestade
O furor da tormenta embravecida
Faz menor com a doce suavidade:

Só eu longe de ti, bella Marfida,
Padecendo o rigor d'huma saudade
Gasto em continuo pranto a infeliz vida.

XLIII.

NA borda de huma fonte fresca e pura,
Que o verde prado esmalta de mil flores,
Fido feliz pastor, que entre os pastores
Do Mondego logrou alta ventura,

Cansado de seguir entre a espessura
A fugaz lebre, os gamos voadores
Se senta, e contemplando as lindas flores,
Nas flores vê de Nize a formosura.

Admirado o Pastor que a Natureza
Retratasse a Pastora em toda a parte
Exclama: „ Oh singular rara belleza!

„ Ceo e terra se empenhão em copiar-te:
„ A terra destas flores na lindeza,
„ O Ceo no resplandor que o Sol reparte. „

XLIV.

JÁ' a neve deixou o altivo monte,
Que de relva outra vez se está cobrindo:
De novo luto já se vão vestindo
As sentidas Irmãs do audaz Faetonte:

Já corre cristallina a fresca fonte,
Pelos prados mil flores produzindo,
Os doces roixinóes se estão ouvindo,
O Sol brilhante nasce no Orizonte:

O mundo vejo encher-se de alegria,
Dando mostras do seu contentamento
O Sol, o prado, a selva, a fonte fria.

Só não acho no proprio pensamento
Mais que horror, sendo a mesma fantasia
O motivo maior do meu tormento.

XLV.

FRancisco invicto, raio de Mavorte,
Rasgando as ondas do soberbo rio,
Cobrio de sangue e fogo a fera Dio,
Brandindo denodado a lança forte.

Vós, Senhor, sangue seu, com igual sorte
Cobrando o usurpado Senhorio,
Do Hespanico Leão pisaste o brio,
Derramádo em seu cápo o horror, e a morte.

Brasil ditoso, ou já na paz doirada,
Ou no furor da guerra procelloso,
Debaixo de seu cetro, e sua espada!

Mas oh! e quanto foras mais ditoso,
Se quanto de seu nome a fáma honrada
Seu imperio durára glorioso!

XLVI.

NAs soltas azas do sonoro vento,
Ameaçando incendios e ruinas,
Embora cruze as ondas cristallinas
Em cem baixeis o Hespanico ardimento.

Que ou nos páramos do humido elemento,
Ou do Brasil nas prosperas Campinas,
Na espada encontrará, que tu fulminas,
A's loucas esperanças escarmento.

O forte Portuguez por ti guiado,
Impavido arrostando a fea guerra,
Deixará seu orgulho castigado:

Então verá Hespanha o quanto errá;
Que não foi Nuno só a Lisia dado
Para açoite e terror da Hespana terra.

XLVII.

SObre a mitèria e forma delirando
Do Estagirita a grande sutileza,
Que aleives não impoz á Natureza,
Que depois forão Frades propagando!

De outra sorte Epicuro meditando,
Aos seus ouvintes disse com certeza,
Que desta immensa mole a redondeza
Se fora toda de atomos formando.

Se no mundo o *Feijó* então houvera,
Que o mundo se compunha certamente
De *Feijós*, e não atomos dissera:

Ou discorrendo mais profundamente,
Que de muitos *Feijós* se compuzera
Hum atomo diria sabiamente.

XLVIII.

A Mor, bradava Elpino delirante,
Se merece hum teu servo ser ouvido,
Arma o arco, fulmina enfurecido
Tinta em peçonha a seta penetrante:

Odios, Iras, Traições a todo o instante,
Cruel Ciume de aspides cingido,
E cem Furias do Tartaro insoffrido
Rasguem o coração de huma inconstante.

Castiga sem piedade a aleivosia
De huma tiranna, se a razão te toca:
Mas que digo? Perdoa, oh Ninfa impia!

Perdoa, que na dor, que me provoca,
Se contra ti vingança a Amor pedia,
Minha alma não fallou, fallou a boca.

XLIX.

VEndo a bulha, que vai no Luso Pindo,
Amigo Melibeu, fico suspenso:
N'outra coisa não falla o povo denso;
Mas o sabio de todos se está rindo.

Vomita Homeros quê hum Grego ouvindo
Cuida que he Maratá a Goa infenso:
Com larga mão se queima torpe incenso
A Garção, Quita, Matos, e Tremindo.

O Garção não foi máo, algum bocado
Quita de Poesia tem seléta,
Bem quê delle o melhor seja furtado.

Ha engenho no Pina; mas a meta
Perpassou, ora humilde, ora empolado;
Quem o tem por modello, he máo Poeta.

L.

HUm braço branco cómo a mesma neve
Vi lançar fora de huma Zelosia;
E Amor, que já de longe me seguia,
O instante, que buscava, pronto teve:

Delle o arco formou e a seta leve,
Com que rasgar-me o peito pertendia,
E sem ver quem cruelmente me feria,
O coração ferido vi em breve.

De que artes usa Amor, e de que enganos
Para senhorear tirannamente
O Coração dos miseros humanos!

Que val fugir, se voa velozmente,
E espiando a ocazião de nossos dãnos,
Quando menos se teme está presente?

LI.

QUe importa d'essa carta a falsidade,
Que contra o meu amor hoje conspira,
Se não podem as sombras da mentira
Escurecer as luzes da verdade?

Se do fado cruel na adversidade
A fé de hum fino amante mais se admira,
Contra mim se conjure a sua ira,
Que então mais brilhará minha lealdade.

Como o Sol, cuja luz, cuja pureza
Não podem desluzir grossos vapores,
Que intentavão manchar sua belleza,

Serão, oh bella Aonia, os meus amores;
Pois não hão de occultar sua fineza
D'hum vão engano os perfidos horrores.

LII.

JÁ' surde o grão Baixel, Brasil ditoso!
Cobre-te de prazer, deixa o receio;
O grão baixel, que de esperanças cheio,
Soberbo arava o Campo procelloso.

Luiz de teu imperio populoso
Destinado a reger o rico freio
Elle alegre te traz no feliz seio,
Luiz de altos Heroes ramo glorioso.

De Themis a librar na aurea balança
Ha tanto costumado o forte braço,
Premio e pena á virtude, e á semjustiça;

Em tomando do Cetro a governança,
Que póde derramar em teu regaço
Senão dias de paz, e de justiça?

LIII.

A's Senhoras D. Barbara Eliodora Guilhermina da Silveira, D. Maria Ignacia Policena da Silveira, D. Iria Claudiana Umbelina da Silveira.

ABsorto entre as tres Deosas duvidava
Páris a qual o pomo entregaria:
Sem véo as perfeições de todas via,
E quanto via mais, mais vacillava:

Se qualquer de per si attento olhava,
Em seu favor a lide decidia,
Mas logo resolver-se não sabia
Quando juntas depois as contemplava,

Em fim hum não sei que, que a Natureza
Mais liberal com Venus repartira,
O move a dar-lhe o premio da belleza.

Ah! se igual entre vós lide se vira,
O mesmo Páris cheo de incerteza
Nunca a grande contenda decidira.

LIV.

AMor, famoso artifice de enganos,
Ante meus olhos se apresenta hum dia,
Brando e suave, e não, qual já sohia,
Armando o arco, e ameaçando dános.

Então com brandas vozes: dos humanos
Eu sou prazer e gloria, me dizia:
Serião sem a minha companhia
Os mortaes quaes os tigres deshumanos.

Segue-me pois, se queres ser ditoso:
Celia, do Tieté gentil pastora,
O pastor te fará mais venturoso.

bora;
„ Vai-te Amor (lhe tornei) deixa-me em-
„ Que tu por natureza hes aleivoso,
„ E Celia, se he mulher, será traidora.

LV.

QUem he este famoso Archipoeta,
Que o rebellão Pegáso esporeando,
Por charcos e atolleiros galopando,
Do pejo, e da insolencia passa a meta?

O veneno infernal, que o inquieta,
Pelos olhos e ventas respirando
Em mil trovas mil pulhas vai lançando,
Com que o Luso Parnaso todo infeta.

Mas a mirrada Inveja, que montada
Na garupa lhe vai, e impaciente
O infame coração lhe morde irada;

„ Afastai, afastai, grosseira gente,
„ Deixai passar Matusio (grita; e brada)
„ Doutor em prosa e verso omnisciente.

LVI.

HE tanto e tão continuo o meu torméto,
Bellissima occasião de meus ardores,
Que não podem do campo as lindas flores
Em numero igualar meu sentimento.

Tanta estrella não tem o firmamento
Quantas meu peito sente crueis dores:
Mais que no abismo as penas, os rigores
Se duplica em minha alma o mal violento.

Mas em vão o discurso se desvela;
Pois mais facil será o numerar-se
O infinito, que o mal de minha estrella:

E se ha no mundo a que possa igualar-se,
A's tuas prendas são, ó Ninfa bella,
Que por immensas não podem contar-se.

LVII.

A' Fama vil da fuga vergonhosa
Do Luzo, ou vejo, ou ver se me figura
Que se abre, e sahe da fria sepultura
De Nuno invicto a sombra gloriosa.

E a voz alçando irada e pavorosa,
Portugal, exclamar: que he da bravura,
Com q̃ hum tempo venceste em guerra dura
A que te enche de horror gente orgulhosa?

Ora pois, já que dos Avôs triunfantes
O exemplo, o meu, a dor da Patria amada
Nada vos move a resistir constantes:

Contemplai que se não brandis a espada,
Huma morte sem honra buscais antes
Que huma morte, que deixa a vida honrada.

LVIII.

NUno, flagello do feroz Hespano
Entre a brava falange numerosa
Com pouca se arrojou gente briosa,
E subito a cobrio de immenso dáno.

Seguindo a mesma estrada Sancho ufano,
Ao fulminar da espada procellosa,
Do Canal a Campanha gloriosa
Feroz alaga em sangue Castelhano.

Hoje porem do illustre esforço antigo
Se esquece o Luso, e os bellicos arnezes
Deixa no Campo á vista do perigo.

Vós, que a Virtude amais, oh Portuguezes,
A' vingança correi, que o inimigo
O mesmo he, que vencestes tantas vezes.

LIX.

ROto em Canas o Exercito Romano,
Roma estremece, e já ver imagina
Banhado em sangue da fatal ruina
Sobre seus muros Annibal insano.

Mas Marcello, que em tanto horror, e dáno
Não perde o brio da Nação Latina,
As forças lhe sopêa, e lhe arruina,
E em fim triunfa do inimigo ufano.

Pise embora o Hespanhol nossa Campanha;
Tu, Marcello serás da Lusa gente,
Tu, novo açoite da feroz Hespanha:

E qual do grão Francisco no Oriente
Assombra o nome a terra mais estranha,
Dará teu nome assombro no Occidente.

LX.

LAgrimas, ais, desejos, e esperança,
Ficai entre estes montes levantados
De todo para sempre sepultados,
Porque de vós não haja nem lembrança.

Se aqui algum mortal com segurança,
Quizer entrar; em écos magoados
Volta os passos, bradai, volta apressados,
Se não vens adorar a vil mudança.

Mas se acaso intentar saber primeiro
Quem do perigo o avisa, tristemente
Tornai-lhe de entre o horror da soledade:

A sombra sou do amor mais verdadeiro,
A quem a morte deo tirannamente
Da fementida Jonia a falsidade.

LXI.

JA' sei que tu não vens sem hum Soneto
Ver hum Poeta, quando está doente:
Ora pois, meu Henriques, prontamente
Aqui quatorze Versos te remetto.

Em vão o ouvido banho, e em leite meto;
Que a orelha o zumbido ainda sente:
Accresce huma dorzinha de presente
Que me atravessa os rins, como hum espeto.

Dize o que hei de fazer? Se hei de purgar-me,
Ou porque a purga me ache evacuado,
Se antes della será melhor sangrar-me?

Receita o que quizeres confiado;
Mas assenta que vale mais matar-me,
Que ter-me ha tantos dias encerrado.

LXII.

N'huma rocha, que o mar Siciliano
Com suas ondas de continuo cava,
O fero Polifemo assim cantava,
E a rouca voz atrôa o golfo insano:

„ Galatéa mais cruel que tigre Hircano
„ Mais surda q̃ aspid, e q̃ o mar mais brava,
„ Pois foges de hum Pastor que te adorava,
„ Baccho me livrará de Amor tiranno.

Isto dizendo, de hum pipóte pega
De vinho moscatel, e assim exclama:
„ Doce çumo, o melhor de minha adega!

„ Amor affoga, que meu peito inflamma!
Então o grosso vaso á boca chega,
E nas entranhas seu licor derrama.

LXIII.

DE huma horrivel tormenta combatido
Vou cruzando de Amor o golfo irado :
De toda a parte o Ceo vejo cerrado ,
E o vento cada vez mais insoffrido.

Oh ! se ao porto chegar apetecido ,
Bem que naufrago , então inda molhado
Verei outros da praia andar a nado
Lutando com o mar embravecido.

Alli as taboas do baixel colhendo ,
Os mares pintarei em tempestade ,
Por debaixo estas Letras escrevendo :

„ Tal he de Amor a fera qualidade :
„ Ao principio está gostos promettendo ;
„ Depois todo he furor , e crueldade.

LXIV.

DA-me, meu Coridáo, da-me esse vaso,
Em que brilha a soberba malvasia;
Da-m'o prestes, que em táo ditoso dia
Ha de tudo comigo ir aqui raso.

Vè pois com que prazer no bucho o vaso
A' saude da tua gentil Tia:
Eia vá outro deste em companhia,
Toca e bebe, Pastor: ai que me abraso!

Eis outro bebo: Oh planta peregrina!
De que Baccho derrama entre os humanos
De liquidos alambres chuva fina:

O Ceo dos temporaes te izente aos dános;
Porque brindando á Tia Catharina,
De teu licor bebamos muitos annos.

LXV.

QUem he este mancebo, que librado
Em as azas sutís, sobre as areas
Do branco Têjo forma mil coreas,
Dos Gostos, dos Amores rodeado?

Más já á crespa plánta, ao véo sagrado,
Ao nupcial anel, de que te arreas,
A's que brandindo vens augustas teas,
Eu te conheço, oh Nume suspirado.

Quem, Himeneo, te traz do Firmamento?
Mas eis soa do coro a melodia:
„ Pedro e Maria vivão hoje esposos. „

Pedro e Maria em santo ajuntamento
Hoje prende Himeneo! oh feliz dia!
Oh tres vezes e quatro nós ditosos!

LXVI.

EIs hum novo Thrasão temos na Scena,
Porem de fama mais agigantada,
Pois mais do q̃ obrava o outro co' a espada
Faz o nosso Matusio com a penna.

Trezentos homens sem trabalho ou pena
Matava aquelle de huma cutilada,
E mil Doutores d'huma só pennada
Ao negro esquecimento este condena.

Elle sabe o que ignora toda a gente,
Qual foi de Evandro a Mãi, e qual de Caco
He hoje em linha recta o descendente.

A ninguem deo o Ceo tão grande caco:
Pois até sciencia tem de que o prudente
Ulisses nunca usára de tabaco.

LXVII.

EM quanto por amor não suspirava,
Nem sentia os rigores de Treséa,
Nenhum dos pegureiros desta Aldea
No prazer, e ventura me igualava:

Humas vezes na luta me empregava
Do manso Tejo sobre a branca area,
Outras vezes ao som da sua vea
O bem da liberdade celebrava.

Mostrou-me Amor as graças desta impia,
Quando o Sol se escondia no Orizonte,
E com elle se foi minha alegria;

Pois desde então não faço neste monte
Mais que em continuo pranto noite, e dia
Augmentar as correntes desta fonte.

LXVIII.

SE d'entre as negras nuvẽs Jóve lança
Com rubra mão o raio estrepitoso;
Tambem esmalta o Ceo do arco vistoso,
Sinal certo de paz e de bonança.

Se batendo Neptuno a algosa lança
Revolve as grossas ondas furioso;
Tambem correndo o campo procelloso,
Dos bravos ventos o furor amança.

Só a estrella cruel, que desde o berço
Soltando a féra sanguinosa coma,
De minha triste vida os passos segue;

A grande furia em que arde nunca doma:
Antes brotando estragos, me persegue
Cada vez com aspecto mais adverso.

LXIX.

THeseo! falso Theseo! onde tiranno
Te vás, e assim me deixas sem piedade?
He esta a promettida lealdade?
De tanto amor he paga tanto engano?

Vingança, justo Ceo, Ceo soberano,
Testemunha da sua crueldade!
Caia das nuves solta tempestade:
Abra-se o mar, e trague o deshumano.

Assim de huma alta rocha aos Ceos bradava
A traida Ariadna apontando
Para a Náo, que o traidor Theseo levava.

Mas debalde: que o vento susurrando
Cada vez mais galerno respirava
Do fugaz pinho as vélas enfunando.

LXX.

AMor, o mais tiranno dos tirannos,
De meu Coração vendo a rebeldia,
Eu sou, com torvo aspecto me dizia,
Quem faz tremer os miseros humanos.

Eu dos Afros Leões, Tigres Hircanos
A meu jugo submetto a tirannia,
E tu só (quem te deo tanta ousadia?)
Me insultas, e não temes os teus dãnos

Não temo, não, lhe torno soltamente;
Que nada o rigor val com que nos tractas,
Contra nós, se nós contra ti velamos:

Que esse grande poder de que te jactas,
Esse que faz tremer a humana gente,
Não he teu, cruel monstro, nós t'o damos.

LXXI.

PIntar querendo Zeuxis os primores,
Que exalçarão de Helena a formosura,
Sinco Damas solicito procura
No talhe, e na belleza superiores.

No quadro então lançando as vivas cores,
As suas perfeições destro mistura;
E unindo-as todas n'huma só figura,
De Helena debuxou os resplandores.

Se tu de Auliza viras a belleza,
Quanto trabalho, oh Zeuxis, te pouparas
Na copia, que tomaste por empresa!

Pois copiando os dons e as graças raras,
De que a dotou benigna a Natureza,
Helena só com ellas retrataras.

LXXII.

ARrojando o grilhão, de huma esperança
O misero cativo a vida alenta:
Espera o Navegante na tormenta
Ver trocados os ventos em bonança:

Longe da cara patria, na lembrança
De ainda a ver, hum triste se contenta
E o infeliz seus desejos alimenta
Da fortuna cruel com a mudança.

Todos tem esperança em seus cuidados,
Em quanto a vida tem o doce alento,
Inda os que a Sorte fez mais desgraçados:

Só eu de tanto alivio estou izento;
Porque quando esperei os teus agrados,
As minhas esperanças dei ao vento.

LXXIII.

QUe bella, que rosada no Oriente
Vem assomando a luz do novo dia!
E que grata das aves a armonia
Pelo ar se dilata docemente!

Nosso gado retosa mais contente,
Pascendo a seu sabor a relva fria:
E o brando e doce bafo da alegria
Em toda a parte respirar se sente.

Este estranho prazer, que o Ceo e a terra
Hoje mostrando estão, algum portento
(Dizia Silvio a Elpino) em si encerra:

Hoje Auliza (lhe torna Elpino attento)
Nasceo: e esta (se a mente me não erra)
A causa he do geral contentamento.

LXXIV.

EM quanto de hum Cordeiro tosquiava
A fina e branca lã o triste Elpino,
Desta sorte ás florestas se queixava,
Cantando ao som do rio cristallino:

„ Que dia, bella Aonia, se passava,
„ Sem que eu visse teu rosto peregrino!
„ Que noite a meus ouvidos não chegava
„ De tua doce voz o som divino!

„ Pois como tão mudada estás agora,
„ Que te esqueces de mim e do desvélo,
„ Com que te busco, e chamo a toda a hora!

„ Ah não escondas, não teo rosto bello!
„ Torna a ver-me, e terás, gentil Pastora,
„ Deste tenro Cordeiro o molle véllo.

LXXV.

FOrma em seu curso o Tejo hum fundo pego,
Onde lenho jamais boiou ousado,
Cuja entrada defendem com cuidado
Dois Tritões, que de guardas tem o emprego.

Aqui com suas Ninfas em socego
O Rio hum dia estava retirado,
Quando nas claras ondas alterado
Hum estranho sentio desasocego.

Lançou fóra a cabeça da agoa fria
E hum barco vio, que entrava solta vélla:
D'onde, bradou, te vem tanta ousadia?

Mas de Pombal no porto vendo a estrella:
Basta, prosegue, aquella luz te guia:
E quem ousára tanto a náo ser ella!

LXXVI.

„ Esta Arvore gentil (planta ditosa !
„ Nunca do frio Inverno a mão gelada
„ A tua rama creste ; antes copada ,
„ Antes crecendo vás sempre viçosa!)

„ De Elpino pela mão obsequiosa
„ De amor ao terno Deos foi consagrada ;
„ Ninfas , Pastores , sempre respeitada
„ Sua sombra vos seja deleitosa.

Assim cantava Elpino á sombra fria ,
Que na relva espalhava hum fresco ulmeiro,
Que ás nuvês com os ramos seus subia.

E de Amorinhos hum tropel ligeiro
A fronte de altos mirtos lhe cingia ,
De seu triunfo premio lisonjeiro.

LXXVII.

A' tua sombra foi, frondente ulmeiro,
Que Clori rematou minha ventura;
Aqui de seu amor, sua ternura
O penhor me entregou mais verdadeiro.

Todos os annos hum novel cordeiro,
Se meu rebanho como espero atura,
Offertar-te virei, e d'agoa pura
Tuas raizes regarei primeiro.

Isto dizendo, em torno ao tronco erguido
Derrama Elpino mil fragantes flores,
E ao partir-se deixou nelle esculpido:

„Ao meigo Deos consagra dos Amores
„Esta arvore ditosa agradecido
„Elpino, o mais feliz d'entre os pastores.

LXXVIII.

ALto Senhor, que o nome teu levantas
Sobre as azas da Fama ao Ceo subido,
E de immensas virtudes assistido,
A Patria, a Europa, o Mundo todo espantas;

Entre o longo processo de acções tantas,
Que tem a mesma Inveja emmudecido,
Ampara á sombra tua hum desvalido
Que chega sem patrono ás tuas plantas.

Os Varões como tu, a terra ornando,
Da Gloria no excelso templo entrárão
De clemencia e castigo exemplos dando:

Temerarios soberbos, que se alçárão
Quaes do Libano os Cedros, derribando,
A virtude e os humildes levantárão.

LXXIX.

ERa alta noite, e placida luzia
No Ceo sereno a prateada Lua,
Quando em meus braços da constancia sua
Nerina mil protestos me fazia.

Amor, que com suave tirannia
Em meu peito gravou a imagem tua,
Amor, meu caro Elpino, me destrua
Se a outro amar, Nerina me dizia.

Correrão poucas Luas, a outro amante
A fé que me jurou Nerina rende;
E Amor o vê, e soffre a inconstante!

Quem deste monstro a condição entende!
A quem o serve atormenta a todo o instante,
E deixa em paz viver a quem o offende.

LXXX.

HUm dia Amor as armas temperadas
Dos amantes no sangue desgraçado,
Quiz provar; e meu peito de ira armado
Põe por alvo ás astes emplumadas:

Arma o arco, e as crueis setas ervadas
Huma apôs outra atira confiado:
Mas oh! e qual ficou de envergonhado,
Quando todas cahir vio despontadas!

Raivoso quebra o arco, e a mão pragueja;
Voa chorando aos braços de Ericina,
Que nelles o consola, affaga, e beija:

„ Filho, lhe diz, se tua mão divina
„ Esse fero mortal ferir deseja,
„ Nos olhos o saltea de Nerina.

LXXXI.

OH que afflicto, que só, que maltratado
A ancia cruel me tem, a dura pena,
A que a triste saudade me condena
Por decreto fatal do injusto Fado!

Se por me divertir procuro o prado,
O prado me aborrece, a selva amena;
Que o continuo rigor da Sorte ordena
Alivio não alcance o meu cuidado.

Em fim tanto a dor sinto e de tal sorte,
Que estimarei que a vida não resista
Da rigorosa Parca ao duro corte.

Porque menos sentira em tal conquista
Os effeitos crueis da dura morte,
Do que a falta, meu bem, da tua vista.

LXXXII.

AUrea Lira, que tens de immortal Croa
De cem Heroes a fronte guarnecido,
E seu braço tens feito conhecido
Desde o occaso do Sol á plaga Eoa:

Aurea Lira, por ti meu nome soa
Em Germania da Fama repetido;
E por ti de brilhante luz cingido
A par do Tempo á Eternidade voa.

Tu hes, oh aurea Lira, o precioso
Unico bem que em minha sorte escassa
Me não pode roubar o Fado iroso;

Mas por ti em o fundo da desgraça
Que os ricos Midas me hei por mais ditoso;
Vejo sem susto o mal, que me ameaça.

LXXXIII.

EM vão batendo lisonjeira as pennas,
Oh Fortuna, me cercas; que eu usado
A conhecer quem hes, pelo passado
Vejo quaes são os dons com que me accenas.

A rica perspectiva dessas Scenas
A outro pinta mais allucinado;
Que eu de ti, e teus bens escarmentado
Em nada creio do que tu ordenas.

Deixa-me em paz, que eu nada de ti quero,
Se risonho me mostras o semblante;
Nem te temo, se o vejo irado, e fero.

Esta vereda seguirei constante,
E por ella croar meu nome espero
D'alta Fama no templo scintilante.

LXXXIV.

ONde voas, oh louco pensamento,
Apôs hum falso lisonjeiro agrado!
Não receas cahir precipitado?
Icaro não te serve de escarmento?

Essas torres, que fundas sobre o vento,
O mesmo vento as destará irado.
Ah! que então pela terra derribado
Mofa ao mundo será teu vão intento.

As azas cerra em fim, o voo abate,
Em quanto te concede a Sorte escura,
Que teu justo castigo se dilate:

Mas tu não me ouves, e com mais soltura
Te elevas! ora pois as pennas bate,
E depois não te queixes da Ventura.

LXXXV.

POr Thisbe de hum fervente amor insano
Piramo arde, e por elle mutuamente
Arde Thisbe de amor impaciente,
Cujo fogo assoprava o Deos tiranno.

Os altares do Nume deshumano
Cada qual frequentava reverente;
Seu favor implorando humildemente,
Que o traidor lhes promette com engano.

De seu amor fazer em fim ditoso
Na suave esperança, a hum bosque os guia,
Onde a morte lhes trama cavilloso.

Se este monstro com tanta aleivosia
Premea a quem o serve obsequioso,
Vai, meu coração, vai; de Amor te fia.

LXXXVI.

LIra,que ao collo meu sempre pendente,
De meus annos tens sido na carreira
De meus gostos e magoas companheira,
Vem accompanhar a dor que o peito sente.

Se talvez te toquei ledo e contente,
E tu me respondeste lisonjeira,
De vozes muda, e fiel parceira
Triste a chorar me ajuda o mal presente.

A fé, que me jurára, a outro amante
Aglaia deo, Aglaia, a quem fizemos
Do Tempo tragador voar triunfante;

Como soffrer, oh Lira, poderemos
Hum golpe tão cruel, tão penetrante!
Ah! de pura pena ambos estalemos!

LXXXVII.

MOnstros do escuro Averno, crueis zelos
Que em paz me não deixais né hú instante,
Outro pintando mais ditoso amante
De Treséa infiel nos braços bellos;

De que servem as furias, os desvelos
Com que agitais minha alma delirante,
Se os grilhões não quebrais de diamante,
Mas aos duros fuzis dobrais os elos!

De vós embalde o coração espera
Romper o laço, que cruel o prende,
Pois vossa raiva amor, não odio gera:

E se o vosso furor mais fogo accende,
Não me lembreis, crueis, a traição fera,
Deixa-me em paz amar a quem me offende.

LXXXVIII.

DE longas experiencias adargado
Voava o coração seguro e izento,
Sem as frechas temer de Amor violento,
Nem os laços que tece acautellado:

Quando sem o pensar fica enredado
N'hum cabello, q̃ ondêa entregue ao vento;
E em quanto de soltallo os modos tento,
Alli foi do Tiranno asseteado.

Agora preso, e em cem partes ferido
Se amesquinha, maldiz a sorte escura,
Em pranto e sangue todo derretido.

São mortaes as feridas, não tem cura,
Mas pereça: não fora presumido;
E a culpa torne a si, não á Ventura.

LXXXIX.

AMor, que contra mim está á lerta,
A Aonia deo minha alma agrilhoada;
E bem que de meu pranto apiedada
A Ninfa estime do tiranno a offerta;

Elle hum vivo receo em mim desperta
De que firme não he quanto engraçada;
E do frio Ciume a mão gelada
O triste coração cruel me aperta.

Amor, se agora brando, ou lisonjeiro
A Ninfa tão gentil me tens entregue,
Deixa-me em paz viver no cativeiro.

Mas tu não, he a estrella que me segue,
Quem do mal não contente verdadeiro,
Até com os suppostos me persegue.

XC.

FUjamos Melibeo, que anda no monte
Amor de ardentes frechas carregado;
Eu mesmo o vi na aljava recostado
Lá debaixo dos platanos da fonte.

Apenas me sentio, alçou a fronte,
Poz-se em pé; porem eu, em quanto irado
Elle escolhe hum farpão, fujo appressado,
Antes que contra mim no arco o aponte.

Correndo apôs mim vem:entre estes ramos,
Em quanto passa, e vai da nossa aldea
A vereda seguindo, nos metamos.

Mas ai! que de escapar-lhe he vã a idea;
Pois se aqui de seus tiros nos livramos,
Nos espera nos olhos de Treséa.

XCI.

Parafraseando o Epigramma Grego de Paulo Silenciario.

ESTava eu com Licori á sombra fria
De hum florido murtal de Amor tratando;
A Ninfa, seu poder exaggerando,
Mil prodigios contou, de que eu me ria.

Ella porque eu pagasse a zombaria,
E de Amor fosse a força em mim provando,
Hum cabello das tranças arrancando,
Ambas as mãos com elle me prendia.

Zombei eu ao principio destes laços;
Pois ao ver sua fragil contextura
Cri, que pronto os faria em mil pedaços:

Mas logo conheci minha loucura;
Que depois quiz em vão soltar os braços;
E a prisão cada vez sinto mais dura.

XCII.

Basta, Aonia, que eu já me não defendo;
Venceste em fim; e de lutar cansado
Segunda vez ao jugo carregado
A trilhada cerviz humilde estendo.

Da resistencia as armas já te rendo,
De teu grande poder desenganado,
E a teus pés pela terra vil prostrado
Da vencedora as leis sogeito attendo.

Eis-aqui alma, vida e liberdade,
Orna com ellas, pois me tens vencido;
O triunfal carro chêa de vaidade.

Mas o braço suspende enfurecido,
Que affronta do triunfo a magestade
A lança arremessar contra hum rendido.

XCIII.

COm máres verdes, e ponteiro vento
As ondas vou cortando do Oceano,
E ás praias, que deixei, debalde o pano,
E debalde virar a proa intento.

Crece das vagas o escarceo violento,
O pólo trôa e brama o golfo insano,
Por instantes se augmenta o estrago e dáno,
Que afflicto reparar, mas em vão tento.

Pelas costuras em cem partes roto
Sorve o baixel os mares revoltosos,
E cada vez mais rijo estala o Noto.

Com a furia dos ventos procellosos,
Neste estado, e sem leme, e sem piloto
Sem vós posso pairar, oh Ceos piedosos!

XCIV.

A Dafne, que veloz delle fugia,
Apollo, a quem ferira o Deos frecheiro,
Seguia; e em quanto a segue lisonjeiro,
Oh que doces ternuras lhe dizia!

Mas vendo, que a cruel nada attendia;
O passo aperta, corre mais ligeiro;
E já quasi ao travalla, n'hum loireiro
Vio que a Ninfa gentil se convertia.

Então aos altos Ceos vingança clama
Contra Amor, contra sua seta ardente;
Logo o tronco abraçando, assim exclama

„ Pois minha esposa o Ceo té não consente,
„ Arvore minha serás, e tua rama
„ Dos grandes Vates ornará a frente.

XCV.

SObre hum penhasco, donde murmurando
Huma fonte rebenta de agoa pura,
Elpino recostado a formosura
Da esquiva Jonia estava contemplando.

O teu corpo, dizia, o cristal brando
Desta agoa vence, Jonia, na brancura;
E as boninas que rega na frescura
As flores que em teu rosto estão brilhando.

Mas ai, Ninfa! que importa, que benino
Taes graças concedido o Ceo te tenha,
Se teu rigor desluz o dom divino?

Se mais que este cristal, que se despenha,
Ligeira hes, tens no peito adamantino
Hum Coração mais duro, que esta penha?

XCVI.

TErçada a pele da Nemea fera,
No punho a clava, e no ár o braço alçado,
Investe o bravo Alcides denodado
A hidra, que de Lerna o terror era:

Em vão assobiando o monstro o espera,
Em vão novas cabeças brota irado;
Que por fim cahe por terra derribado
A' furia que o estronca e dislacera.

Mas este mesmo heroe arde e suspira
De Omfale aos pés, e ao seu menor desgosto
Se assusta, perde a cor, treme, e delira.

Tanto Amor pode! Oh tu, a quem inspira
Hum nobre ardor da gloria o gentil rosto,
O fugir delle deste exemplo tira.

XCVII.

SE aurea estrella comigo repartira
A sem igual e angelica doçura,
Que enchendo os peitos todos de ternura
Em tua accorde voz tão grata inspira:

Então tomando ousado a eburnea Lira,
Ora louvando a tua formosura,
Ora de teus accentos a brandura,
As cordas de oiro sem temor ferira:

Mas já que por influxo de meu fado
Tuas graças me faltão, falta a arte
Para assumpto cantar tão levantado;

Ou comigo os encantos teus reparte,
Ou deixa que de assombro arrebatado
Com o silencio só possa louvar-te.

XCVIII.

NAvegante, que vê em noite escura
Cerrar-se o dia, a luz do Sol perdida,
E dos ventos a colera insoffrida,
Que a rota náo acapellar procura;

De outra vez náo cruzar os mares jura,
Se vivo chega á terra apetecida;
Porem se salva bem que a nado a vida,
Torna entre as ondas a tentar ventura:

Assim eu, oh Treséa, que perdido
Quasi por ti me vi, tinha jurado
Fugir téus olhos, teu amor fingido:

Mas a vellos volvi com tal agrado,
Que dos antigos votos esquecido,
As vagas surco, a que escapei a nado.

XCIX.

JAson, cruel Jason, louca sem tino
Medea exclama: como n'hum instante
De mim te esqueces, e do amor constante,
Com que errante segui o teu destino?

Do triste Irmão a morte, o vellocino,
Medea, a minha mão, esta alma amante
Tens em tão pouca estima, que inconstante
Dás a Creusa o Coração indino!

Deosas! filhas da Noite tenebrosa!
Do Cocito sahi, a vossa furia
N'aquella alma empregai tão aleivosa.

Não sahís? pouco importa: a minha injuria
Só vingarei, que huma mulher zelosa
Que as Furias infernaes he maior Furia.

C.

AOnia, amada Aonia, Adeos, q̃ o Fado
Que nosso amor logremos não consente;
Elle de ti me arranca, e cruelmente
Novas gentes a ver me leva irado.

Qual seja o meu tormento neste estado
Dizer não pode esta alma, inda que o sente:
Mas bem que seu rigor de ti me ausente
Não riscará do peito o teu traslado.

Onde quer que me leve o meu destino
Alli verão meus olhos saudosos
A imagem de teu rosto peregrino.

E se a pesar dos astros rigorosos,
Quizer que inda te veja o Ceo benino,
Só então tornarão a ser ditosos.

CENTURIA III.

SONETO I.

DOce Lira! eis de novo o mar se altera,
Que algum tempo surcamos bonançoso,
E Noto pela proa furioso
Com novas tempestades nos espera:

Eia pois, a suave voz tempera,
E em quanto o tempo dura tormentoso,
Ao menos com teu som armonioso
De suas furias o rigor modera.

Em triste, numerosa consonancia
De nossa infausta estrella celebremos
Os continuos assaltos, a inconstancia;

E no firme valor, com que os soffremos,
De contraria fortuna, e de constancia
De novo hũ novo exemplo ao mundo demos.

II.

QUando a calada noite tem cerrados
Em carregada sombra os frios ares,
E que velando estão só meus pesares
Entre o horror destes montes levantados:

Librados sobre as azas meus cuidados,
Atravessando serras, e altos mares,
Voão a ver saudosos os lugares
Que tu fazes, Aonia, afortunados.

Elles lá te dirão o como pena
A minha alma infeliz entre lembranças
No desterro, a que o Fado me condena.

Se escutando-os hum só suspiro lanças,
Se dará por bem paga a minha pena,
Cobrarão novo alento as esperanças.

III.

A' sombra de hum Coqueiro corpulento
Estava hum dia Elpino recostado;
E das flores, que em roda brota o prado,
Hum ramalhete concertava attento.

Quando Amor, que cruzando o sutil vento
D'alli passava pouco desviado,
Que fazes, lhe bradou, pastor cansado!
Em que occupas, Elpino, o pensamento?

Para Anidia gentil de lindas flores
Hum ramo teço (lhe responde Elpino)
Anidia, por quem soffro os teus ardores:

Então lhe diz, sorrindo-se, o menino,
Simples pastor, se queres seus favores,
Leva-lhe em vez de flores, oiro fino.

IV.

EM torno de Mirtale sem receio
Voava Amor, e d'ella namorado,
Ora nos olhos, ora no trançado
De prazer lhe saltava, e gloria cheio:

Alli mil laços forma, e dalli veio
Em mil giros ao collo torneado,
Voa, e revoa, e de voar cansado
Lhe adormece por fim no branco seio.

Mirtale que o Amor dormindo via,
Lhe corta a crespa pluma toda rente;
Acorda Amor, e em vão voar queria.

Elpino, que isto observa attentamente,
„ Quem, diz, a não ser tu, Ninfa, podia
„ Fazer de Amor instavel permanente?

V.

DE hum occulto punhal Psiques armada,
Tirar a Amor a vida pertendia,
Pois hum fero dragão o presumia,
Das irmãs invejosas enganada:

Quando á luz que levava acautellada,
Em vez do feo monstro que temia,
O lindo moço vio que em paz dormia,
E de vello ficou logo encantada.

Hum pingo, que entre tanto a luz derrama,
Acorda Amor, e ao ver-se descoberto,
De Psiques foge, que debalde o chama:

„ Ah Mirtale! occultemos nossa chama,
„ Que se não arde em sombras encoberto,
„ Amor não dura, que os misterios ama.

VI.

SE deixando os cuidados e a tristeza,
Das Musas e na minha companhia,
Queres, Lisio, á manhá passar o dia,
Vem buscar hum amigo, que te preza.

Não verás na frugal e parca mesa
As toalhas, que Flandes nos envia;
Mas as que Guimaráes nos tece e fia,
Que são os atavios da pobreza.

Sobre a olha, e sobre hum pato bem assado,
O bom vinho do Porto beberemos,
Que na guerra o Inglez faz tão ousado:

Depois ao som das Liras cantaremos;
E quando fores de cantar cansado,
Do mundo, e seus desmanchos zombaremos.

VII.

Sobre os Versos de Xenocrates a Mercurio.

A Hum Mercurio de cedro, que adorava
O mesquinho Nicon em sua estancia,
Do precioso metal pede a abundancia,
Mas ao surdo madeiro em vão orava.

Cansado de o rogar, delle pegava,
E em pedaços o faz com grande ancia,
E o metal, que pedira com instancia,
Em larga copia dentro nelle achava.

Quantos a este Mercurio, com quem antes
Pode a injuria que o rogo, hoje encontramos
Entre os homens, oh Lisio, semelhantes!

Se humildes e submissos os rogamos,
Inflexiveis se mostrão e arrogantes;
Mas cedem ao rigor, se os maltratamos.

VIII.

ABre, brilhante Fosforo do dia,
Risonho precursor do Sol luzente,
As marchetadas portas do Oriente,
E sua luz immortal prospero guia.

Vem, Fosforo gentil, vem de alegria
Encher os coraçóes da Lusa gente,
Que ha tanto, que suspira impaciente
Por ver no trono a immortal Maria.

Vem, e ao Solio verás subir com ella
A Justiça esmaltada da Piedade,
E a santa Paz, que a nós se volve ao vella.

Verás brotar a terra a sã verdade:
Verás do Augusto Cetro á sombra bella
Tornar á grande Lisia d'oiro a idade.

IX.

„ HE este (Amor dizia aos mais Amo-
res)
„ De meu Imperio o mais ditoso dia ;
„ Pois para dilatar-me a monarquia ,
„ Marcia o encheo, nascendo, de esplendores.

„ Depostos pois os finos passadores ,
„ Descance o mundo cheo de alegria ,
„ E para lhe offrecer ide á porfia
„ Colher ligeiros mil fragantes flores.

Disse , e n'hum ponto sobre o verde prado
Se derrama de Amores hum chuveiro ,
Que mil bellas grinaldas tem formado.

A trazer-t'as cada hum virá ligeiro ,
E eu venho , bella Marcia , alvoraçado
A ser da sua vinda o mensageiro.

X.

JÁ' do dia o Planeta luminoso
As flores pinta do viçoso prado;
E das aves o coro sonoroso
Pelos bosques o salva alvoraçado:

Já o rude Pastor seu manso gado
Dos apriscos desprende cuidadoso;
Já de mil cães o caçador cercado
O coelho persegue temeroso:

Só tu com os brilhantes resplandores
De teus olhos não vens, Silvia adorada,
Dar alento á minha alma, e vida as flores.

Fazes bem; que sahir de madrugada,
Conforme a opinião de bons Doutores,
Só para a Ninfa he bom que anda opilada.

XI.

VEjo cobrir-se o ar de sombra escura,
Que a luz dos astros a meus olhos cerra;
Ante meus pés tremer, abrir-me a terra
No horrendo abismo infausta sepultura:

Oppostos furacões com força dura
Sinto rugir-me em torno em crua guerra,
E á luz dos raios com que o Ceo me aterra
Só de espectros crueis vejo a figura.

No meio deste horror, desta agonia,
Por ver se posso achar quem me soccorra,
Luta, mas luta em vão a fantasia.

Fechou-se o Ceo, não ha a quem recorra:
Oh! Se mil vezes mil morro no dia,
Ceda-se ao fado, e de huma vez se morra.

XII.

N'hum cristallino espelho, que brilhava
De seus olhos gentís c'os resplandores,
A linda Aglaia de engraçadas flores
As doiradas madeixas ennastrava.

Logo gemmada roupa, que imitava
A fresca primavera em seus lavores
(A pesar dos desejos dos Amores)
Sobre hollanda finissima lançava.

Mas Elpino que estava junto della,
Despe a roupa, lhe diz, que tens vestida,
Se queres, Ninfa, parecer mais bella.

Que se Venus a palma apetecida
Tem da belleza, para merecella,
Vê como a Páris se mostrou em Ida.

XIII.

Dado por huma Menina ao Excellentissimo e Reverendissimo D. José Dantas Barbosa, Arcebispo de Lacedemonia, no dia em que lhe ministrou o Sacramento da Confirmação.

PRincipe singular, Pastor sagrado,
Que as ovelhas pascendo com desvelo
Na vigilancia sois, e santo zelo
Do Divino Pastor fiel traslado:

Em Christo o coração todo abrasado,
A vós, Ministro seu, venho offrecello;
E porque aos olhos seus voe mais bello,
Em a Fé por vós seja confirmado.

Ninguem melhor que vós o Ceo propicio
A meus votos do santo Sacramento
Podia destinar-me ao exercicio;

Pois sendo desta graça o instrumento,
Se n'alma augmenta a graça o beneficio,
Dá vosso nome ao beneficio augmento.

XIV.

FUliginosos Ciclopes suavão
Hum corisco batendo retorcido,
E os golpes do martello endurecido
Pela concava gruta resoavão:

Do rubro ferro chispas mil saltavão,
Entre as quaes os Ministros de Cupido
Noutra bigorna com menor ruido
Hum virotão talhante trabalhavão.

Tanto que a cruel arma esteve pronta,
Amor, para provalla, destramente
No peito me cravou a aguda ponta:

Da ferida o traidor ficou contente;
Pois desde que o terrivel arco aponta,
Não tem ferro vibrado mais ardente.

XV.

N'Hum sanguinoso trono, que se alçava
Sobre infelices corações humanos,
Amor cercado de asperos Tirannos
Os miseros amantes escutava.

Alli hum suspirando se queixava
Dos mortaes Zelos, outro dos Enganos,
Tal das Suspeitas, tal dos Desenganos
Com largo pranto queixas mil formava.

Então sem cor, tremendo ao solio chego,
E querendo fallar, Amor irado
Inda queres, gritou, mais feliz sorte?

E ao barbaro Receo dando hum brado,
Este louco, lhe disse, hoje te entrego,
Vê que has de atormentallo até á morte.

XVI.

EM Aglaia não amo a luz formosa
De seus brilhantes olhos vencedores,
Bem que exceda do Sol os resplandores
Na manhã mais serena, e deleitosa:

Não amo a linda boca graciosa,
Donde nectar derramão os Amores,
Nem as faces gentís, que as finas cores
Vencem da grá, da purpura lustrosa.

Amo o siso, a modestia, a compostura,
Que brilhando entre tanta gentileza,
Deixão ver de sua alma a formosura.

Ella affasta de mim toda a baixeza;
E contemplar me faz na creatura
Qual de seu Creador he a belleza.

XVII.

BAtendo Amor as azas susurrantes,
Sem arco, sem farpões, e sem aljava,
Sobre esplendida mesa ontem voava
Por entre os aureos vasos espumantes:

Eu que o vi sem as armas penetrantes,
Seguro pelas azas lhe pegava,
E n'huma grande taça o mergulhava,
Vingar querendo os miseros amantes.

Ufano do soccesso incautamente
Todo o licor bebendo, o copo vaso,
Brindando em roda a circunstante gente.

Mas ai triste de mim! desde este caso
No peito sinto hum Mongibello ardente
E em seu fogo voraz vivo me abraso.

XVIII.

TEimoso Coração, já satisfeito
Teu empenho estará; pois por Treséa
A arrojar outra vez torno a cadea,
Que a Razão em pedaços tinha feito.

De novo a seu capricho hoje sogeito
C'os fingidos protestos te recrea;
Já que do mal passado a viva idea
A mudar te não move de conceito.

Mas se algum dia vires seus favores
Desfazerem-se do ar na esfera vaga,
Os agrados tornarem-se em rigores;

Não accuses a Amor da injusta paga;
Que do mar sem razão culpa os furores
Aquelle que segunda vez naufraga.

XIX.

A Fortuna e Amor se conjurarão
A fazer-me no mundo desgraçado,
Mas c'o pranto, que tenho derramado,
Do cego Deos as furias se amansarão,

As suas crueis iras se tornarão
Em doces mimos: mas o duro Fado
Mais cruel contra mim se tem mostrado,
Depois que os seus rigores se abrandarão.

Oh cega, oh fera Deosa! quem dizia
Que no mundo era Amor o mor Tiranno,
Das tuas crueldades não sabia:

Pode o pranto fazello a elle humano,
E no pranto acha a tua tirannia
Huma nova razão para o meu dáno.

XX.

BElla flor, pela bella mão colhida
Da mais graciosa Ninfa deste monte,
Vem, que dos olhos meus a viva fonte
Pode ser que te alente a tenra vida:

Vem a meu coração, que a elle unida
Sempre o Sol te verá, ou no Orizonte
Doirando o Ceo a sua luz aponte,
Ou no mar se sepulte amortecida.

Vem, e serei feliz a teu respeito;
Nem perder temas todo o bem passado,
Inda que mudes tanto de sogeito:

Pois se até aqui ornaste o seu trançado,
De hoje em diante posta no meu peito,
Ornarás nelle seu fiel traslado.

XXI.

QUe he isto, oh Vates! Que execravel Furia,
Que horrivel Monstro no Erebo nascido,
Batendo as negras fachas, accendido
Vos tem nos sabios peitos tanta furia!

Deixai as iras vãs, deixai a incuria,
Com que entrais no combate aborrecido,
Sem ver que o vencedor, e que o vencido
Nelle se cobrem de immortal injuria.

Se no Pindo gravar vossa memoria
Cantando pertendeis, em melhor metro
Podereis alcançar eterna gloria.

De Archiloco soltai o infame pletro,
Do grande Rei cantai a grande Historia,
E as virtudes que lhe ornão o aureo Cetro.

XXII.

NO seio de huma gruta, que o mar lava,
E que está por mil fendas gotejando,
Os farpados anzóes encastoando
Amiclas pobre pescador estava:

Hum ai de quando em quando ao ar soltava,
Que a Caverna lhe torna retumbando,
Té que a triste voz d'alma arrancando,
Assim contra os destinos se queixava:

„ Que monta, que dês que nasce a Aurora
„ Os dias gaste na fadiga dura
„ Se em nada meu estado se melhora!

„ Medra Licon, que o dia e noite escura
„ Em ócio jaz sem trabalhar hum'hora
„ Ah que não val trabalho sem ventura!

XXIII.

GRaças, Lise infiel, ao teu engano,
Dos pesados grilhões livre me vejo,
Em que cativo vil de hum vil desejo
Adulei tanto tempo a Amor insano.

Rasgado o denso véo com que o tiranno
Minha infamia cobrio cheo de pejo;
Com a luz da razão os passos rejo,
Inda tremendo do passado dáno.

Já meu peito respira, porque a chama,
Que activa nelle ardeo, por beneficio
De tão fea traição, o não inflamma.

De meus cultos não resta hum só resquicio;
Pois quando falso o Idolo se acclama,
Se profana o mais puro sacrificio.

XXIV.

QUe alegre nasce no Orizonte a Aurora,
Rasgando a densa treva, que o cobria!
E que risonha sobre a relva fria
Em perlas torna as lagrimas, que chora!

De mil aves a musica sonora
Como a sauda chea de alegria!
Mas que muito, se neste feliz dia
Tambem nasceste tu, gentil senhora!

Eu pois a quem hoje o Ceo benino
A mais ditosa faz entre os humanos,
Pois que a vida te devo, exemplo, e ensino;

A teus pés rogo aos Astros soberanos,
Que os tesoiros abrindo do Destino,
Derramem sobre ti felices annos.

XXV.

DE tirannas lembranças combatido
A vida vou passando ; e em tal estado
A lembrança me tem do bem passado ,
Que antes quizera nunca haver nascido.

O coração em partes dividido
Corre do peito aos olhos appressado ;
E por mais que o suspenda violentado ,
Sahe em lagrimas todo convertido.

Oh se a morte , vibrando cruelmente
A curva foice , me roubasse o alento !
Ou ao menos , se o Fado o não consente ,

De todo me faltára o entendimento !
Pois se a razão perdesse , juntamente
Com ella perderia o sentimento.

XXVI.

OH Eolo! oh Senhor das tempestades!
O bravo Austro, que guia procelloso
De negras nuvens hum tropel aquoso,
Que alaga os largos Campos e as Cidades,

Prende veloz; que chea de saudades
Me espera Eralia, por quem vivo ancioso;
E ha tres noites me prendem temeroso
Deste fero inimigo as crueldades.

Se os rogos, que te faz huma alma chea
De amor e impaciencia, ouves attento,
Não te prometto a linda Dinopea, (*a*)

Que eu terceiro não sou; mas dar-te intento
Para a péla jogar na Eolia area
Hum odre prenhe de entufado vento.

(*a*) *Allusão ao lugar de Virgilio.*

XXVII.

LOnge longe de mim, louca Esperança;
Que de tua illusão desenganado,
Já não espero que se mude o Fado,
Só se para mór mal for a mudança.

Se quanta vez em ti fiz confiança
Outras tantas de ti fui enganado;
Como queres, que o peito escarmentado
Faça em tuas promessas segurança?

Passou a flor dos meus primeiros annos
Sem que de ti colhesse, e da Ventura
Mais que tristes pesares, mais que dãnos.

E agora que a idade he já madura
Que queres? ah! com tantos desenganos
O crer-te fora em mim mais que loucura.

XXVIII.

„ ESse barco, que corta velozmente
„ Do claro Tejo a veia crystallina,
„ Oh doce Mai de Amor, bella Ericina,
„ Todo o meu bem me leva cruelmente.

„ Mas já q̃ he tão feliz, Deosa, exprimente
„ De tua Estrella a protecção divina:
„ De alegres Auras viração benina
„ Ao doce porto o leve felizmente.

Isto dizia Elpino, accompanhando
C'os tristes olhos hum batel ligeiro,
Que quasi no Orizonte se occultava.

Turva se foi a noite então cerrando,
E o Pastor entre o denso nevoeiro
Os olhos pelas ondas allongava.

XXIX.

SEguindo Amor, q̃ os passos lhe guiava,
Na mão alçada a tea luminosa,
Elpino n'huma noite tormentosa
Por hum deserto bosque caminhava.

Quando a estreita vereda lhe cortava
De hum ribeiro a corrente impetuosa,
Que engrossada da chuva caudalosa
Passar á opposta margem lhe vedava.

Elpino da demora impaciente,
E de Amor abrasado em vivas fragoas,
Se arremessa, dizendo á grossa enchente:

„ Deixa-me ir dar alivio ás minhas magoas;
„ E depois ao voltar, feroz torrente,
„ Leva-me, se te praz, nas tuas agoas.

XXX.

NOs olhos de Nigella vi hum dia,
(Ah se os não vira, fora mais ditoso!)
Amor brincando, que d'alli vaidoso
Contra meu peito setas mil brandia:

Eu que os golpes crueis n'alma sentia
Hum apôs outro, a qual mais doloroso,
Banhado em terno pranto: „ Amor piedoso,
„ Amor, suspende o braço, lhe dizia:

„ E pois assás meu peito tens ferido,
„ Com huma dessas setas de Nigella
„ O Coração trespassa empedernido. „

„ Que mais queres (bradou) da Ninfa bella,
„ Louco, se tens a gloria conseguido
„ De ver seu rosto, de morrer por ella?

XXXI.

ERa alta noite, e em horrido chuveiro
Bramindo o vento as nuvens desatava,
Quando Elpino sahio, que o esperava
Entre os braços de Eralia o Deos frecheiro:

Aqui os passos rapido ribeiro
Das chuvas empolado lhe embargava,
Alli hum esfaimado Lobo uivava,
Lá pia em rouca voz mocho agoureiro.

Então o Pastor diz: „ oh noite escura
„ Por mais feo que mostres o semblante,
„ Meu norte seguirei, minha ventura:

Disse, e com firme pé passou ávante,
Pisando as tristes sombras da espessura,
Que nada teme hum venturoso amante.

XXXII.

NAvegante, que o liquido elemento
Em possante baixel cortando ousado,
Do procelloso Noto salteado
Vê emboscar-se o claro firmamento;

Das ondas pelo bravo movimento
Descosido em cem partes o costado,
Quebrado o leme, e quasi acapellado
Por instantes se vê do solto vento:

No meio deste horror, desta aspereza
Inda espera feliz seguir seu norte,
Em cessando das vagas a braveza.

Quanto mais infeliz he minha sorte!
Pois das vagas, que cruzo, entre a fereza
Por unica esperança tenho a morte.

XXXIII.

SAlve, montes d'Arcadia, onde cantando
As castas Musas tem tão firme asilo,
Que em vão o Tempo para destruillo
Dos annos o furor está chamando:

Salve, doces Pastores, que formando
A' virtude em sublime e puro estilo
Novos himnos, fazeis que para ouvillo
As agoas vá detendo o Alfeo brando.

Oh terra venturosa! quão contente
Torno a ver-vos, depois de tantos annos
Que a fortuna de vós me trouxe ausente?

Aqui em santa paz os váos enganos
Da calúnia não teme o innocente,
A purpura despresa dos Tirannos.

XXXIV.

POrque as riquezas do soberbo Cresso,
Marfim brunido, rigido diamante,
Miudo aljofar, oiro rutilante
Não possuo; riquezas não te offreço:

Mas as divinas flores, que Permesso
Mas margens para mim cria abundante,
E com que a croa dos Heróes triunfante
De nova luz esmalto, e enriqueço.

Torcer no branco fio as Parcas vejo
A' tua longa vida neste dia
Doirados annos cheos de ventura.

Não he vã apparencia do desejo:
Tu comprida verás a profecia,
Febo te falla em mim, elle t'o augura

XXXV.

JA' vem a Primavera matizando
Os verdes prados de viçosas flores,
Já se ouvem nos pacigos os Pastores
Ao som das Liras seu amor cantando:

Tão claras as ribeiras vão cortando
As Campinas croadas de verdores,
Que entre os varios seixinhos de mil cores
Se estão no fundo os peixes divisando.

Ha na minha malhada leite, e queijo,
E tão doce licor aqui provamos
Que esses vinhos estranhos não te invejo.

Se tu queres, meu Tirse, que o bebamos,
Deixa as florestas do suave Tejo,
Que com elle contentes te aguardamos.

XXXVI.

PAra forjar hum passador brilhante,
De seus feros Ministros rodeado,
Soberbo entrou hum dia o Deos vendado
Na fragoa de Vulcano coruscante.

Pela negra officina n'hum instante
Veloz se espalha o esquadrão alado;
Hum os foles soprava affadigado,
Outro o ferro tempera scintilante.

Mas debalde Cupido forcejava
Por erguer sobre a çafra o grão martello,
Quando Venus, que então alli se achava;

„ Deixa, oh filho, lhe diz, tanto desvélo,
„ Se arco e seta melhor, melhor aljava
„ Tens de Aglaia gentil no rosto bello.

XXXVII.

QUe mais queres de mim, q̃ mãis pertẽdes,
Amor? dizia Elpino suspirando,
Que a meu peito os farpões endireitando,
Nem a rogos, nem lagrimas attendes,

Se hum ardente volcão n'alma me accendes,
E das rotas entranhas fumegando
Rios de negro sangue vês manando,
Porque sem compaixão inda me offendes?

Não basta, dize, á tua tirannia
Ver tanto estrago, que de novo o corte
Queres em mim provar da seta impia?

Ai! quando terá fim tão crua sorte?
Então Amor que os passos lhe seguia,
Severo lhe responde: com a morte.

XXXVIII.

AMado Tejo, a Deos, que o meu destino
Contra minha alma ordena nova guerra ;
De teus suaves Campos me desterra ,
Que estes os premios sáo do Deos menino.

Saudoso , solitario , e peregrino
Amparo vou buscar na estranha terra :
Mas que a doce lembrança desta Serra
Me deixe em tempo algum , náo imagino.

Fica em paz , e se á placida corrente
De teu cristal , guiando o manso gado ,
Chegar Auliza pela sésta ardente ;

Dize-lhe : que se a máo do iniquo Fado
De seu rosto a morrer me arrasta ausente ,
Constante morrerei , oh Tejo amado.

XXXIX.

LUtando com as ondas sem socego,
Sulco infeliz hum golfo tormentoso;
A cada instante hum banco perigoso
Me deixa n'hum mortal desasocego.

Se quasi alguma vez á praia chego,
Hum negro furacão tempestuoso,
De improviso bramando pavoroso,
Me põe no meio do empolado pego.

Oh se a furia das ondas se abonança;
E o doce porto ha tanto suspirado
Chego a abocar com prospera bonança!

Então o meu vestido inda molhado,
Pendente lá nas Aras da Esperança,
Mostrará os perigos, que hei passado.

XL.

ESpessas nuvens cerrão n'hum instante
Do Sol a clara luz, e fus lando
Hum apôs outro cahe do Ceo bramando
O farpado corisco crepitante:

Mas se a formosa filha de Thaumante
Com suas cores vem o Ceo pintando,
A subita tormenta abonançando,
Alegra a terra o timido semblante.

Olhos formosos da gentil Nigella,
Olhos cheos de amor e de piedade,
Vós de minha alma sois a Iris bella:

Pois não bem nos meus cheos de saudade
A vossa luz reflecte, que os desvela,
De meus males se aplaca a tempestade.

XLI.

EM vão, perfido Amor, em vão procu-
ras;
Seguindo os passos meus a toda a hora,
Em meu peito cravar com mão traidora
De teus dardos crueis as pontas duras:

Novo Proteo, mudado em mil figuras,
Para render-me me apparece embora:
Brando, humilde, ou cruel, que já agora
De pejo me enchem só tuas loucuras.

He Nize, bem o sei, airosa e bella;
Mas que Nize, e o Amor são huns tirannos,
Brada a Razão que em meu soccorro véla.

E o coração lembrado de seus dános,
Veloz corre a amparar-se á sombra della,
Donde vê sem receo os teus enganos.

XLII.

QUando menos das ondas se temia
Perde o Piloto a Náo empavezada,
Se seguro na proa levantada
Dormindo passa a noite, passa o dia.

Talvez que lhe pintasse a fantasia
O porto amigo, a praia desejada;
Mas a soberba Náo vio destroçada,
Quando os olhos do froxo sono abria.

He mar o mundo, he fragil lenho a vida,
E piloto a razão: se as ondas fende
Em vãos gostos sonhando adormecida;

Quando accorda, e no porto achar-se entende,
Nos abismos a Náo vê submergida,
E tarde de seu sono se arrepende.

XLIII.

N'Hum rico coche por frisões tirado,
Todo de oiro e pedras rutilante,
Vi passar a Fortuna, que arrogante,
Seguilla me mandou, dando-me hum brado:

Pouco depois em pobre honesto estado,
A Virtude passou, cujo semblante
Que a luz dos mesmos Astros mais brilhante,
Me deixou longo tempo arrebatado.

Milciades, Camões, Pacheco, e Bruto
Todos banhados de suor glorioso
A seguem sem cessar hum só minuto.

Da vã Fortuna o fasto apparatoso
Então deixo, e em deixallo me reputo
Muito mais que os que o seguem venturoso.

XLIV.

EIs rompe no Oriente o feliz dia,
Dia immortal nos Fastos Lusitanos,
Em que Luiz, delicias dos humanos,
Nascendo encheo a Patria d'alegria.

Povo feliz, que tens a primasia
De adorar seus decretos soberanos,
Corre festivo a celebrar seus annos,
Ao seu nome padrões alça á porfia.

Em oiro não, em marmores de Páros
Corre a gravar seu Nome, e sua Historia;
Rara materia iguale exemplos raros.

Mas não, pára; que chea de alta gloria
A Eternidade ao ver seus feitos claros
Gravado a tem no Templo da Memoria.

XLV.

Sobre a Serra de Parati.

ESta que com a fronte os Ceos arrosta
Agra serra das nuvens coroada,
Do mar soberbo a furia denodada
Da natureza por barreira posta:

Esta que de iniguaes montes composta,
E de arvores intonsas povoada
Do Sol aos raios não consente entrada
Ou sua Zona aqueça, ou já a opposta:

He a pesar da inhospita aspereza,
Que os peitos mais robustos intimida,
Trilhada sem horror do Lusitano;

Que a fome insaciavel da riqueza
Lhe faz em cada passo expor a vida:
Tanto póde a ambição no peito humano!

XLVI.

Sobre as grandes montanhas, que se encontrão indo de Paraiz, até ás margens do caudaloso Rio Paraiba.

Ficção da Grecia foi, que antigamente
Audaz Tifeo aos Ceos guerra movera,
Que o Ossa sobre o Olimpo então pozera
Para escalar o Impirio refulgente.

Se a Grecia da terraquea mole ingente
A quarta parte nova conhecera,
Apparente razão talvez tivera
Para assim fabular a Argiva gente.

Pois nas frondosas, humidas campanhas,
Que abrindo com a veia caudalosa
O Paraiba vai por largo espaço;

Só montanhas se vem sobre montanhas
Nas nuvens esconder a fronte umbrosa:
Tanto da Natureza póde o braço!

XLVII.

Sobre a Cidade de S. Paulo.

AQui onde com bruta crueldade
Do selvagem Cacique honrou a mesa
O sangue dos mortaes, cuja fereza
Recorda com horror a humanidade;

Hoje goza em feliz tranquillidade
Illustre assento a gente Portugueza,
Que abrindo de agras Serras a aspereza
Tosca aldea tornou culta Cidade.

Que o pouco invicto povo Lusitano
Depois de abrir as portas do Oriente
Pisando a espalda do Neptuno insano;

Nos vastos ermos Campos do Occidente
Novo ás Quinas imperio alçou ufano:
Não fez tanto do Lacio a forte gente!

XLVIII.

Sobre a Villa de S. Vicente, n'outro tempo Cabeça da Capitania de S. Paulo.

ESta que a poucas casas reduzida,
Entre ruinas jaz tão pobremente,
Rico emporio já foi da Lusa gente
De alto Estado Metropoli conhecida.

Mas quando mais se alçava presumida,
Neptuno sacudindo o grão tridente
As areas açoita, e em continente
Em Sirtes sua fós vê convertida.

O povo então, que aqui feliz crecera,
Fugindo a reduzio a tal estado,
Que hoje nem sombra he do que antes era.

Pois he vicio nos homens arreigado
O correrem atrás de quem prospera,
E deixarem-o ao vello desgraçado.

XLIX.

Sobre o grande salto, que forma o Rio Tieté junto da Villa de Itú.

COrre já entre Serras escarpadas,
Já sobre largos Campos murmurando
O Tieté, e as agoas engrossando
Soberbo alaga as margens levantadas.

Penedos, pontes, arvores copadas,
Quanto topa de colera escumando,
Com fragor espantoso vai rolando
Nos vortices das ondas empoladas.

Mas quando mais caudal mais orgulhoso
As margens rompe, cahe precipitado
Atroando ao redor toda a Campina:

O proprio retrato he de hum poderoso,
Pois quanto mais sublime he seu estado,
Mais entrondosa he sua ruina.

L.

Sobre a Serra dos Orgãos.

CAminhante, esta ás nuvens levantada,
Que de seu cume finge com os riscos
De Memfis os soberbos obeliscos,
He dos Orgãos a Serra celebrada.

Se atravessalla intentas, appressada
Ah move a planta, foge aos fataes riscos,
Que em Flegra não lançou tantos coriscos
De Jove fulminante a dextra irada.

Em seu regaço a par da grão riqueza
Que avára esconde, tem depositado
O electrico fluido a Natureza.

Que para rebater do homem ousado
Em toda a parte o orgulho e altiveza,
Está do mal o bem accompanhado.

LI.

Sobre o morro de Villa Rica.

AQui deste agro morro na aspereza,
Que ás nuvens alça a fea catadura,
Quanta encerrou a provida Natura
Aos ousados mortaes alta riqueza!

Mas encerrou em vão, que a avareza,
Dos bens insaciavel que procura,
Em cem partes rasgou a sua agrura,
E em seu seio cevou a sede accesa.

Correntes de oiro tem d'aqui manado,
Que de luxo, e de vicios largamente
Hão de Europa os Imperios inundado.

Ah! quanto melhor fora, oh cega gente!
Que jazendo aqui sempre soterrado,
De tantos crimes não fora a nascente.

LII.

Sobre o Rio Jiquitinhonha.

ESte que contra o mar corre vaidoso
D'alta riqueza, que em seu gremio encerra,
Sem que estorvo lhe ponha alpestre Serra
A' furia com que corre pressuroso.

Quantas vezes o curso impetuoso
Com que ás margens fazia crua guerra
Torcer tem visto; e em nova alhea terra
Nova madre buscar lhe foi forçoso!

Quantas o gráo tesoiro, que em seu leito
Escondeo, mas em vão, a Natureza
De aváras mãos tem visto ser despojo!

Mas que não tentará o humano arrojo,
Depois que campo fez dentro em seu peito
O amor da sã virtude ao da riqueza.

LIII.

DUro Carvalho annoso em alta serra
Dos revoltosos ventos açoitado,
Gemer talvez se vê ao sopro irado;
Mas firme o pé sustem na dura terra.

Tal o justo Varão, a quem faz guerra
Da Fortuna cruel o braço alçado,
Queixar talvez se escuta lastimado,
Mas aos choques não cede, não se atterra.

Seguro na carreira começada
Prosegue, bem que a tope a todo o instante
De penhascos e covas semeada.

Pois a virtude, a quem segue constante,
Forças lhe dá na trabalhosa estrada,
Só com mostrar-lhe seu gentil semblante.

LIV.

PAra escudar do Tempo contra os riscos
De seus Reis a memoria gloriosa,
Oh quanta mole alçou Memfis vaidosa
Dos altos montes a igualar os riscos!

Mas oh que á patria dos fataes coriscos
Tanta maquina em vão sobe orgulhosa;
Pois dos Evos a mão caliginosa
Seu nome apaga, arrasa os obeliscos.

D'entre as garras crueis do Esquecimento
Arrancar pode só nossa memoria
Alta virtude, são merecimento.

José do Grão José seguindo a gloria,
Com o exemplo nos dá o documento:
Eterno assim se faz na Lusa Historia.

LV.

QUando intentou formar a Natureza
De Neera a divina formosura,
Hum modello forjou, onde mistura
Todas as graças com sutil destreza.

Logo que findo o teve, a grande empresa
Na rara copia completar procura;
E tanto no lavor a mão apura,
Que he Neera o exemplo da belleza.

Depois de a ter formado, a contemplalla
Attenta esteve espaço dilatado,
Mas não vê em que possa retocalla.

Tendo então o seu fim desempenhado;
Porque não haja quem possa igualalla,
Satisfeita rompeo o grão traslado.

LVI.

NAda difficil he á humana gente:
Ella tenta, e passou soberbos mares;
Novas estrellas vio, novos lugares,
Que cerrava feroz Neptuno algente.

De tanto atrevimento não contente,
Se abalança a sulcar os vagos ares,
Para ver de mais perto os luminares
Que adornão o ceruleo firmamento.

Já sobre as grossas nuvens vaga e érra,
Arrostando os tufões na patria sua,
Com que o Ceo irritado nos faz guerra.

Que pertende, oh mortal, a ambição tua?
Não cabendo talvez na baixa terra,
Queres o globo conquistar da Lua?

LVII.

Sobre a passagem do Estreito de Cales por Blanchart, e Rosier.

DEdalo em seu engenho confiado,
Ao ar se entrega cheo de ardimento,
E nadando no diafano elemento
As ondas atravessa socegado:

Pelo paterno exemplo estimulado,
Icaro segue audaz o mesmo intento:
Dedalo ao porto chega a salvamento,
Icaro cahe no mar precipitado.

Taes Rosier e Blanchart pelo ar puro
Se dispõe a passar o mar, que a Breste
Lavando, de Albião he forte muro;

Ambos se arrojão á região celeste,
Cahe Rosier, Blanchart passa seguro:
Aquelle Icaro foi, Dedalo este.

LVIII.

COm cem grilhões atada n'hum penedo,
Sobre o rosto gentil solta a madeixa,
Em triste pranto Andromeda se queixa
Da cruel morte que esperava cedo.

Eis-que subitamente o espanto e o medo
Proseguir suas magoas lhe não deixa;
Pois já talhando o mar, qual veloz freicha,
O monstro se avizinha do rochedo:

Quando brandindo a coruscante espada
D'entre as nuvens, que rasga com violencia,
Desce Perseo, e mata a fera irada.

Pois quando entre os humanos a innocencia
Sem recurso se vê desemparada,
Então do Ceo não falta a Providencia.

LIX.

O Lasso navegante, a quem desterra
Longe da Patria seu mesquinho Fado,
Que das ondas e ventos trabalhado
Nos ermos do Oceano vaga e erra;

Se no Orizonte em forma de alta serra
Denso vapôr se eleva, alvoraçado
Crê e clama que o porto he desejado,
Mas logo em nuvens se lhe volve a terra:

Assim eu, que por ti impaciente
Ha tanto espero, se rumor escuto
Cuido, meu bem, que hes tu, q̃ estás presente;

Mas não dura este engano hum só minuto,
E então meu coração saudoso sente
O quanto custa o esperar sem fruto.

LX.

DEitado á sombra da copada vela,
Em quanto o leve pinho o mar fendia,
Amiclas pescador assim dizia,
Ao raiar da manhã serena e bella:

„ Vem, oh rosada matutina estrella,
„ Com teus raios trazendo o novo dia;
„ Vem, enche estes meus olhos de alegria
„ Com outra luz mais clara que os desvela.

„ Hoje chegando ao suspirado porto
„ Verei, Aonia, teu gentil semblante,
„ Por quem eu vivo de saudades morto.

„ Que suave será aquelle instante!
„ Ah! por lograllo, as penas que supporto
„ Ainda, Amor, não são preço bastante.

LXI.

EM meus versos ás tuas mãos divinas
Hoje chega a historia de meos dános,
Triste historia, que Amor mestre d'enganos
Em mim traçou faminto de ruinas.

Nella verás, se ao lella a vista inclinas,
As mudanças, traições, zelos tirannos,
Que sem tregoas soffri por tantos annos,
Arrastando talvez prisões indinas.

Se teus olhos gentís, Marilia bella,
De magoa, e piedoso sentimento
Algumas ternas mostras dáo ao vella;

Tudo verás mudar-se n'hum momento:
Eu chamarei ditosa a minha estrella,
E os mais invejarão o meu tormento.

LXII.

A' morte do Senhor D. José Principe do Brasil.

JOsé, em cujo peito o Ceo unira
Do corpo entre as graças superiores
Quanta virtude já por seus Maiores
Com mão igual benigno repartira;

D'ante os olhos a Parca hoje nos tira,
De bronze ao pranto, aos votos, aos clamores;
Que elle digno de eternos resplandores,
E a terra de o lograr indigna vira.

Elle pisando estrellas veloz voa
A se lograr em paz nos Ceos supremos
Da gloria, que sem fim os justos croa.

Ah! não sobre elle, sobre nós choremos;
Que elle torna em eterna a mortal Croa
E nós nelle hú bom Rei, hum Pai perdemos.

LXIII.

Ao mesmo assumpto.

AQui deste Sepulcro entre os horrores
José, que hum tempo foi nossa alegria,
Para sempre nos cerra a Morte impia,
Surda aos ternos prantos e aos clamores.

Para sempre aqui jaz, Ninfas, Pastores,
Que elle qual terno Pai amou hum dia;
Comigo derramai na Campa fria
A's máos cheas as mais fragantes flores.

Sim, Pastores do Luso saudosos,
Em chuveiro sobre ella as derramemos,
Ao amor, á virtude obsequiosos:

E já que de outra sorte não podemos,
Entre lugubres ais, prantos piedosos,
Ao menos desta sua cinza honremos.

LXIV.

Ao mesmo assumpto.

ELisia, que brotar ufana via
Do segundo José no peito augusto
Quanta Real virtude hum tempo havia
Do primeiro esmaltado o Cetro justo:

Que esperança, a pesar do Fado injusto,
Da avita gloria n'alma não nutria!
Desde a gelada Thule ao Nilo adusto
A seus pés cem nações já se fingia.

Por elle sobre as azas já librada
Via Astrea tornar do firmamento,
De seus celestes Genios rodeada.

Mas tão faustos agoiros n'hum momento
De José com a vida mallograda
Corta a Parca cruel, e entrega ao vento.

LXV.

Ao mesmo assumpto.

DO mais alto do Olimpo attentamente
A sá Virtude, a Fama vigiava,
As brilhantes acções, que já obrava
Do grão José o Coração clemente.

E ao ver como o Principe excellente
Pela estrada da Gloria caminhava,
Huma', novos clarins já preparava;
Outra, palmas colhia diligente.

Quando immatura Morte n'hum momento,
Invejosa vibrando a seta aguda,
Cruel lhes frustra o generoso intento;

Que a Fama ao fatal golpe ficou muda,
E chea de piedoso sentimento,
A Virtude em cipreste as palmas muda.

LXVI.

Ao mesmo assumpto.

AO ver como brotava florecente
Do Real tronco o Ramo soberano,
Oh quanta gloria o Genio Lusitano
Já se augurava na soberba mente!

Do grão José a perda inda recente
E do segundo João consola ufano;
Pois do novo José no peito humano
Via de ambos o espirito excellente.

Já nas artes da paz, já nas da guerra
Por elle via aos Seculos vindoiros
Voar seu nome, enchendo toda a terra:

Mas a Morte invejosa de seus Loiros
Com a mirrada mão barbara cerra
Em triste, e negro véo tantos agoiros.

LXVII.

Ao mesmo assumpto.

TU choras Lisia? ah não, enxuga o pranto;
Da fronte arranca o funebre Cipreste;
Pois se entre os homens a José perdeste,
O tens dos Anjos entre o Coro santo.

Elle deposto já o fragil manto,
No Impirio goza da visão celeste;
Se lograllo na terra não podeste,
O logras lá no Impirio, enxuga o pranto.

Elle dos altos Ceos sobre ti vela,
E promette a teu Cetro a segurança
No caro Irmão, e na Consorte bella:

E se na terra foi tua esperança,
Que esperanças não tem a tua estrella,
Quando elle lá do Ceo t'as affiança!

LXVIII.

DE dois Numes crueis ao braço irado,
Apenas em nascendo vi o dia,
Das Parcas pela fera tirannia
Por victima fui logo consagrado.

Hum delles foi Amor, que de odio armado
Alçando sobre mim a mão impia,
Quantos pode idear a fantasia
Duros tormentos, tem em mim provado.

Outro foi a Fortuna, que inconstante
Sendo por natureza, em meu tormento
Parece que blasona de constante.

Tanto he de ambos o empenho, e tão violêto,
Que em minha amarga vida hum só instante
Já não espero ter contentamento.

LXIX.

QUe intentas, fero Nume, q̃ obstinado
Em teu antigo caprichoso entejo,
Aonde quer que meus tristes passos rejo
Alli te encontro de furor armado?

Esperas que ao ver no ár teu braço alçado
Trema, esmoreça meu valor sobejo?
Que corra, de aplacar-te no desejo,
A encensar-te por terra vil prostrado?

Enganas-te, Fortuna: a sá Vittude,
Que a despresar teu fasto vão me ensina,
Não teme de teu braço a furia rude:

Dobra as iras, cruel, fere, fulmina,
Que o ferro posto na sonora incude
Aos golpes do martello mais se affina.

LXX.

TAntalo ao Orco horrivel condenado,
Dentro jaz n'huma placida corrente,
E sobre a triste fronte tem pendente
Verde tronco de pomos carregado:

Mas se os fructos colher quer esfaimado,
Das mãos lhe foge o ramo velozmente,
E da boca lhe escapa em continente,
Se a beber vai, o rio arrebatado:

Tormento a este igual, Lilia, me ordenas;
Pois se o fogo matar que me devora
Na linda boca quero, e gentil seio;

Veloz foges de mim, cruel pastora,
E me deixas sem dó penar no meio
De insoffridos desejos, de mil penas.

LXXI.

SE da minha fineza o exercicio
De teu animo offende a magestade,
Oh! repara, cruel, que a Divindade
Não se agrava jámais do Sacrificio:

Se de meu triste pranto o desperdicio,
Provoca sem razão tua impiedade;
Oh! contempla que as penhas de piedade,
Combatidas das agoas, dão indicio:

E se Deosa te inculca a formosura,
Não te queixes, cruel, porque te adoro
Com coração sincero com fé pura:

E se quando hum favor humilde imploro,
Te mostras a meus rogos penha dura,
Enterneção-te as lagrimas que choro.

LXXII.

EM vão, Mevio loquaz, grasnas ou grulhas
Com rouca voz, por genio ou por costume;
Que do Parnaso ao remontado cume
Não se sobe com chaçaras e pulhas.

De teus socios convoca as vís patrulhas
E cevando a Discordia, cruel Nume,
Vomita o fel que os bofes te consume,
Infame trovador, autor de bulhas.

N'hum sendeiro, que tu tens por Pégaso
Montado espalha audaz versos de peta,
De que faz tua corja tanto caso;

Que a fama ganharás cõ esta treta
De bufão, e de Momo do Parnaso,
Mas não o grande nome de Poeta.

LXXIII.

EU morro n'esta ausencia, se a piedade
Não te move o meu mal, prenda querida,
Pois de todo me usurpa a cara vida
Desta barbara Lei a crueldade.

Afflicto o coração n'esta impiedade,
Allivio achar intenta á dor crecida
Em tua compaixão, bella homicida,
Para a pena aliviar d'esta saudade.

Compadece-te pois, oh bella ingrata,
Desta furia cruel de meus ardores
Que me afflige consome e me maltrata:

Concede-me benigna os teos amores;
Pois se usas do rigor por que me mata,
Vê que eu morro tambem por teus favores.

LXXIV.

PAra Israel livrar do braço irado
Severo executor da gráa sentença
Que tinheis, oh Senhor, na mente immensa
Contra o tenaz Egypto promulgado,

Tingir mándas com o sangue do immolado
Cordeiro, seos portaes para difrença:
Porque ao passar vossa Ira, á grande offensa
Só fosse vosso povo preservado.

Se do mortal Cordeiro o sangue quente
Pode os Hebreos livrar da morte irada
Que sobre si o vão Egypto sente:

Do Cordeiro immortal a Alma banhada
Com o sangue tantas vezes innocente
Como por vós ser póde condēnada?

LXXV.

„ QUem he este animal, que galopando
„ Em torno dessa fetida alagoa
„ (Diz a Apollo Thalia) o Pindo atroa,
„ Com zurros nossa musica turbando?

„ Elle as mais finas flores vai pisando,
„ De que Aganippe suas margens croa,
„ E dos Vates ás cinzas não perdoa,
„ Com coices seus sepulcros violando.

Nisto desprega a besta hum grande zurro,
Que nas grutas do monte retinindo,
Aturdida a deixou com seu susurro;

Então Apollo torna á Ninfa, rindo:
„ He Palmireno, que eu mudei em burro,
„ Em pena d'encensar o vão Tremindo.

LXXVI.

JÁ' te vejo reger a boçal gente,
Que habita de Benguela na campina,
E á sua custa da doirada china
A magra bolça encher ledo e contente.

Hum a Zebra te manda de presente,
Outro de pennas huma pelatina,
Em quanto tu bebendo a ruiva quina,
Na cama curtes huma febre ardente.

Mas se á sezão escapas, Feliciano,
Grão Senhor tornarás, bem que amarello,
A Lisboa mais anno, menos anno:

Então sobre hum rucim baio ou murselo,
Parecerás trotando muito ufano
Fulo Sova montado n'hum camelo.

LXXVII.

FErtil em pomos d'oiro produzia
Das Hesperides no horto a Natureza
Arvore singular, cuja belleza
Convidava a colhellos quem os via:

Mas debalde nos ramos seus nutria
O tronco liberal tanta riqueza,
Pois de máos cubiçozas a fereza
Do conchado Dragão a defendia.

De oiro não, mas de neve a meu desejo
Marilia offerece em seu seio formoso
Pomos mais bellos, que colher desejo:

Mas em vão, que ao tocallos cobiçoso
Outro Dragão tambem ante mim vejo
Tanto mais fero quanto mais zeloso.

LXXVIII.

AMor, que astuto intentas em meu peito
Restaurar a perdida Monarquia,
E cobrindo com arte a aleivosia
Vens em vão passatempo contrafeito:

Se pensas outra vez ver-me sujeito,
Qual com vergonha minha fui hum dia,
Aos caprichos da tua fantasia;
Quanto te enganas nesse vão conceito!

Sim, eu te arrancarei d'alma enganada,
Sem deixar a raiz que lentamente
Nella se ia arraigando disfarçada.

Que o destro agricultor não hé contente,
Inda que a planta corte envenenada,
Se a extirpar não chega a má semente.

LXXIX.

BEm conheço Marilia o feo engano
Dessa apparente sem igual brandura ;
Mas de que val, se a minha má ventura
Quer que apalpe, e abra mão do desengano !

Tão grande, tão suave hé o tiranno
Meigo encanto da tua formosura,
Que querendo fugir da desventura
Elle me arroja, e leva apôs meu dáno.

E que fora, se fora verdadeiro
Esse que mostras feiticeiro agrado,
Se tanto me arrebata lisongeiro ?

O que fora não sei, sei só que atado
A teu jugo idolatro o cativeiro ;
E até me hei por feliz sendo enganado.

LXXX.

EM quanto a doce cithara tangia
Com a nevada mão Marilia bella,
O vento que brincava em torno délla
As azas por ouvilla não batia.

Amor que arrebatado da armonia,
Qual borboleta á luz de branca véla,
Em giros a rodèa, a ouvilla e vêlla,
A ferir sem mais armas aprendia.

Elpino, que de longe a escutava,
Em extasi suave transportado
Depois que ella acabou, assim fallava:

Se de ouvir-te, e de ver-te arrebatado
De si se esquece Amor, d'arco, e d'aljava;
Q' fará quem te adora, encanto amado!

LXXXI.

MIl aligeros beijos enviava
Piedosa Marilia ao terno Elpino,
Que em vivo fogo ardendo o dom divino
Para o cevar frenetico esperava.

Qualquer delles ligeiro o ar cortava,
Porem cortava em vão, que Amor malino
Muito antes de chegar ao seu destino,
Nos ares invejoso o apanhava.

Então Elpino vendo descontente,
Que tanto bem lhe rouba Amor ufano,
Contra o cruel exclama impaciente:

„ Que monstro pode haver, Nume tiranno,
„ Que te iguale; pois roubas cruelmente
„ A cura ao mal que causas deshumano?

LXXXII.

Glosando o verso de Francisco Rodrigues Lobo.

EM quanto livre e sem amar vivia,
Não havia em meu peito outro cuidado
Mais que defender meu pobre gado
Dos feros lobos que esse mato cria:

Talvez á sombra d' huma penedia
As Aves esperava acautellado,
Talvez da liberdade o doce estado
Cantando ao som da lira engrandecia.

Vendo-me em tanta paz cruel Cupido,
E crendo a seo imperio não convinha
Não ter-me ao duro jugo submettido:

Teos olhos me mostrou, Auliza minha,
E desde então por ti trago perdido
„ *O ser e liberdade que antes tinha.*

LXXXIII.

QUe consultas no espelho cristallino!
Talvez estudas a maneira, e arte
De fazeres de todos adorar-te,
E mais bello o semblante peregrino!

Se esse, gentil Marilia, he teu destino
Ao vão estudo podes escusar-te
Pois ninguem póde ver-te sem amar-te,
Nem ser mais bello o rosto teu divino.

Deixa pois o cristal, e a compostura
Com que augmentar intentas a belleza
Que em ti brilhar se vê singella e pura,

Só sem ornato a simples natureza
Tem em si mais encanto e formosura,
Que quanto da arte inventa a subtileza.

LXXXIV.

SE em paga do meu puro rendimento
A outro deste a fé que me juraste,
E n'hum momento perfida entregaste
Teus protestos e meu amor ao vento.

Deixa que a teu infame fingimento
Seguindo vá, e segue a quem buscaste;
Sim deixa-me buscar, pois me deixaste,
Minha perdida paz no esquecimento.

Mas nem este recurso me consentes!
Que se eu fujo de ti, tu piedosa
A meus olhos te offreces descontentes:

Que queres pois de mim? Ninfa aleivosa,
Queres, que eu seja a fabula das gentes
Arrojando a cadea vergonhosa?

LXXXV.

ONde te empegas ó baixel ufano
C'os galhardetes açoitando os ares,
Sem o furor dos ventos receares,
Nem as soantes vagas do Oceano!

Ah! ferra, ferra o desfraldado pano
E a outros deixa os empolados mares,
Que he tempo já no porto de encalhares,
Se não queres soffrer o extremo dâno.

O mar que cruzas de parceis cercado,
Onde as ondas se quebrão levantadas,
Quantos tem cruelmente acapellado!

Nele as taboas se vem despedaçadas
E tu que esperas, ó baixel ousado,
Com as tuas da bruma já furadas?

LXXXVI.

POr mais que ledo e placido o semblante,
A Fortuna me chama e a estrada aplana;
Engana-se, se pensa que me engana,
Esse monstro voluvel e inconstante.

Esse de seu favor clarão brilhante,
Com que em me deslumbrar tanto se affana,
Relampago será que a vista humana
Fere, e desaparece n'hum instante,

Sem ella e sem seus dons honradamente
De meus annos a mór parte hei passado
Pobre sim, porem livre e independente;

Nem eu desejo mais pomposo estado,
Que aquelle que com pouco está contente
Hé quem póde chamar-se afortunado.

LXXXVII.

A' Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Leonor de Almeida, Condeça de Oyenhausen, entregando-lhe a Ode feita pelo Autor a sua Alteza o Conde de Lippe, que a mesma Senhora lhe havia pedido.

A Quelle, que me inflamma, ardor violento
D'em meus Himnos louvar Varões famosos,
E de arrancar seus nomes gloriosos
Das tenebrosas máos do Esquecimento;

Fez que seguindo pelo vago vento
Do Dirceo Cisne os voos luminosos,
Do grande Lippe os feitos portentosos,
Intentasse cantar em alto accento.

Se não pude, não deves admirar-te,
Que o sagrado furor, que nos inspira,
Igual a todos Febo não reparte.

Aos Astros, se pudera, o Heroe subira;
Não me faltou talvez engenho e arte,
A tua me faltou sonora Lira.

LXXXVIII.

ESparzido o Cabello crespo e loiro
Sobre o rosto de lagrimas banhado,
Venus corria por hum verde prado,
Que de flores tapiza o fresco Doiro.

„ Quem, diz, Amor achou, o meu tesoiro,
„ Venha entregar-m'o, e em premio deste a-
„ Ou hũ beijo suave, e delicado, (chado,
„ Ou oiro lhe darei, se quizer oiro.

„ Dentro em meu peito está (então lhe di-
go)
„ Tira-o tu, que eu em vão tirallo quera;
„ Pois nelle á escala entrou como inimigo.

„ Se o tiras, maior premio náo espero,
„ Que assás galardão tenho, se consigo
„ O ver-me livre de hospede táo fero.

LXXXIX.

MOrta Euridice bella, Orfeo ousado
Desce dos Manes á morada escura,
E a voz soltando chea de doçura,
Fica o trifauce monstro atormentado.

Plutão das tristes magoas lastimado,
Abranda a carregada catadura,
E dos delictos seus a pena dura
Entre tanto não sente o condenado.

Ah! se teus celestiaes ternos accentos
Ao desgraçado esposo o Fado dera,
Maiores vira o Tartaro portentos;

Pois não só dos afflictos suspendera
Os insoffriveis barbaros tormentos;
Mas em gloria todo o Orco convertera.

XC.

SE admiro, bella Auliza, os resplandores
Do teu rosto gentil, e delicado,
Temo que delles Febo namorado
Emulo venha a ser de meus amores:

Se da tua alma os dotes superiores (do,
Contemplo, o mimo, a graça, o alinho, o agra-
Tambem temo, que Jove transformado
Intente conseguir os teus favores.

Mais formosa que Clicie, e do que Alcmena
Ao coração te pinta o pensamento,
Que de igual sorte ao susto me condena.

Mas errado discorro em meu tormento:
Para me eximir do susto, e a ti da pena,
Sobra o teu sem igual merecimento.

XCI.

SE essa, que em Lisia pulsas, Lira nobre,
Logo que abrindo as azas cruza o vento,
Em altos voos sobe ao firmamento,
E de brilhante luz toda se cobre:

Em vão aos nossos olhos hoje encobre
A mão que o fere, o altisono instrumento;
O som divino, o magestoso accento
Que he teu, que tu o tocas nos descobre.

Cantas, e ser não queres conhecida?
Crês talvez occultando o nome ufana,
Que he de Breiner a voz desconhecida?

Quanto, ah quanto o conceito teu se engana!
Alta Cidade, sobre hum monte erguida,
Como esconder-se póde á vista humana?

XCII.

COnheço o teu engano, mas que importa,
Oh Florisa infiel! se Amor malino
Extinguir me não deixa o fogo indino,
Que em meu peito accêdeste, e me trásporta?

Minha alma nos encantos toda absorta,
Que brilhão no teu rosto peregrino,
Se lhe brada a Razão, culpa o Destino,
E a vil traição sem murmurar sopporta.

De quem devo queixar-me? por ventura
Accusarei, Florisa, o teu engano?
Mas queixar-me de ti fora loucura.

A mim culpar só devo do meu dáno,
Pois mil vezes achando-te perjura,
Inda te adoro, e não me desengano.

XCIII.

BEm conheço quanto erro em adorar-te,
Oh Melissa gentil, conheço o dáno,
A que por ti me expõe Amor insano,
Se prosigo em fiel idolatrar-te:

Conheço, que eu não posso desatar-te
O laço que te prende a hum tiranno,
Mas a pesar de tanto desengano
Não póde o coração deixar de amar-te.

Vejo ante os pés aberto o precipicio,
E fugir-lhe não posso, nem desejo,
Que a queda até terei por beneficio.

Tão grande he o poder de hum vão desejo,
Que eu proprio accendo a pira ao Sacrificio,
A que por ti me arroja amor sobejo.

XCIV.

QUe aziago que foi, que dia infausto
Aquelle, em que vi tua formosura!
Em que cheo de amor, e de ternura
Esta alma te offertei em holocausto!

Teus olhos m'o fizerão ter por fausto,
Teus bellos olhos cheos de doçura,
Mas logo me fez ver minha loucura
Teu peito de rigores nunca exhausto.

Ai! e quão mesquinho he; quão desgraçado
Aquelle, que com as mostras vás se engana
De hum angelico rosto socegado!

Pois mil vezes encobre a vista humana
Qual aspide cruel florido prado,
Hum coração, huma alma deshumana.

XCV.

VAõ pensamento meu, que a toda a hora
A passada ventura me apresentas,
Com essa teima, dize-me, que intentas
Entre os dános que sinto, e alma chora?

Se crês, que o coração ainda agora
Com tão doces imagens me contentas,
Te enganas; pois que o meu pesar augmentas
Com esse bem que foi, e nunca fora.

As azas cerra pois, e considera
Que o turvo inverno faz mais desabrido
A lembrança da fresca primavera.

O bem não lembres por meu mal perdido,
E se eu não posso ser o que antes era,
He melhor esquecer o que héi já sido.

XCVI.

MAl a luz da razão n'alma raiava,
A duas Ninfas vi: huma tão pobre,
Que apenas c'hum sendal delgado encobre
As graças, com que a vista me encantava.

Outra de ricas vestes se arreiava
De fina seda, que o oiro esmalta e cobre;
Mas entre a pompa hum não sei q̃ descobre,
Que humildade, e baixeza respirava.

Eu sem vacillar hum só momento
Da belleza d'aquella arrebatado,
Deixo d'esta o soberbo luzimento.

Ella então me bradou com rosto irado:
„ Pois de deixar-me tens o atrevimento,
„ Serás sempre no mundo desgraçado.

XCVII.

QUem he este Varão de luz cercado,
Que com seus raios todo o ar povoa,
E da Gloria ao difficil Templo voa,
Nos braços das Virtudes sustentado?

Bramindo ás suas plantas jaz prostrado
Da Inveja o monstro, e em vão o ar atroa,
Em quanto a illustre fronte lhe coroa
De cem Genios o Zelo rodeado.

Mas já ás aureas trompas dando alento
A Deosa, que os Heroes honra e premea,
O seu nome publica em alto accento.

„ He o grande Luiz, por elle chea
„ De immenso gozo deixa o firmamento,
„ E torna entre os mortaes a santa Astrea.

XCVIII.

OH bella Higia ! dom do Ceo precioso !
Unico esteio , que os mortaes sustentas ,
Que as forças lhes conservas, que os alentas
Da vida no processo trabalhoso :

Tu Nume , que com o bafo poderoso
As mirradas doenças afugentas ,
Vem arrancar-me d'entre as máos violentas
Do mal , que me consume ; vem piedoso.

Sem ti , Nume gentil , honras , riqueza
De que servem ao misero vivente ,
Bem que esteja no cume da grandeza !

Ah! torna a accompanhar hum descontente,
Que comtigo no seio da pobreza
Sem nome vivirei , porem contente.

XCIX.

COrra, voe a adorar com torpe culto
O Idolo da soberba, o que procura
Os preciosos tesoiros, que a Ventura
Aos bons avara nega, e tem occulto.

Pela terra se prostre, e encense o vulto,
Trema ante a carregada catadura,
Penda do seu acceno, e com brandura
Receba por favor até o insulto.

Que he de outra esfera o Genio q̃ me anima,
Com horror a lisonja vil despresa,
E os dons, que infame offerta, desestima.

Valimento, poder, mando, riqueza,
Não são bens para quem a honra estima,
Se a troco são comprados da baixeza.

C.

HE tempo de voltar o leme, e o pano
A' trabalhada Náo, que ha tanto errante
Surca de Amor o pelago inconstante,
Entregue á discrição do vento insano.

Deixemos pois de todo o Oceano,
Onde me vi mil vezes naufragante,
E o porto, que demora por davante,
Corramos a terrar do Desengano.

Alli pendurarei n'hum poste erguido
Rotas enxarcias, e velame roto,
Deixando em grandes letras esculpido:

„ Elpino, que do Mar, d'Africo, e Noto
„ A's furias escapou, meio perdido,
„ Consagra aos Ceos piedosos este voto.

NOTAS,
E VARIANTES.

CENTURIA I.

SONETO I.

V. 12. Ou como o preso,q̃ em carcere escuro
Espera afflicto o dia assignallado,
Em q̃ expie co'a vida o crime impuro.

II.

V. 6. Que o cruel,que urdia já meus dãnos,

IV.

V. 12. Pois hoje, a pesar do meu destino,
Outro mais bello Sol, q̃ me encobria,
Verei, Nize, no rosto teu divino.
ou Verei, Cloe, em teu rosto peregrino.

V. pendo

V. 1. Vem, orvalhosa Aurora, vem rom-
5. Verás Aglauro,a quẽ eu proprio rendo
7. Mais bella hoje brilhar,co'a luz ardẽte

VI.

Este Soneto, antes de ser assim emendado, foi escrito por Diniz da maneira seguinte.

Eu vejo, ai triste! Amor, Amor irado,
Que com voo veloz me cerca e gira:
Defende-me, oh Razão, da sua ira;
Mas tu tambem me tens desemparado.
Já já o cruel tem o arco armado,
Já o dobra, e com força o dardo atira;
Pelo ar zunindo vem (quem o retira!)
Ai! que já dentro n'alma está cravado.
Cruel... mas q̃ vejo! onde se occultava

Este raro portento? Ah! se a Ventura
Tão doce cativeiro me ordenava;
Para que contra mim a seta dura,
Amor, vibraste? dize, não bastava
De tão formosos olhos a brandura?

VIII.

V. 7. Outras vezes na area o escrevia
Com a ponta do rustico cajado.
Depois de assim passar inteira a tarde

IX.

V. 3. A selva bate, e verás cheas de espanto
A ellas aves mil correr medrosas.

X.

V. 14. Quem vê teu rosto, e Venus náo esquece?
ou D'Ericina por ti Amor se esquece.

XI.

Lê-se tambem deste modo:

Agora que no Oriente vem raiando
De flores coroada a roixa Aurora,
E nos montes, que ornou lasciva Flora,
As mimosas hervinhas vai doirando:
Agora que saudosa lamentando
A ausencia de Tithon, a quem adora,
Vai nas conchas as lagrimas que chora
Em candidos aljofares mudando.
Se alegra o gado, a selva, a fonte fria,
Torna o campo a cobrar sua belleza,
E a renovar as aves a armonia:
Eu me affligo; que he tal a natureza

De meu mal, que os motivos de alegria
Só servem de augmentar minha tristeza.

XII.

V. 4. Que hum confuso clarão ante si via.

XIII.

V. 6. Os mimos, q̃ invejoso Amor ouvia,
9. Quem ha de em teus agrados ter certe-
Se sobeja huma só desconfiança (za
A perder tantos dias de fineza?
Oh Deſégano, a ti volto a esperança,
A ti sómente busco, que a belleza
Por companheira traz sempre a mu-

XIV. dança.

V. 10. *N'hum traslado, onde só se achou este Soneto, lia-se* As agoas: *a mudança pareceo neceſſaria e natural.*

XVI.

V. 13. Eu perdesse de abrillo a confiança,

XIX.

V. 4. Cobrir as luzes do maior luzeiro.

XXIV.

V. 10. E a ella o fero esquadrão voa direito,
Que n'hũ ponto ficou de Amores chea.
O corpo, o collo, o rosto tão perfeito
Ferve em Amores, só por má estrea
Sem amor lhe ficou o niveo peito.
ou E dos Irmãos seguido o Deos menino
A' Ninfa o voo endereçou direito.
Mas fosse acaso, ou do destino effeito,

Ficando de Amorinhos toda chea,
Só sem Amores lhe ficou o peito.

XXV.

Tambem se lê assim:

Nas margens de huma fonte cristallina
Fido, triste Pastor, se recostava,
E c' o pranto as correntes augmentava
No liquido cristal da prata fina.
Impressa na lembrança a peregrina
Imagem da Pastora, a quem amava,
Mil saudosos suspiros derramava,
Em que exhalar o alento determina.
A frauta, com que o bosque suspendia,
Excitado da dor destas memorias,
Quebrando dos penhascos na dureza:
Despedaça-te, oh frauta, lhe dizia,
Pois se hes proprio instrumẽto para as glorias,
Hes impropria a quem vive da tristeza.

XXVI.

V. 7. Seus molhados chinchorros pendu-
12. Eu .. mas doido de mim! que he o
que intento!
ou Mas onde voa o louco pensamento!

XXVIII.

V. 8. Com puro acatamento, oh Deosa bel-
12. Assim a teu amor vejas constante,
Batendo as leves azas de mil cores,
Zefiro suspirar por ti amante.
ou Assim de teu angelico semblante,
Batẽdo em torno as azas de mil cores,

Zefiro suspirar vejas amante.

XXX.

Tambem se acha este Soneto com os quartetos mudados, como se segue.

Que he isto q̃ estou vendo? ou a memoria
Perdi, ou não he esta a praia amena
Do brando Tejo, theatro em cuja scena
Representada vi a minha gloria.

Não he aquella a fonte, onde a victoria
Alcancei dos despresos de Filena?
Nem este o tronco, em q̃ com tosca penna
Entalhada deixei a doce historia?

Que ttiste, que diverso, que mudado
Hoje tudo a meus olhos se figura,
Do alegre tempo por meu mal passado! &c.

XXXI.

V. 8. Com as Ninfas do Tejo assim fallava:

XXXII.

V. 6. A tão bello de Amor doce instruméto

XXXIV.

V. 1. Por hum Valle coberto de boninas
O Mondego corria saudoso;
Bordando o prado ameno e deleitoso
De madresilva, rosas e cravinas.
Nos salgueiros as aves peregrinas
Hum concerto formavão sonoroso;
10. Assombrados de ouvir seu triste pranto, to.
14. Cobre-se o valle de horroroso espan-

XXXVIII.

V. 13. A' q̃ eu mesmo formei cruel Deidade,

XL.

V. 1. Vem, oh saudosa Tarde, derramando
Teus esp'ritos suris pelo ar sereno,
E a calma, em que o Sol queima este terreno,
Com teus frescos influxos mitigando.
Por tuas vitaes auras esperádo &c.

13. E esta branca ovelhinha reverente
Te offrecerei croada de mil flores.

XLI.

V. 5. Este pé de jasmins, oh bella Flora,
Q' em teu nome seguro á terra mando,
Fecunda Deosa, o teu influxo brando
Seus tenros ramos exprimentem ora.

XLII.

V. 1. A' beira de hum ribeiro, q̃ esmaltava
De cheirosas boninas a campina,

XLIII.

V. 8. Em teu seio recebe hum affligido.

XLIV.

V. 11. A Razão do Amor talvez triunfante.
ou Deste monstro a Razão talvez triunfante

12. Mas vendo o cruel minha resistencia.

XLV.

V. 13. Invisiveis faiscas sintillando
Produzem em meu peito mil amores.

XLIX.

V. 7. Outra vez me desperta, e á costumada
Afflição torna o peito lastimado.
Ave importuna, a garrula porfia
Deixa, deixa que á idea vacillante
Tregoas dê por hũ pouco esta agonia.
Deixa-me descançar hum breve instante,
Póde ser que durmindo a fantasia &c.

L.

V. 4. Me leva ao alto cume d'hum oiteiro.
6. Quãtos passos já dei para meu dãno;
O carcere, as cadeas e o engano
Desse monstro cruel e lisonjeiro.
13. Para cahir por terra a confiança,

LIII.

V. 2. Sahio a minha Auliza pelo prado,
5. Sentindo dentro em si os seus ardores
14. De teu gesto sobeja a formosura.

LIV.

V. 6. Nos encantos, Aglaia, embevecido,

LV.

V. 3. Pois o vento levou tanta esperança,
8. Seus olhos ama mais q̃ o proprio gado.

LVII.

V. 11. Imitadora fiel na dura sorte.

LVIII.

Este Soneto foi tambem escrito por Diniz do modo seguinte.

Solto o longo cabello, que encobria

O lindo rosto, os olhos lagrimosos,
Presas as mãos, com passos vagarosos
Policena a morrer se conduzia.
Em vão Hecuba freme, em vão corria,
A Pirrho em vão, aos Guardas rigorosos
Que a matem pede em brados lastimosos,
Que nada os feros peitos cómovia.
Em tanto ás Aras chega Policena,
E vendo já alçada a espada dura,
Soltando a doce voz que o ar serena:
„O golpe descarrega (diz segura)
„Que morte que póe fim a tanta pena
„Mal não póde chamar-se, mas ventura.

LIX.

V. 1. Esparzido o cabello, que movia
O Zefiro em ondados resplandores,
Colhêdo a branca Auliza varias flôres
Pelas margens do Tejo discorria.
Elpino, Pastor triste, que vivia &c.
10. Unindo as rosas n'hũ gentil trançado,
Cantando assim dizia: Auliza bella,

LX.

V. 13. Se a vires, nem quereis perder o siso,

LXII.

V. 9. Assim cantava Alceo, e Amor que estava
Entre huns freixos, sorrindo-se, de Alcida
Os bellos passos para alli guiava.
Vio-a o Pastor, e á musica subida
Mudando a letra, Amor, continuava,

Aceita em sacrificio a minha vida.

LXIII.

Eis-aqui o Soneto, que depois Diniz emendou do modo porque se imprimio.

Duros grilhões de Amor, duros enganos,
Que ha tanto me enleais a fantasia,
Dizei quando será o feliz dia,
Que eu veja em paz o fim destes meus dános?
Depois de tantas horas, tantos annos
De pranto, de rigor, e de agonia,
Inda não quer a vossa vá porfia,
Me aproveite esta vez dos desenganos?
Ora pois se inda teima a crueldade
De vossa semrazão, o entendimento
Vença as cegas lisonjas da vontade.
Desfaça-se o grilhão, calque o violento
Jugo triunfante a doce liberdade:
Mas por mais que forcejo, em vão o intento.

LXV.

V. 1. Sê ordem o cabello, q̃ lhe ornava &c.
ou Perdida a antiga fama, que levava
Té ás Estrellas sua formosura;
Rota em partes a rica vestidura,
Do Tempo á discrição Lisia vagava.
12. Que premio igualará tanto desvelo!
Ah! cinja a croa illustre a vossa frente,
E os crueis montros o vejão, q̃ domas-

LXVIII. te.

V. 6. Para quem de continuo neste ensejo
As redes lanço, o verde carangüejo

E as ostras colho nessa penedia.

LXIX.

V. 12. Longe de Alfesibeo a cruel pena,
Os váos cuidados fujão, e a desgraça;
Que Baccho ebrifestivo assim o or-
LXXII. dena.
V. 9. Eu q̃ bem por acaso alli me achava
LXXIII. perança,
V. 13. Que engolfando-te atraz de huma es-
Não vês q̃ o mar te ameaça tempes-
LXXV. tade.

O Autor alterou este Soneto formando outro que aqui transcrevemos como Variante delle.

Já fugindo da Aurora os resplandores,
Se não via brilhar nem huma estrella,
Quando Cinthia, do Tejo Ninfa bella,
Pelo prado sahio a colher flores:

Em seus olhos levava o Deos de amores,
Que nelles se escondia com cautela,
Para poder a quem chegasse a vela
Facilmente abrasar com seus ardores:

Fido, que acaso a vio quando passara,
Estas palavras com a foice abria
Na dura penha d'huma fonte clara:

„ Ai Pastora tão bella como impia,
„ Por Deosa o coração te idolatrara,
„ A haver nas Deidades tirannia.

LXXVIII.

V. 1. Combatido baixel, que contrastando

O liquido furor desse elemento,
Sempre em cruel continuo movimẽto
As empoladas ondas vás surcando.

LXXXI.

V. 14. Que onde sobra o amor falta a ven- tura.

LXXXVII.

V. 9. Insta Anfrizo em seguillo, e tanto o cansa,
Que n'hum Loiro de frio susto cheio
Já quasi que o travesso Deos alcança:
Quando Aglaia apparece, e o temor feio
Depondo Amor, ao collo se lhe lança,
E depois se escondeo no branco seio.

LXXXIX.

V. 1. Sabio e nobre Garção, q̃ ao eminente
Cume do monte ás Musas consagrado
(Exemplo aos que te seguem) tens te.
chegado,
E cinges de hera e loiro a altiva fren-

XCII.

V. 3. Semea o doce Zefiro as Campinas,

XCVI.

V. 14. Merecido castigo de teus erros.

XCVIII.

V. 14. Que na armonia vencerás seus rin- chos.

XCIX.

V. 11. Constante na inconstante ligeireza.

C.

Existe outro Soneto de Diniz, muito semelhante a este: he o que se segue.

Outra vez a beijar, oh doce Tejo,
Torno esta area; mas quão differente
D'aquelle alegre tempo em que contente
Lograva a maior gloria o meu desejo!
Então feliz me vi, hoje me vejo
Perseguido da sorte, e descontente,
Buscando a solidão, fugindo a gente,
Ultimo allivio que em meu mal elejo.
Se estará satisfeito o cruel Fado
De ver-me andar vagando desta sorte
Sem pastora, esperança, aprisco, gado?
Temo que não, que o seu impulso forte
Se se empenha em fazer hum desgraçado,
Não descança senão com dar-lhe a morte.

SONETO V.

V. 3. Menos vivo não sinto o devorante
Fogo, em q̃ Amor intenta q̃ eu pereça.

X.

V. 9. Se queres ser no mundo afortunado,
Vem da Lisonja ao Templo, que eu te guio,
Pois da Virtude sempre fui contraria.
Basta, então lhe tornei, Fortuna varia,
Eu mais prezo a Virtude em pobre estado,
Que da Lisonja os dons e o senhorio.

XVII.

V. 1. Amor que nunca pára nem descança
Em urdir travessuras, certo dia
D'huma longa charrua ao jugo unia
Seis bravos toiros, que veioz amansa.

Este Soneto, antes de se emendar, era do modo seguinte:

Arco e frechas Amor cruel depondo,
Huma aguilhada toma, dependura
Aos hombros hum Çurrão, e assim procura
Para a rude lavoira ir-se dispondo.
O jugo na cerviz d'huns bois impondo,
Começou a lavrar, e á terra dura
Lançando liberal a semeadura,

Disse, nos altos Ceos os olhos pondo:
„ Oh tu, que o raio vibras crepitante,
„ Faze que neste campo o semeado
„ Trigo nasça de espigas abundante:
„ Senão, qual por Europa transformado
„ Do mar surcaste o liquido inconstante,
„ Olha que has de puxar por este arado.

XVIII.

V. 7. Em immenso prazer toda banhada,

XXVIII.

V. 12. Porem tornando em si, Ninfa, dizia,
Por te querer perdi vida e descanço,
Perdi redes, perdi quanto podia.

XXX.

V. 3. Pois assim mesmo em aspera batalha

XXXI.

Nota. Estando o Senhor Theotonio Gomes de Carvalho glosando huma Cantiga, se queixou ao Autor, que se achava presente, da falta de hum consoante. Corria huma voz inda que falsa de que o Pina tinha morrido; rompeo então o Autor neste Soneto, na maior parte extemporaneo.

XXXIV.

V. 13. Se a Ninfa do traidor vendo a fereza,

XXXVIII.

V. 9. Quando Proteo sahe da agoa cristalina,
E, onde vás, lhe bradou, moço atrevido?

Volta, deixa a que buscas longa terra,
Que alli só Pluto os corações domina.
Disse, e a proa virar manda Cupido,
E o porto, q̃ deixára, outra vez terra.

XXXIX.

V. 1. Seguindo os Esquadrões de Amor tirano,
Grão tempo peleijei gloriosamente;
E em cem combates a soberba frente
De verdes mirtos coroei ufano.
De mil Ninfas o orgulho e fausto insano
A meus pés submeti, domei valente;
E de immensos despojos ricamente
Ornei de Gnido o templo soberano.

LIII.

V. 8. Se juntas outra vez as contemplava.
14. Nunca a fatal sentença proferira.

LX.

V. 11. Respondei-lhe do horror da soledade.

LXIII.

A este Soneto he muito semelhante o que se segue:

D'huma horrivel tormenta combatido,
Vou surcando de Amor o mar irado,
Até que chegue ao porto desejado,
Do velho Desengano soccorrido.
O dãno na borrasca padecido
Alli esquecerei, e socegado
Verei outro, da praia, andar a nado

Lutando com o mar embravecido.
E o risco, que passei, attento vendo
Das ondas pintarei a crueldade,
Por debaixo estas letras escrevendo:
„ Ninguem se fie da felicidade;
„ Que o mar se está bonança promettendo,
„ Se ensaia para grande tempestade.

LXVII.

Este Soneto foi tres vezes mudado pelo Autor em outros tantos Sonetos que exprimem a mesma idea, ainda que com muita diversidade de palavras; dois delles se imprimem neste lugar, e o terceiro que começa: Em quanto livre e sem amar vivia, *se imprimio no corpo da Obra a pag.* 284 *porque he o menos semelhante aos outros. Os dois Sonetos são os seguintes*:

Primeiro.

Sem conhecer Amor feliz passava
A noite com socego, alegre o dia,
Se algum cuidado então me divertia
Era augmentar o gado que guardava.
Na barra, luta e baile me empregava,
Onde sempre os louvores conseguia;
Talvez cantando ao som da fonte fria,
O bem da liberdade celebrava.
Quiz vingar-se de mim esse Deos cego,
E por ter a victoria mais segura,
Em teus olhos me assalta, amado emprego.
E logo (ah quanto póde a formosura!)

Converteo-se em desvelos o socego,
A doce liberdade em prisão dura.

Segundo.

Livre e contente sem Amor passava
A noite com socego, e ledo o dia;
De meu gado na doce companhia,
O seu augmento só me desvelava.
Se delle algum Pastor se me queixava,
Então muito seguro lhe dizia:
Quem a serpe no peito nutre e cria,
De seu veneno em vão se queixa e agrava.
Mas o monstro cruel, que ha muito attento
Os longos olhos tinha em mim fixados,
A estes campos me trouxe fraudulento.
Nelles vi os teus olhos engraçados,
E desde então o gado, que apascento,
São, Aonia, ciumes, são cuidados.

LXIX.

V. 10. Ariadna frenetica, apontando

LXX.

V. 13. Esse que faz tremer a mortal gente,
Contra nós mesmos nós mortaes t'o

LXXII. damos.

V. 1. Arrastando grilhões, de huma esperança
A desgraçada vida o preso alenta;
7. Que huma doce illusão lhe representa
Do triste estado proxima mudança.
ou Vai perdendo o q̃ joga, e na mudança
Da sorte restaurar o dáno intenta:

Vai morrendo o enfermo, e na violéta
Morte inda tem na saude confiança.
12. Eu só de tanto allivio vivo izento.

LXXV.

Nota. A pouca distancia do porto de Villa-Velha, corre o Tejo por entre dois altos montes de finissimo marmore, formando huma especie de garganta, a que chamão as portas do Rodão. Pelas influencias do Marquez de Pombal se fez o mesmo rio navegavel até ao porto de Villa-Velha, que fica dentro desta garganta. Junto do porto havia huma Fazenda e Casas, em cuja porta se vião as armas do Marquez, que são huma Estrella entre huma quaderna de crecentes. Estas circunstancias derão causa ao presente Soneto.

LXXVI.

A este Soneto, especialmente no primeiro quarteto, he muito semelhante o seguinte:

„ Esta planta gentil (planta ditosa,
„ Nunca do frio Inverno a mão gelada
„ Teus verdes ramos creste; antes copada
„ Sempre crecendo vás, sempre viçosa!)
„ Esta planta gentil, Venus formosa,
„ Hoje deixo ao teu nome consagrada,
„ Que á sombra de seus ramos recostada
„ O mais feliz me fez Clori piedosa.

Isto Anfrizo no verde tronco abria

D'hum Sicomoro, o qual de espaço a espaço
Tremendo de florinhas o cobria.
E a Pastora gentil ao mesmo passo
Cantando huma Capella lhe tecia
De mil flores, que tinha no regaço.

LXXVIII.

V. 5. Entre o longo processo de acções tan-
tas.
Seja huma amparar hum desvalido:
Ah! que para por ti ser protegido,
Sobra-lhe o ter chegado ás tuas plan-
nárão,
Os Varões como tu, que a terra or-
De castigo e clemencia exêplos dádo,
Da Gloria no sublime têplo entrarão,
Temerarios soberbos derribando,
Que quaes Cedros do Libano se alça-
rão,
A virtude e os humildes amparando.

LXXXIII.

V. 12. A Virtude he quem só sigo constante,
E como nada temo, nem espero,
Sem ti vivo feliz, Nume inconstante.

XC.

V. 1. Ah Coridão! fujamos, que no monte
Amor anda de frechas carregado;

XCI.

V. 10. Pois cri ao ver a fragil contextura,
Que sé pena os faria em mil pedaços.
Mas castigou Amor minha loucura,

XCII.

O Soneto XCII. he emenda do seguinte:

Não mais, Amor, q̃ eu já me não defendo:
Venceste em fim; estou desenganado
Do teu grande poder, e já cansado
As leis do vencedor humilde attendo.
Da resistencia as armas já te rendo;
E a teus divinos pés hoje prostrado,
Segunda vez ao jugo carregado
A trilhada cerviz humilde estendo.
Eis-aqui tens a vida e liberdade;
Orna com ellas (pois me vês rendido)
De teu triunfante carro a magestade.
Só piedade te peço enternecido;
Que offende dos triunfos a vaidade
Correr da espada o sangue do vencido.

XCIII.

V. 3. E ás praias, q̃ deixei, a proa e o pano
Virar arrependido em vão intento.
9. Se vós me não valeis, oh Ceos piedosos!
Como posso sem leme e sem piloto
Pairar ao mar, aos ventos procellosos!
Mas ai! q̃ meu baixel aberto e roto
Sorvendo vão os mares tormentosos,
E cada vez mais alto sopra o Noto.

XCIV.

V. 14. Minha Lira ornará e minha frente.

XCV.

V. 7. E as cores, q̃ em teu rosto poz Natura,

As flores q̃ nas margens vai regando.

XCVI.

V. 2. A clava no nervoso braço alçado,
5. Em vão assobiando o mõstro espera,
E as conchadas cabeças vibra irado;
Que em fim cede ao valor do braço armado,
Que o abate, o estronca, e o dislacera.
14. Queres domallo? foge a sua ira.

XCVIII.

Este Soneto lê-se tambem do modo seguinte:

Navegante, que vê em noite escura
Tornar-se a luz do Sol apetecida,
E das ondas a furia embravecida,
Que a destroçada náo tragar procura:
Pallido e semivivo treme e jura
Dos mares náo fiar-se á paz fingida;
Porem se a seu furor escapa a vida,
Torna a embarcar-se, e a tentar ventura:
Assim eu, que me vi quasi perdido
No mar de teu amor, tinha jurado
Fugir desse teu rosto fementido.
Mas a vello tornei com tal agrado,
Que dos antigos votos esquecido,
As ondas surco, a que fugi a nado.

SONETO IV.

cheio,

V. 1. Brincando Amor de gloria e prazer
De Egle cercava o rosto delicado;
E na boca, nos olhos e trançado
Em mil giros lhe salta sem receio.
9. Egle que n'hum pesado sono o via,
11. Acorda, quer voar, e não podia.
14. Amor fixar, fazello permanente.

VIII.

V. 1. Vem, oh brilhante Fosforo, do dia
Risonho precursor, e ao Sol luzente
Abre as purpureas portas do Oriente,
E á terra os seus raios annuncia.
8. Por ver no Solio a immortal Maria.
Hoje ao Real trono subirão cõ ella
A luminosa Fé, a Caridade,
E as mais Virtudes, q̃ seu peito zela.
A terra brotará a sã verdade,
E de seu Cetro á sombra illustre e bella
Outra vez verá Lisia d'oiro a idade.

X.

Já do dia o Planeta luminoso
De luzes vẽ cobrindo o verde prado,
Já leva para o pasto o manso gado,
Tocando a doce frauta, Nemeroso.
Já na floresta o roixinol saudoso

Se queixa do parceiro separado,
Já no monte Silvandro acautellado
C'os cães segue o coelho temero-
XIV. so. &c.

V. 9. Tanto q̃ pronta esteve a cruel arma,
Amor no arco a aponta, e destramẽte
Para provalla é mim fero o desarma.
Rõpeo-me o coração, ficou contẽte;
Pois dês que o arco tormidavel arma,
Nunca desparou seta mais ardente.
XVI.

V. 5. Não amo as faces, que na cor lustrosa
Vêcem as mais purpureas, finas flores,
Nem a boca gentil, onde os Amores,
Onde as Graças morada tem gostosa.
XIX. ranno,

V. 10. Que era mais duro Amor, e mais ti-
XXII. escura

V. 12. Crece Alicuto em bens, que a noite
E o dia dorme, não trabalha hum'ho-
XXXII. ra.

V. 4. Vê de trevas cobrir-se o firmamento:
Que do mar pelo bravo movimento

12. Mas ai d'hum triste, a quem irada a sorte
Com tal furia combate e tal fereza,
Que só por esperanças tem a morte.
XXXIV.

V. 5. Mas as sagradas flores do Permesso,
Que da Inveja a pesar colho triũfante,

E com q̃ á fronte dos Heróes radiante
Diademas immortaes ufano teço.

XXXIX.

V. 9. Oh se algum'hora seu furor se a- mansa,
ou Oh se algum dia a prospera bonança
Ao porto me levar tão suspirado,
Sem recear dos ventos a mudança!

XLII.

V. 9. Assim eu em teus mimos confiado,
Largava as cheas velas da esperança
No vasto mar de Amor todo ẽgolfado.
Mas ai triste!no meio da bonança
De ti me vejo, infiel, desemparado,
Entre as Sirtes crueis d'huma mu- dança.

XLVIII.

V. 4. De alto Estado cabeça conhecida.

LIII.

V. 9. Constante na carreira começada
Prosegue,bem q̃ a veja a cada instãte
De penhascos e abrolhos semeada.
Pois a Virtude,a quem segue cons- tante,
O conforta,e no fim de aspera estrada
Em seu templo o coroa triunfante.

LVI.

V. 4. Que em vão cerrava o tripartido dẽte.
6. Sulcando agora ousada os vagos ares,
Vai registar de perto os luminares,
10. E as procellas vai ver na patria sua,
Com q̃ o Ceo furioso nos faz guerra.

13. Não contente talvez da baixa terra,
LVII.
V. 10. Se dispõe a passar o mar agreste,
Que entre Gallia e Britania he forte
LIX. muro.
V. 1. O lasso Marinheiro, a quem desterra
Da cara Patria seu mesquinho Fado,
8. Mas triste! em breve vê voar a terra.
10. Egle, espero; se vulto ou sombra vejo,
Cuido, meu bem, que hes tu, que estás presente.
Mas oh! q̃ he illusão de amor sobejo
Logo conheço, e então minha alma sente,
Quanto custa a quem ama hum vão
LXI. desejo.

Este Soneto he formado sobre o que agora se transcreve, o qual ficou incompleto:

Hoje, Marilia, ás tuas mãos divinas
Em meus versos a triste historia chega,
Que em mim tecerão a Fortuna cega,
E o Amor insaciavel de ruinas.

Nella verás, se a vista a ella inclinas,
As affrontas, os males a que chega
Quem sē fortuna a Amor cruel se entrega,
Quem escolhe prisões talvez indinas.

Mas se teu coração, Marilia, ao lella
Algumas mostras der de sentimento,
Quanto feliz será a minha estrella!

Eu porei fim ás queixas e ao lamento,

. . . . . .

. . . . . .

LXVI. mano

V. 7. Pois de ambos renascer no peito hu-
Via os Genios no Principe excellẽte.

LXVIII. do !)

V. 1. De dois soberbos Numes (desgraça-
Apenas em nascendo vi o dia ,
Pelas Parcas crueis com tirannia
Fui ao louco capricho consagrado.

LXXII. grulhas

V. 1. Em vão , Matuzio vil , gralhas ou
Em máos versos , como he teu máo

LXXVI. costume ;

Resposta de Feliciano Alves da Costa ao Soneto precedente.

Não será de Benguela a boçal gente ,
Que me enterre na rustica Campina ;
Lá não me ha de levar amor da china ,
Cá pobre vivirei , porem contente.

Eu cá não tenho a morte tão presente ,
Passo sem Zebra , e mais sem pelatina ,
Não gasto hum chavo na amargosa quina ,
Não me accomete febre alguma ardente.

Nessa asneira não cahe Feliciano ,
Ir-se tornar de pardo em amarello ,
Soccesso , que ha de ter antes d'hum anno.

Da Patria não me irei, pois sem murselo
N'ella gozo saude muito ufano :
Perdella por dinheiro , he ser Camelo.

LXXVIII.

V. 4. Vens em sincero affecto contrafeito.

LXXIX,

V. 12. O que fora não sei, sei que arrastado
De teu capricho adoro o cativeiro
E fortuna he para mim ser enganado.

LXXXI.

V. 3. Q' de Amor trásportado o dom divino
Em extasis gostosos aguardava.

V. 14. O remedio ao q̃ causas voraz dãno.

LXXXII.

V. 1. Em quanto as Leis d'Amor não co-nhecia,
Vivi em doce paz, sem mais cuidado
Que guardar pelas veigas o meu gado
Dos crueis lobos, que este mato cria.

LXXXIV.

V. 12. Que queres? que a cadea vergonhosa
Não rompa, e seja fabula das gentes?
Ah! não o esperes, não, Ninfa aleivosa.

XCI.

No anno de mil setecentos e noventa, achando-se o Autor em Lisboa, recebeo huma Ode anonima feita á Rainha N. S. debaixo do seu sobrescrito: conheceo o mesmo Autor que era da Illustrissima e Excellentissima Condeça de Vimieiro, e lhe fez este Soneto que lhe remetteo da mesma forma.

XCIII.

V. 5. Vejo q̃ canso em vão por arrancar-te

D'entre os braços de quem te goza

XCV.

V. 1. Vão pensamento meu, q̃ a toda a hora
Com passadas vẽturas me atormẽtas,
E sem cessar á lembrança me apresentas
Essa gloria que foi e nunca fora.
O feliz tempo passou, e já agora
Quanto sinto não são senão tormẽtas;
Pois para q̃, cruel, a dor me augmẽtas?
A hum misero o q̃ foi seu mal peora.

XCVII.

V. 5. Bramindo de seus pés atropellado
O monstro da ambição o Mũdo atroa,
Em quanto a fronte excelsa lhe coroa
O santo amor á Patria consagrado.

FIM.

INDICE

Dos Sonetos, que se contem neste Volume.

N. B. *Todos os que se não encontrárão escritos da propria Letra do Autor, vão notados com este sinal* *

A Dafne, que veloz delle fugia. pag. 196.
A' fama vil da fuga vergonhosa. 159.
A Fortuna e Amor se conjurárão. 221.
A hum Mercurio de cedro, que adorava. - - - - - - - - - - 209.
A simples avezinha, que roubado. 90.
* A' sombra d'hum Coqueiro corpulento. - - - - - - - - - - 205.
A' tua sombra foi, frondente ulmeiro. 179.
Abre, brilhante Fosforo do dia. 210.
Absorto entre as tres Deosas duvidava. - - - - - - - - - - 155.
Agora dessa ingrata no regaço. - 109.
* Agora, que da Noite vem rasgando. 13.
Agora que no Oriente vem raiando. 306.
Agora que o Sol vai para o Occidente. - - - - - - - - - 28.
Ah barbara Fortuna! onde o violento. 97.
Ah Pastores, eu morro! neste prado. 114.
Ai triste! o oitavo Lustro he já passa-

do. - - - - - - - - - - 101.
Alma triste do Pina, que orgulhosa. 133.
Alto Senhor, que o Nome teu levantas. - - - - - - - - - - 180.
Amado Tejo, a Deos, que o meu destino. - - - - - - - - 240.
Amenos bosques cheos de verdura. 108.
Amor, bradava Elpino delirante. 150.
Amor, famoso artifice d'enganos. 156.
Amor, o mais tiranno dos tirannos. 172.
Amor, que astuto intentas em meu peito. - - - - - - - - - 280.
* Amor, que contra mim está á lerta. 191.
Amor, que de mil triunfos vás ufano. 132.
Amor, que solto do grilhão primeiro. 18.
Amor travesso, que jámais descança. 119.
Ante as tremendas Aras de Cupido. 39.
Ao longo d'hum ribeiro, que bordava. - - - - - - - - - - 85.
Ao som dos remos, com que o mar fendia. - - - - - - - - - 70.
* Ao ver como brotava florecente. 268.
Aonia, amada Aonia, a Deos, que o Fado. - - - - - - - - - 202.
Aquelle, que me inflamma, ardor violento. - - - - - - - - - 289.
* Aqui deste agro morro na aspereza. 253.
* Aqui deste Sepulcro entre os horrores. - - - - - - - - - - 265.
* Aqui entre estas arvores viçosas. 11.

Aqui foi junto desta fonte pura. 121.
* Aqui onde com bruta crueldade. 249.
* Aqui sentado neste molle assento. 16.
Arco e frechas Amor cruel depondo. 317.
Arrojando o grilhão, d'huma esperança. - - - - - - - - - 174.
As pesadas cadeas, que arrastava. 46.
* Aurea Lira, que tens d'immortal Croa. - - - - - - - - - 184.

* Basta, Aonia, que eu já me não defendo. - - - - - - - - - 194.
Batendo Amor as azas susurrantes. 219.
Bella flor, pela bella mão colhida. 222.
Bem conheço, Marilia, o feo engano. - - - - - - - - - - 281.
Bem conheço quanto erro em adorarte. - - - - - - - - - - 295.
Bem que a neve dos annos a cabeça. 107.
Bosques de Arcadia, bosques venturosos. - - - - - - - - - 118.
Brincando Amor voava sobre as flores. - - - - - - - - - - 26.

* Caminhante, esta ás Nuvens levantada. - - - - - - - - - - 252.
Cantando ao rouco som dos duros ferros. - - - - - - - - - 144.
Colhendo hum dia conchas d'entre a area. - - - - - - - - - 130.

Com cem grilhões atada n'hum penedo. - - - - - - - - - 260.
* Com máres verdes, e ponteiro vento. 195.
Conheço o teu engano, mas que importa. - - - - - - - - - 294.
Corra, voe a adorar com torpe culto. 301.
* Corre já entre Serras escarpadas. - 251.

Da America no rumo do Oceano. 140.
Da bella Mãi perdido Amor errava. 12.
Dá-me, meu Coridão, dá-me esse vaso. - - - - - - - - - 166.
Da Região do Tartaro sombria. 14.
Daqui neste penhasco alcantilado. 87.
D'alvas flores croada, e d'alegria. 120.
D'aquelles fios d'oiro que ondeados. 135.
De beijos hum cestinho Amor enchia. 74.
De cem travessos candidos Amores. 79.
De doirados alambres huma Croa. 113.
De dois Numes crueis ao braço irado. - - - - - - - - - - 270.
* De hum occulto punhal Psiques armada. - - - - - - - - - 207.
De huma falsa piedade conduzido. 115.
De huma horrivel tormenta combatido. - - - - - - - 165., 319.
De longas experiencias adargado. 190.
De tirannas lembranças combatido. 227.
Debaixo dos pendões d'Amor insano. 141.
Dedalo em seu engenho confiado. 259.

* Deitado á sombra da copada vela. 262.
Dentro em minha cabana em paz hum dia. - - - - - - - - 72.
Desenganado está meu pensamento. 15.
Desgrenhado o cabello, que lhe ornava. 67.
* Do mais alto do Olimpo attentamente. - - - - - - - - - 267.
Do Troiano infiel desemparada. 138.
Doce Liraleis de novo o mar se altera. 203.
* Duro Carvalho annoso em alta serra. 255.
Duros grilhões d'Amor, duros enganos. - - - - - - - - - 313.

Eis as azas batendo brandamente. 94.
* Eis hum novo Thrasão temos na Scena. - - - - - - - - - - 168.
* Eis rompe no Oriente o feliz dia. 246.
* Elisia, que brotar ufana via. - - 266.
Em Aglaia não amo a luz formosa. 218.
* Em doce paz gostava venturoso. - 4.
Em fim, graças a Amor, he esta a choça. - - - - - - - - - 83.
Em fim torno a beijar, oh patrio Tejo. - - - - - - - - - 102.
* Em meus versos ás tuas mãos divinas. - - - - - - - - - 263.
Em quanto a doce cithara tangia. 282.
Em quanto Anfrizo seu jardim regava. - - - - - - - - - 89.
Em quanto d'hum Cordeiro tosquia-

va. - - - - - - - - - - 176.
Em quanto livre e sem amar vivia. 284.
Em quanto o Sol as redes lhe enxugava. - - - - - - - - 82.
* Em quanto por Amor não suspirava. 169.
Em saudosas lembranças elevado. 17.
Em soberbo baixel cruza animoso. 54.
Em torno de Mirrale sem receio. 206.
Em vão batendo lisonjeira as pennas. 185.
Em vão, Mevio loquaz, grasnas ou grulhas. - - - - - - - - 274.
Em vão, perfido Amor, em vão procuras. - - - - - - - - 243.
Enterrado o punhal no peito brando. 137.
Entre guardas, e ao som que o ar cortava. - - - - - - - - 60.
Entregue toda a noite a meu cuidado. 51.
Era alta noite, e em horrido chuveiro. - - - - - - - - - - 233.
* Era alta noite e placida luzia. - 181.
Esparzido o cabello crespo e loiro. 290.
Espessas nuvens cerrão n'hum instante. - - - - - - - - - - 242.
Essa, que choras com piedoso pranto. 48.
Esse barco que corta velozmente. 230.
Esta Arvore gentil (Planta ditosa. 178.
Esta d'alvos jasmins fresca capella. 30.
Esta de Javalí cabeça horrenda. 93.
Esta planta gentil (planta ditosa. 322.
* Esta que a poucas casas reduzida. 250.

* Esta que com a fronte os Ceos arrosta. - - - - - - - - - - 247.
Estava eu com Licori á sombra fria. 193.
Este Altar, que devoto aqui levanto. 49.
Este cesto d'Anxovas saborosas. 73.
Este de castas rôlas par mimoso. 20.
Este infeliz Letreiro, que cortado. 57.
Este o Templo, esta a Pira onde se rendem. - - - - - - - - 111.
Este ouriço cacheiro, que goloso. 92.
* Este que contra o mar corre vaidoso. 254.
Eu morro nesta ausencia, se a piedade. - - - - - - - - - 275.
Eu vejo, ai triste! Amor, Amor irado. 305.
Eu vejo, ai triste! vejo Amor, que irado. - - - - - - - - - 8.
Eu vi (vista cruel!) toda banhada. 38.
Evohé, grande Baccho, tu m'inspira. 71.

* Fertil em pomos d'oiro produzia. 279.
* Ficção da Grecia foi, que antigamente. - - - - - - - - - 248.
Fita a vista no facho, que o guiava. 122.
Forma em seu curso o Tejo hum fundo pego. - - - - - - - 177.
Francisco invicto, raio de Mavorte. 147.
Fujamos, Melibeo, q̃ anda no monte. 192.
Fuliginosos Ciclopes suavão. - 216.

Gemi, cantei: agora gemo, e canto. 103.

Graças, Lise infiel, ao teu engano. 225.
Graças te dou, oh sabio Desengano. 40.

He esta por ventura a praia amena. 32.
He este (Amor dizia aos mais Amores) 211.
He tanto e tão continuo o meu tormento. - - - - - - - - - 158.
He tempo, Aglauro bella, já no Oriente. - - - - - - - - - - 84.
* He tempo de voltar o leme, e o pano. 302.
Hoje faz nove dias justamente. 142.
Hoje, Marilia, ás tuas mãos divinas. 329.
Hum braço branco como a mesma neve. - - - - - - - - - 152.
Hum dia Amor as armas temperadas 182.
Hum dia ao som do Tejo descantava, 69.
Hum dia o coração livre voava. 104.
Huma tarde de Maio a colher flores. 55.

Já a neve deixou o altivo monte. 146.
Já as rosadas Horas vigilantes. - 139.
Já do dia o Planeta luminoso. - 212.
Já fugindo da Aurora os resplandores. 314.
Já no roixo Oriente a Aurora raia. 81.
* Já se vai das estrellas apagando. 6.
Já sei que tu não vens sem hum Soneto. - - - - - - - - - 163.
Já surde o grão baixel, Brasil ditoso. 154.
Já te vejo reger a boçal gente. - 278.
Já teus dardos, Amor, não tem valia. 64.

Já vem a Primavera matizando - 237.
Jason. cruel Jason, louca sem tino. 201.
Inda bem não raiava a roixa Aurora. 43.
Inda bem não raiava no Oriente. 77.
* José, em cujo peito o Ceo unira. 264.

Lagrimas, ais, desejos, e esperança. 162.
Levanta, oh Padre Tejo, levanta ora. 99.
* Lira, que ao collo meu sempre pendente. - - - - - - - - - 188.
Livre e contente sem Amor passava. 321.
Longe longe de mim, louca Esperança. 229.
Longe, Ninfas gentis, longe, Pastores. 88.
Lutando com as ondas sem socego. 241.

Mal a luz da razão n'alma raiava. 298.
Mal da Fama o clarim no campo aerio. - - - - - - - - - 143.
Mario, que a Roma do fatal estrago. 129.
Mil aligeros beijos enviava. - - 283.
Misera Náo, que ha pouco ias talhando. - - - - - - - - - 80.
Monstros do escuro Averno, crueis zelos. - - - - - - - - - 189.
Morra o cruel, q̃ o coração me crava. 110.
* Morta Euridice bella, Orfeo ousado. 291.

* Na borda de huma fonte fresca e pura. - - - - - - - - - 145.
Na margem d'hum ribeiro, que borda-

va. - - - - - - - - - - 44.
Nada difficil he á humana gente. 258.
Não mais, Amor, que eu já me não defendo. - - - - - - - - 324.
Não me queixo, agradeço o esquecimento. - - - - - - - - - 96.
Não será de Benguela a boçal gente. 330.
Nas lagens d'huma fonte clara e pura. 27.
Nas margens d'huma fonte cristallina 308.
Nas soltas azas do sonoro vento. 148.
Navegante, que o liquido elemento. 234.
Navegáte,q̃ vê em noite escura. 200.,325.
Neste, que vês raiar, sereno dia. - 41.
N'hùm bosque, onde do Sol aos resplandores. - - - - - - - - 116.
N'hum cristallino espelho,que brilhava. - - - - - - - - - - 214.
* N'hum rico coche por frisões tirado. 245.
N'hum sanguinoso trono, que se alçava. - - - - - - - - - 217.
N'huma furia que fiz este anno á Lapa. - - - - - - - - - 127.
N'huma pequena barca, que cortava. 33.
N'huma rocha, que o mar Siciliano. 164.
N'huma torre de bronze Danae presa. - - - - - - - - - - 106.
Ninfas d'estas florestas,Ninfas bellas. 86.
No liso tronco d'hum viçoso ulmeiro. 22.
No seio d'huma gruta,que o mar lava. 224
No tronco d'huma faia recostado. 98.

Nos olhos de Nigella vi hum dia. 232.
Nuno, flagello do feroz Hespano. 160.

O Lasso navegante, a quem desterra. 261.
* Oh bella Higia! dom do Ceo precioso. 300.
* Oh Carcere feliz! onde a formosa. 5.
Oh Eolo! oh Senhor das tempestades. 228.
Oh impio! tu que clamas: não existe. 124.
Oh que afflicto, que só, que maltratado. - - - - - - - - 183.
Olha (diz a Fortuna, e em continente. 112.
Ondados fios d'oiro lhe guarnecem. 62.
Onde está, Coração, o sentimento. 75.
* Onde quer que me levão meus ardores. 58.
Onde te empégas, oh baixel ufano. 287.
* Onde voas, oh louco pensamento. 186.
Outra vez a beijar, oh doce Tejo. 316.

* Para escudar do Tempo contra os riscos. - - - - - - - - - 256.
Para forjar hum passador brilhante. 238.
* Para Israel livrar do braço irado. 276.
Para ornar os cruentos passadores. 68.
Pintar querendo Zeuxis os primores. 173.
Pois me vejo no horror desta espessura. - - - - - - - - - 125.
Por hum monte coberto de verdura. 25.
Por hum prado esmaltado de boninas. 36.
Por mais que ledo e placido o semblante. - - - - - - - - - 288.

Por me livrar do injusto cativeiro. 52.
* Por Thisbe d'hum fervente amor insano. - - - - - - - - - 187.
Porq̃ as riquezas do soberbo Cresso. 236.
Primeiro, bella Auliza, o manso rio. 29.
Principe singular, Pastor sagrado. 215.

Qual colhe o puro mel na fresca rosa. 136.
Qual pelas fraldas corre do Parnaso. 100.
* Quando a calada noite tem cerrados. 204.
* Quando intentou formar a Natureza. 257.
Quando Jonia quebrar o juramento. 78.
Quando menos das ondas se temia. 244.
Que alegre nasce no Orizonte a Aurora. - - - - - - - - - 226.
Que aziago que foi, que dia infausto. 296.
Que bella, que rosada no Oriente. 175.
* Que consultas no espelho cristallino. 285.
* Que esperas, coração, no louco intento. 9.
Que fresca a noite está! que socegado. 63.
Que he isto, oh Vates! que execravel Furia. - - - - - - - - - 223.
Q̃ he isto q̃ estou vẽdo? ou a memoria. 309.
Que importa dessa carta a falsidade. 153.
Que intentas c'o reflexo cristallino. 126.
* Que intentas, fero Nume, que obstinado. - - - - - - - - - 271.
Que mais queres de mim, que mais pertendes. - - - - - - - - 239.
Que te ame, e não veja determinas. 23.

Quem de falsa infamou a antiguidade. - - - - - - - - - 128.
Quem he este animal, que galopando. 277.
Quem he este famoso Archipoeta. 157.
Quem he este mancebo que librado. 167.
Quem he este Varão de luz cercado. 299.

Raiavão no Orizonte os resplandores. 134.
Roto em Canas o Exercito Romano. 161.

Sabio e illustre Garção, que ao eminente. - - - - - - - - - 91.
Sahimos pela barra com bom vento. 123.
Salve, montes dª Arcadia, onde cantando. - - - - - - - - - 235.
Salve, oh tu Guadiana esclarecido. 45.
Se admiro, bella Auliza, os resplandores. - - - - - - - - - 292.
Se Aglaia ama a Fileno eu não lh'o invejo. - - - - - - - - - 24.
Se alguma vez a Amor chamo tiranno. 56.
Se aureã estrella comigo repartira. 199.
Se castigo quem te ama só merece. 34.
Se contemplo, Treséa, o triste estado. 50.
Se d'entre as negras nuvens Jove lança. - - - - - - - - - 170.
Se da minha fineza o exercicio. 273.
* Se deixando os cuidados e a tristeza. 208.
Se desse activo incendio a atrocidade. 31.
* Se em paga do meu puro rendimento. 286.

* Se essa, que em Lisia pulsas, Lira nobre. - - - - - - - - - 293.
Se minha humilde voz chegara a tanto. 47.
Se ouvindo-me cantar alguem presume. 3.
Se queres (diz a Jonia hum dia Elpino) 37.
Seguindo Amor, que os passos lhe guiava. - - - - - - - - - 231.
Sem conhecer Amor feliz passava. 320.
Sobe da opaca terra produzido. - 21.
Sobre a materia e forma delirando. 149.
Sobre as azas do leve pensamento. 95.
Sobre hum penhasco, donde murmurando. - - - - - - - - - 197.
Sobre huma rocha, que á corrente fria. 117.
Solto o cabello, que veloz movia. 61.
Solto o longo cabello, que encobria. 311.
Sonoro Roixinol, que modulando. 35.
Subido no Zenith o Sol ardia. - 53.
Suspende, ingrata Ninfa, a crueldade. 19.

Tantalo ao Orco horrivel condenado. - - - - - - - - - - 272.
Tecendo hum ramalhete Aglauro ingrata. - - - - - - - - - 105.
Teimoso Coração, ja satisfeito. - 220.
Terçada a pele da Nemea fera. 198.
Theseo! falso Theseo! onde tiranno. 171.
* Todo em seus pensamentos elevado. 10.
* Traze, oh casto Himeneo, a pura chama. - - - - - - - - - - 66.

* Tu choras Lisia? ah não, enxuga o pranto. - - - - - - - - - 269.

* Váns lisonjas de Amor, crueis enganos. 65.
Vão pensamento meu, que a toda a hora. - - - - - - - - - 257.
Vejo cobrir-se o ar de sombra escura. 213.
Vem, oh Noite sombria, e revolvendo. 76.
Vem, oh rosada Aurora, vem rompendo. - - - - - - - - - 7.
Vem, oh saudosa Tarde, vem voando. 42.
Vencido Antonio, acaba glorioso. 59.
Vendo a bulha, que vai no Luso Pindo. - - - - - - - - - 151.
Via o Tempo confuso o ardimento. 131.

Erros.		*Emendas.*
Pag. 52. V.	11. esperança	esperança!
70.	3. desejo)	desejo ,
	4. lhe dizia:	lhe dizia)
140.	12. he conhecido	he conhecido.
172.	8. os teus dãnos	os teus dãnos?
177.	10. Solta vélla.	Solta a vela:
189.	14. Deixa-me	Deixai-me
224.	13. hum'hora	hum'hora:
236.	6. Mas	Nas
279.	7. cubicozas	cubiçosas
314.	14. vela	vella

Alguns outros erros de pontuação e de orthografia, que escapárão á diligencia do Impressor, podem-se facilmente emendar, e por isso se não apontárão.

PQ
9261
C875P6
t.1

Cruz e Silva, Antonio Diniz da
Poesias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 01 04 001 1